

Mariana Schubert Backes

**A RELAÇÃO ENTRE O ENVOLVIMENTO PATERNO E A
ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE CRIANÇAS ENTRE
QUATRO A SEIS ANOS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi

Coorientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Backes, Mariana Schubert

A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos. / Mariana Schubert Backes ; orientador, Maria Aparecida Crepaldi ; coorientador, Mauro Luis Vieira. - Florianópolis, SC, 2015.
146 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Psicologia. 3. Envolvimento paterno. 4. Abertura ao mundo. 5. Desenvolvimento Infantil. I. Crepaldi, Maria Aparecida. II. Vieira, Mauro Luis. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

Mariana Schubert Backes

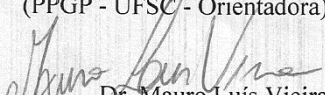
***A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em
pais de crianças entre quatro a seis anos***


Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de fevereiro de 2015.


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP - UFSC - Orientadora)


Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP -UFSC - Co-orientador)


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Daniela Ribeiro Schneider
(PPGP -UFSC - Examinadora)


Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean
(PPGP – USP RP - Examinadora)

Dra. Ariane Kuhnen
(PPGP – UFSC – Suplente)

*Dedico este trabalho à minha mãe,
meu porto seguro.
Ao meu pai, pelo cuidado e amor a
mim dedicados.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela vida e por sempre me abençoar com saúde e paz, fortalecendo minhas escolhas e colocando em meu caminho pessoas muito especiais.

À minha orientadora, querida professora Cida, pelos conhecimentos transmitidos em diferentes contextos em que pude acompanhá-la (clínica, em sala de aula e na pesquisa), pelo apoio, carinho e confiança em mim depositados; por ser um exemplo de profissional e de pessoa que tanto admiro; obrigada por sempre me incentivar a enfrentar desafios fornecendo todo o suporte necessário para que eu pudesse superá-los, você é muito especial.

Ao meu co-orientador, professor Mauro, pela disponibilidade, receptividade e acolhimento no grupo de pesquisa; pelos questionamentos instigantes e essenciais durante a realização deste trabalho; pela dedicação e apoio que sempre proporcionou a mim e aos seus alunos com muito entusiasmo e cuidado.

Aos membros da banca, professoras Carmen Moré, Daniela Schneider e Eucia Beatriz Lopes Petean; agradeço pela atenção, disponibilidade e contribuições para o aprimoramento do meu trabalho.

À professora Carmen Moré, pelas trocas desde a época da graduação e na iniciação científica; agradeço pela confiança e carinho.

À professora Jadete, pelo acolhimento e incentivo à pesquisa; por ter me motivado a fazer a iniciação científica que contribuiu com a trajetória para chegar até aqui.

À professora Andrea Zanella, pelo carinho, aprendizados e incentivo à produção científica durante o estágio na graduação.

À Monica Barreto, pela parceria, torcida e conhecimentos transmitidos durante o estágio em Terapia Familiar Relacional Sistêmica no SAPSI.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realizar o curso de mestrado.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período de realização do mestrado.

Aos pais que participaram da pesquisa, pelo interesse, disponibilidade e confiança durante a coleta, agradeço de coração!

À Eloísa Fortkamp e à Jodete Fullgraf, pela receptividade e auxílio no recrutamento dos participantes.

Aos integrantes do Nepedi e Labsfac, em especial à Carol e Rovana, agradeço pela humildade, escuta, preciosa orientação e ajuda no processo de análise de dados; aprendo muito com vocês! Agradeço, também, ao Erikson, pela paciência e generosidade com a ajuda nos consertos do meu computador.

À bolsista de iniciação científica do Labsfac, Henriette, pela disponibilidade e interesse para me acompanhar durante a coleta de dados e me auxiliar durante esta etapa.

Aos bolsistas de iniciação científica do Nepedi, Isabella, Larissa, João Paulo e Talita pela acessibilidade, disposição e pelas trocas durante as reuniões, estudo piloto e congressos.

À Simone, pelas dicas, envio e empréstimo de materiais e por estar sempre disposta a ajudar.

Aos meus colegas de mestrado, em especial à Larissa, amiga querida com quem sempre compartilhei vários momentos e conquistas; ao João Horr pelo grande encontro e amizade permeados de muitas aventuras, descobertas e risadas; à Mariajosé, pela cumplicidade, parceria e amizade que construímos ao longo deste caminho; ao Antônio, pela amizade, compreensão e por ser alguém com quem sempre pude contar.

À minha mãe, agradeço pelo amor incondicional, pelo exemplo de mulher, otimismo e força que tanto admiro; pelos valores que me ensinou e por me oferecer todo o suporte, apoio, carinho e equilíbrio necessários neste e em todos os momentos da minha vida; Amo você!

Ao meu pai, pelo cuidado, preocupação e amor; por se orgulhar das minhas escolhas e vibrar intensamente com as minhas conquistas.

Ao Richard, pai substituto e amigo que a vida me deu. Obrigada por fazer parte da minha vida, pelo amor, cuidado e por tudo que sempre fizestes por mim. Você mora no meu coração.

À Nina, minha eterna companheira, por me acompanhar nas madrugadas durante a produção deste trabalho e em outras etapas da minha vida me enchendo de amor e carinho a todo momento.

À minha família materna, especialmente tias Vali, Vera e vó Blondina, agradeço pelo carinho, cuidado e acolhimento sempre realizados com muito “paparico” e delícias gastronômicas; Aos meus primos, Luciana e Vinícius, pela força e momentos divertidos que compartilhamos desde a infância. Vocês moram no meu coração!

À minha família paterna, pela torcida, preocupação e carinho em todas as etapas da minha vida.

Às minhas amigas do peito, irmãs que a vida me permitiu escolher, com quem pude rir, chorar, desabafar e onde encontrei carinho

e amor: Aline Brito, Aline Naime, Carla, Clara, Gaia, Júlia, Khiusha, Larissa, Lili, Maria Fernanda e Mikaela.

À Tia Cordélia e ao Vi (Vilson), pelo encontro especial que a vida nos proporcionou, sempre repleto de sintonia e regado com muito carinho e comilanças. Obrigada por vibrarem com cada conquista minha.

Agradeço imensamente a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

BACKES, M. S. **A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos.** 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as relações entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, correlacional e comparativo de natureza quanti-qualitativa, do qual participaram vinte pais de crianças entre quatro a seis anos de idade. Os pais moravam ou conviveram com seus (a) filhos (a) por pelo menos um ano. Os participantes foram acessados por meio de uma Instituição de Educação Infantil em uma cidade do sul do Brasil. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Engajamento Paterno (QEP), Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) e Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno. Os dados quantitativos da pesquisa foram submetidos ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* e analisados de forma descritiva e correlacional. A Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno foi analisada conforme seu conteúdo utilizando-se o software Atlas.ti 5.1. Com a análise dos resultados, emergiram as seguintes categorias das entrevistas: Vivência da paternidade; Responsabilidade; Interação e Fatores que interferem no envolvimento paterno. Verifica-se que os pais descrevem a experiência da paternidade como algo desafiador acompanhado de muitas mudanças. Os pais relatam participar bastante da vida de seus (a) filhos (a) se envolvendo em atividades de cuidado e brincadeiras. Os entrevistados dividem tarefas de cuidado da casa e dos (a) filhos (a) com a esposa e são os provedores do sustento financeiro da família. Os resultados quantitativos mostraram que as dimensões do envolvimento paterno que obtiveram médias mais altas foram, respectivamente: *jogos físicos*, *disciplina* e *cuidados básicos*, apontando para uma participação do pai nos cuidados da criança e na brincadeira, por meio da qual impõe disciplina ao(a) filho(a). As médias mais altas para a abertura ao mundo foram, na sequência: *estímulo à perseverança*, *estímulo a correr riscos* e, por último, *punição*. Constatou-se que os pais mostram-se mais envolvidos com seus filhos do que com suas filhas, assim como, incentivam mais os meninos a experienciarem novas situações e relação com o ambiente

extrafamiliar. No geral, pode-se afirmar que, apesar das diferenças para o envolvimento paterno e abertura ao mundo em função do sexo da criança, os pais mostraram-se envolvidos estimulando-as a explorar o ambiente e vivenciar novas relações com o mundo externo, promovendo sua autonomia.

Palavras-chave: Envolvimento Paterno. Abertura ao Mundo. Paternidade. Relações pai-filho. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

BACKES, M.S. **The relationship between parental involvement and openness to the world in parents of children between four to six years old.** 146 P. Dissertation (Master in Psychology) – Post Graduate Program in Psychology, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

This study is aimed at analyzing the relationship between parental involvement and openness to the world in parents of children between four to six years. It is a qualitative and quantitative study, with an exploratory, descriptive and correlational nature, developed with twenty parents of children between four to six years old. Parents lived together with or lived with their children at least for a year. A Childhood Education Institution in a city in southern Brazil helped with the access of the participants. The used instruments were the Sociodemographic Questionnaire, the Paternal Commitment Questionnaire (PCC), the Opening to the World Questionnaire (OWQ) and a Semi-structured Interview to evaluate the Parental Involvement. The quantitative data were analyzed in a descriptive and correlational way in the Statistical Package for Social Sciences. The semistructured interview to evaluate the parental involvement was analyzed by its content using the Atlas.ti 5.1 software. From the analysis of the results, the following categories emerged from the interviews: the experience of parenthood; responsibility; the interaction and factors that interfere with parental involvement. Was verified that parents describe the experience of parenthood as challenging accompanied by many changes. Parents fairly participate in the life of their children, engaging in leisure and care activities. The respondents split the tasks of housekeeping, children care with their spouses, and they are the providers of financial support the family. The quantitative results showed that the dimensions of parental involvement that scored highest averages were respectively: *physical games, discipline* and *basic care*, those results highlight for a father involvement in childcare and play through which imposes discipline the child. The highest averages in the openness to the world questions were in the sequence: *encouraging perseverance, encouragement to take risks* and finally, *punishment*. It was found that parents are more involved with their sons than with their daughters, as well as they encourage more their sons to experience new situations with respect to the extra-familial atmosphere. In general, we can say that despite differences for parental involvement and openness to the world depending on the sex of the

child, the father were involved with them, encouraging them to explore the environment and experience new relations with the outside world, promoting their independence.

Keywords: Paternal involvement. Openness to the World. Paternity. Father-Child relationships. Child development.

LISTA DE FIGURAS

<i>Quadro 1.</i> Etapas do procedimento de Coleta de Dados.....	59
<i>Quadro 2.</i> Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa	64
<i>Figura 1.</i> Equação para calcular a concordância entre juízes, retirado de Fagundes (1999)	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	59
Tabela 2.....	67
Tabela 3.....	70
Tabela 4.....	71
Tabela 5.....	72
Tabela 6.....	73
Tabela 7.....	74
Tabela 8.....	74
Tabela 9.....	75
Tabela 10.....	76
Tabela 11.....	76
Tabela 12.....	78
Tabela 13.....	139
Tabela 14.....	140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPSH / UFSC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEI - Instituição de Educação Infantil

LABSFAC - Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade

NEPeDI - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil

QEP - Questionário de Engajamento Paterno/*Questionnaire d'Engagement Paternel*

QOM- Questionário de Abertura ao Mundo/ *Questionnaire d'ouverture au monde*

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UM - Universidade de Montreal

UQÀM - Universidade do Quebec em Montreal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 OBJETIVOS	29
2.1 OBJETIVO GERAL	29
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
3.1 A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	31
3.2 O ENVOLVIMENTO PATERNO E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	38
3.3 TEORIA DA RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO	47
3.4 A ABERTURA AO MUNDO.....	51
4 MÉTODO.....	55
4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	55
4.2 CONTEXTOS.....	55
4.3 PARTICIPANTES	55
4.4 INSTRUMENTOS	56
4.4.1 Questionário Sociodemográfico	56
4.4.2 Questionário de Envolvimento Paterno (QEP).....	57
4.4.3 Questionário de Abertura ao Mundo (QOM).....	58
4.4.4 Entrevista Semi-estruturada de Envolvimento Paterno.....	58
4.5 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS	58
4.6 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	59
4.6.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados....	60
4.6.2 Procedimentos para recrutamento e seleção dos participantes	60
4.6.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita.....	61
4.7 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS	61
4.8 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	65
5 RESULTADOS.....	67
5.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS.....	67
5.1.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	67
5.1.2 Caracterização do Envolvimento Paterno	70
5.1.3 Caracterização da Abertura ao Mundo	73
5.1.4 Relação entre o Envolvimento Paterno e a Abertura ao Mundo	76
5.2 RESULTADOS QUALITATIVOS	77

5.2.1 Categoria 1 - Vivência da paternidade.....	79
5.2.2 Categoria 2 – Responsabilidade	83
5.2.3 Categoria 3 - Interação.....	87
5.2.4 Categoria 4 - Fatores que interferem no envolvimento paterno	90
6 DISCUSSÃO.....	95
6.1 CARACTERIZAÇÃO DO ENVOLVIMENTO PATERNO	98
6.2 CARACTERIZAÇÃO DA ABERTURA AO MUNDO E SUA RELAÇÃO COM O ENVOLVIMENTO PATERNO.....	107
6.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PAIS...	95
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
7.1 PRINCIPAIS CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÕES	113
7.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO	116
7.3 DESDOBRAMENTOS PARA A PRÁTICA E ESTUDOS FUTUROS.....	117
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICES	135
Apêndice A – Declaração Institucional.....	135
Apêndice B – Carta Convite	136
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	137
Apêndice D – Informações adicionais sobre os pais e mães (Dados Sociodemográficos)	139
ANEXOS.....	141
Anexo A – Questionário Sociodemográfico	141
Anexo B – Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno .	145

1 INTRODUÇÃO

A família pode ser considerada um sistema ativo em constante transformação (Andolfi, 1984) e constituída por subsistemas que se relacionam e se influenciam mutuamente (Minuchin, 1982). O subsistema parental, especialmente a relação pai-filho, terá destaque no presente projeto de pesquisa, o qual abordará as possíveis relações entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais¹ de crianças entre quatro a seis anos. Cabe ressaltar que o conceito de família foi ampliado (Wagner, Tronco, & Armani, 2011) e devido à diversidade de configurações familiares, as quais proporcionaram uma diversidade de conceitos de família (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008) é difícil pensar em um único conceito.

Atualmente, pode-se observar uma mudança nos papéis desempenhados pelos pais e pelas mães na interação com seus filhos. Esta transformação pode ser explicada por alguns fatores, dentre eles importância que a mulher adquiriu no mercado de trabalho. A mulher, geralmente, era encarregada de cuidar da casa e dos filhos e o homem o único incumbido pelo sustento da casa. Em meados da década de 50, com a independência financeira da mulher, esta passou a trabalhar fora de casa e a contribuir com a subsistência da família, deixando de dedicar seu tempo unicamente para as tarefas do lar e cuidados dos filhos. Dessa forma, as tarefas de cuidados da casa e dos filhos, passaram a ser compartilhadas entre o casal e o pai começou a participar mais das atividades com seu filho² e a compartilhar responsabilidades na educação (Bornstein et al., 1996; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

No presente estudo, adota-se o conceito de envolvimento paterno proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), por abranger três dimensões específicas, e por se referir diretamente ao pai. Este conceito tem sido utilizado para compreender a relação pai-filho (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004, 2012) e também é considerado o mais aceito e que melhor define o fenômeno em âmbito nacional e internacional (Silva & Piccinini, 2007). Assim, o envolvimento paterno

¹ O termo “pais” será utilizado nesta dissertação referindo-se somente aos homens, ou seja, ao plural da palavra “pai”. Quando se referir a “pais e mães”, será chamado de genitores.

² O termo “filho” será utilizado no sentido amplo (abarcando filho e filha). Quando este se referir ao sexo feminino ou masculino, assim será especificado.

é definido por meio de três dimensões: *Interação* que se refere ao contato direto do pai com seu filho no compartilhamento de atividades e brincadeiras; *disponibilidade* que diz respeito ao potencial de acessibilidade física e psicológica do pai para interação, em virtude de estar presente ou acessível para o filho se a interação direta ocorrer ou não; e *responsabilidade* que é a função que o pai assume para garantir cuidados à criança visando seu bem estar (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997).

Devido seu aumento da participação na vida dos filhos, a paternidade começou a ser mais alvo de pesquisas científicas. Os pesquisadores começaram a estudar o envolvimento paterno intensamente, a partir da década de 1970 (Lamb, 2000). O panorama geral das pesquisas desta temática indica que o pai tem se envolvido de diferentes formas nos cuidados com os filhos e que isso reflete positivamente no desenvolvimento das crianças de diversas formas. Ele pode auxiliar cuidando de seu filho, impondo limites e estimulando-a, pode auxiliar no controle da agressividade, competitividade, habilidades sociais da criança, bem como, no seu desenvolvimento motor (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Dubeau, Devault & Paquette, 2009; Paquette, 2004c; Silva & Piccinini, 2007)

O novo modelo de paternidade, que tem como característica central a divisão de responsabilidades pela criação dos filhos é o de pai cogenitor e foi descrito por J. H. Pleck e Pleck (1997). Existem pais que dividem as tarefas da casa com sua esposa e desempenham diversas atividades de cuidado com os filhos, como dar banho, trocar fraldas, levar os filhos à escola e ao médico, fazer comida, atividades que até então, eram somente realizadas pelas mães. Existem ainda, muitas famílias tradicionais em que se mantém a organização que estabelece que o pai é o responsável pelo sustento da família trabalhando fora de casa e a mãe se encarrega da casa e dos filhos. Portanto, não se pode generalizar esta afirmação para todas as famílias brasileiras, mas hoje observa-se um número maior de pais exercendo atividades de cuidado, ainda que não como o responsável principal, mas em ajuda à mãe.

O pai também possui uma função importante e específica na socialização e no controle da agressividade na primeira infância (Cabrera et al., 2000; Paquette, 2004c; Silva & Piccinini, 2007). Isso pode ser explicado, em parte, porque o pai, geralmente, realiza brincadeiras de maior contato físico com a criança, como por exemplo, brincar de “lutinha”. Isso possibilita a experimentação por parte da criança, contribuindo no controle da sua agressividade.

Dessa forma, com o intuito de aprofundar o conhecimento a respeito dos papéis e funções paternos Paquette (2004b) elaborou uma nova teoria relacionada ao apego pai-criança, a “Teoria da Relação de Ativação” que se baseia na figura ativa do pai, o qual incentiva seu filho na exploração do mundo externo e, dessa forma, possibilita à criança o que Paquette et al. (2009) denominam *abertura ao mundo*. A *abertura ao mundo* refere-se a comportamentos do pai que estimulam a criança a ter autocontrole e autonomia ao explorar o ambiente e experimentar relações com o meio extrafamiliar.

A *abertura ao mundo* pode se dar quando o pai brinca fisicamente com seu filho (jogos de luta, por exemplo), esta brincadeira consiste numa interação que facilita a aprendizagem da disciplina, obediência, confiança e autocontrole em situações competitivas (Paquette et al., 2009). Portanto, um dos indicadores que têm sido utilizados para definir a *abertura ao mundo* é a estimulação do pai para que a criança tenha autonomia para explorar o ambiente e “abrir-se” ao mundo e às novas relações, o outro é o controle/disciplina, o qual diz respeito à atividade de proteção, punição e limites (Zaouche-Gaudron, 2001; Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996).

A Teoria da Relação de Ativação sugere que o pai atua como figura de apego, encorajando e dando suporte à criança. A Teoria prediz que os pais irão estimular mais as crianças do que as mães, assim como, os meninos seriam mais estimulados do que as meninas. Geralmente, há diferenças entre as condutas paternas e maternas e as mães, em sua maioria, encorajam mais os filhos do que as filhas e os pais intervêm menos durante situações de risco do que as mães (Paquette & Bigras, 2010).

Estudos apontam uma tendência de que crianças pouco estimuladas pelo pai durante brincadeiras tendem a ser menos confiantes e mais negligenciadas por seus pares, enquanto que as crianças superestimuladas podem apresentar mais problemas de comportamento e serem rejeitadas por seus pares (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010). Portanto, o pai deve estimular a criança, ao mesmo tempo em que estabelece limites e fornece segurança, promovendo a autonomia de seu filho, facilitando sua socialização. Porém, é preciso ter cautela e levar em consideração dados referentes às famílias de origem do pai e da mãe, para que não sejam feitas generalizações equivocadas.

Existem diferenças nas condutas dos pais e das mães, em relação aos seus filhos, e tais comportamentos são importantes fontes de aprendizagem e vivência para as crianças. O pai exerce mais o papel de ativar a autonomia e controle para que seu filho explore ambientes

físicos e sociais, assim como, contribui indiretamente com a harmonização da dinâmica familiar, apoiando a mãe e favorecendo um clima agradável para a criança se desenvolver (Manfroi, Macarini & Vieira, 2011). A mãe, por sua vez, oferece um suporte afetivo emocional para a criança, auxiliando-a em dificuldades emocionais, por meio da transmissão da calma e conforto. (Paquette, 2004a; Paquette et al., 2009). É importante ressaltar que a mãe possui um papel fundamental no processo de inclusão do pai, ou seja, ela pode ajudá-lo incentivando-o a desenvolver seu papel de cuidados e motivando as interações pai-filho (Manfroi et al., 2011).

Um procedimento metodológico denominado “Risky Situation”, desenvolvido no Canadá (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010) pretendeu investigar como o envolvimento com o pai pode influenciar o desenvolvimento da criança. O procedimento tinha duração de vinte minutos, no qual a criança é encorajada a explorar uma sala desconhecida na presença do pai e de uma pessoa estranha. A situação envolve o risco social, através da pessoa estranha que é gradativamente mais intrusiva e interativista, como também, o risco físico, através de uma escada grande e colorida exposta no centro da sala. Verificou-se que quando as crianças são estimuladas por seu pai, elas têm a oportunidade de vivenciar novos desafios. De acordo com a Teoria da ativação espera-se que essas oportunidades ajudem as crianças a regularem sua excitação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais socialmente competentes. O estudo apontou uma necessidade de serem realizadas pesquisas futuras com um número maior da amostra, uma comparação dos diferentes tipos de paternidade e entre os sexos das crianças.

Um estudo de revisão sistemática de artigos empíricos sobre a paternidade, no Brasil, apontou que a maior parte das publicações científicas brasileiras refere-se à participação paterna na gestação, nascimento e pós-parto, ao desempenho do papel paterno, práticas e estilos parentais e repercussões da paternidade no desenvolvimento dos filhos (Vieira et al., 2014). Os autores sugerem que há necessidade da produção de estudos que investiguem o fenômeno por meio de pesquisas longitudinais, que utilizem método observacional e quantitativo e que explorem as novas configurações familiares, compostas por padrastos e madrastas.

Os avanços nos estudos sobre envolvimento parental têm norteado os trabalhos posteriores alertando os pesquisadores sobre os impactos das diferentes formas de envolvimento sobre o desenvolvimento da criança. Mais recentemente, estudos têm examinado

o impacto do envolvimento do pai nos outros membros da família: cônjuge, irmãos e no próprio pai (Cia, Williams, Aiello, 2005). Estes trabalhos foram realizados principalmente durante os anos de 1980 e 1990 (Paquette et al., 2009). Portanto, é necessário explorar como e em que aspectos específicos do desenvolvimento infantil o pai exerce influência mais expressiva e coletar dados diretamente com o pai a respeito dos cuidados e educação dos filhos, além de realizar estudos que descrevam aspectos da interação pai-filho em diferentes fases do desenvolvimento (Souza & Benetti, 2009).

Assim, considerando o que fora exposto esta pesquisa tem como pressupostos básicos que:

a) o pai que apresenta uma participação ativa na vida do filho, que se caracterize como envolvido, facilitará a autonomia da criança através da *abertura ao mundo*;

b) o pai se envolverá e desempenhará mais atividades características de *abertura ao mundo* com filhos de sexo masculino.

Devido ao fato de o envolvimento paterno ser estudado por diferentes teorias e em diferentes contextos, adota-se neste trabalho a perspectiva sistêmica como fundamento epistemológico, fazendo uso também da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. Parte-se do pressuposto da relevância de conhecer a relação entre as duas variáveis, *envolvimento paterno* e *abertura ao mundo*, por se verificar que o envolvimento paterno e a abertura ao mundo são fenômenos complexos. Entre eles não é possível estabelecer uma relação de causa e efeito (previsibilidade), e por isso, requerem uma abordagem que considere o contexto em que ocorrem, levando em conta as relações que ali se estabelecem para melhor compreendê-los.

A teoria sistêmica supõe que não há apenas uma realidade a ser conhecida, e sim, múltiplas versões da realidade, as quais são coconstruídas entre o participante e o pesquisador, pois dependendo de quem observa, do foco que é dado e da forma como determinada realidade é estudada, pode-se ter variados conhecimentos a respeito do mesmo fenômeno. Entende-se então que o pesquisador não é neutro no processo de pesquisar, ou seja, a sua presença pode influenciar no fenômeno a ser pesquisado.

A presente pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais amplo realizado em convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM) intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Tal projeto está sendo desenvolvido, no Brasil, em parceria entre o Laboratório de Pesquisa em Saúde,

Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e tem como objetivo geral investigar o envolvimento/envolvimento paterno e sua relação com características do pai, da mãe e da família.

Assim, o presente estudo pode se concretizar como de relevância social e científica, pois explora de modo específico os aspectos da relação entre pai e criança. Os seus resultados poderão derivar trabalhos de intervenção, que busquem promover o desenvolvimento da saúde psicossocial da família, assim como, provocar a reflexão acerca do assunto e subsidiar a prática dos profissionais que trabalham com famílias. A partir disso, será possível fomentar programas de intervenção que estimulem a convivência da criança com o pai e chame a atenção dos pais para sua importância no desenvolvimento psicológico dos filhos. Nesse sentido, objetiva-se investigar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo do pai de crianças pré-escolares, buscando responder à seguinte pergunta: *Qual é a relação entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo do pai de crianças pré-escolares?*

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo na perspectiva do pai de crianças entre 4 a 6 anos de ambos os sexos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o envolvimento paterno;
- Identificar os fatores que interferem no envolvimento paterno;
- Caracterizar a abertura ao mundo;
- Relacionar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo;
- Comparar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo de pais com filhos do sexo feminino e do sexo masculino.
- Descrever as características do pai (variáveis sócio-demográficas como idade, número de filhos, jornada de trabalho, nível socioeconômico, escolaridade) e sua relação com o envolvimento paterno e a abertura ao mundo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Nesta pesquisa, partiu-se dos pressupostos da perspectiva sistêmica: Complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2010). Ou seja, a partir da complexidade, entende-se que homem e contexto se influenciam mutuamente, e assim, se faz necessário ampliar o foco de investigação, como por exemplo, não olhar apenas para o envolvimento paterno, mas sim, considerar o contexto familiar em que ele ocorre, e compreender que há uma causalidade circular³ dos fenômenos. Além disso, o pressuposto da instabilidade se refere ao fato de que não é possível prever os fenômenos, e nem controlá-los, e essa compreensão contribuiu para o estudo dos fenômenos investigados, ou seja, contribuiu para a análise e discussão dos mesmos. O terceiro pressuposto, intersubjetividade, afirma que a presença da pesquisadora no contexto de pesquisa influencia o conhecimento sobre o fenômeno em estudo, e que as versões da realidade são coconstruídas. Dessa forma, não existe uma causa única e individual para explicar o fenômeno, e então deve-se considerar o contexto.

A perspectiva bioecológica do desenvolvimento é um dos aportes teóricos utilizados para a compreensão dos processos de interação que ocorrem entre indivíduo e a família, considerando o contexto, ao longo do tempo. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano foi elaborada por Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Ceci, 1994) e considera que o desenvolvimento ocorre em um ambiente de interações recíprocas e ativas entre o ser humano e seu contexto de vida. Segundo o autor, as transições ecológicas⁴ constituem os períodos mais adequados para a investigação

³ Causalidade circular: De acordo com a perspectiva sistêmica, a causalidade circular ultrapassa a lógica da unilateralidade ou da “causa-efeito” na compreensão epistemológica dos fenômenos. Portanto, o entendimento de determinado fenômeno deve focalizar nas *relações* entre os elementos e na sua interdependência (Vasconcellos, 2010).

⁴ Na concepção de Bronfenbrenner (1996, p. 22), as transições ecológicas são “tanto uma consequência quanto uma instigação de processos desenvolvimentais (...) e ocorrem sempre que a posição da pessoa no meio

sobre o desenvolvimento humano, entre eles pode-se citar os momentos de transição familiar, como a chegada e saída de pessoas na família, o casamento, o nascimento do primeiro filho, etc. (Bronfenbrenner, 1995).

A epistemologia da Teoria bioecológica do desenvolvimento humano é construtivista-interacionista, pois entende que o conhecimento é obtido por meio de um processo de construção conjunta entre pesquisador e participante da pesquisa (Tudge, 2008, p. 2). A perspectiva Bioecológica entende que cada membro da família influencia e está ligado ao desenvolvimento da família como um todo. Os períodos de transição familiar são os momentos mais propícios para serem analisados, pois proporcionam um entendimento da organização da família. Dessa forma, o principal objetivo das pesquisas de Bronfenbrenner está na maneira como fatores extrafamiliares reverberam no funcionamento intrafamiliar e no desenvolvimento humano de forma geral (Wendt, 2006). Como possibilita averiguar a influência do ambiente no desenvolvimento humano, este modelo constitui-se em referencial teórico apropriado para pesquisas que entendam o ser humano inserido em um contexto (Cecconello & Koller, 2004).

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano, proposta em meados da década de 1970, tem sido reavaliada e passou por revisões e reformulações conceituais. Inicialmente, o autor definiu o Modelo Ecológico, o qual tinha no ambiente seu principal foco, considerava que o desenvolvimento consistia em um processo de interação entre a pessoa e seu contexto através do tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004; Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller, 2008).

Posteriormente, a partir da necessidade de considerar com maior ênfase aspectos relativos aos atributos da pessoa, Bronfenbrenner formulou a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano, expandindo os conceitos originais e incluindo, além de tais atributos da pessoa, os Processos de interação e o Tempo. Assim, o desenvolvimento humano ocorre através de um processo de interação constante, entre o contexto e as características individuais da pessoa, no decorrer do tempo. Ele é concebido a partir do intercâmbio entre quatro núcleos dinâmicos e interdependentes, conhecidos como Modelo denominado PPCT, constituído por Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Juntos, esses quatro elementos são mecanismos responsáveis pelo desenvolvimento humano e auxiliam na compreensão da totalidade

ambiente é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos”.

da pessoa (Bronfenbrenner, 1994; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

O primeiro dos núcleos, *Processo*, ocupa posição central neste modelo, tendo destaque a ênfase nos processos proximais, os quais se caracterizam por formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam, ao longo do tempo, e são os impulsionadores primários do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

Os processos proximais ocorrem no ambiente externo imediato e podem acontecer quando o indivíduo desempenha sozinho atividades, ou quando interage com outra(s) pessoa(s), formando sistemas diádicos (entre duas pessoas), triádicos (entre três pessoas) ou poliádicos (composto por quatro ou mais pessoas). Uma díade pode assumir três formas funcionais diferentes: díade observacional, na qual uma pessoa está prestando atenção na atividade de outra; díade de atividade conjunta, na qual dois sujeitos consideram estar fazendo algo juntos; e, por último, uma díade primária, que se refere àquela que segue existindo, fenomenologicamente, para ambos os participantes, mesmo quando não estão juntos (Bronfenbrenner, 1996). Para o autor, o poder desenvolvimental das díades ainda envolve a intensidade e grau de reciprocidade, a relação afetiva e o equilíbrio de poder presente nas mesmas. É importante lembrar que essas díades podem ocorrer, concomitantemente, ao longo do desenvolvimento.

Nesse sentido, o poder desenvolvimental da díade está atrelado à intensidade da interação entre as pessoas e à reciprocidade, ou seja, a capacidade de coordenarem suas atividades uma com a outra; da relação afetiva e do equilíbrio de poder presente na interação. Conforme Bronfenbrenner (1996), as díades são sistemas de desenvolvimento recíproco, pois se um dos membros passa por um processo de desenvolvimento, conseqüentemente todos os envolvidos se desenvolvem. Deste modo, a frequência e o padrão das interações que se processam de maneira regular e recíproca entre as pessoas e seus ambientes, tornando-se lentamente mais complexas, estão relacionados com a efetividade dos processos proximais (Polônia, Dessen & Silva, 2005; Prati et al., 2008).

Para que se constitua um processo proximal e este colabore de fato para o desenvolvimento, Bronfenbrenner (1999) destacou a importância da existência simultânea de cinco aspectos: o indivíduo deve estar engajado em uma atividade; a interação deve ser frequente, através de períodos regulares de tempo; as atividades devem ser

satisfatoriamente longas e progressivamente mais complexas; deve haver reciprocidade nas relações pessoais e afeto; e os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem incitar a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999).

É possível situar os processos proximais em relação a dois tipos de implicações que acarretam em distintos resultados evolutivos, a saber, a competência e a disfunção (Bronfenbrenner, 2005). A competência está ligada à aquisição de conhecimento, habilidade ou capacidade de governar o próprio comportamento, podendo ocorrer em qualquer domínio (intelectual, físico, emocional, artístico, social). A disfuncionalidade está relacionada às recorrentes dificuldades em manter o controle e a coerência do comportamento, em diferentes situações e domínios do desenvolvimento e, essa forma, quando a interação é breve ou irregular, pode gerar resultados disruptivos ou disfuncionais no desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Narvaz & Koller, 2004).

A participação, direta ou indireta, de outras pessoas na interação é um fator importante para o desenvolvimento das díades, pois possibilita maior ocorrência e complexidade dos processos proximais (Bronfenbrenner, 1996). Os cuidadores são os principais envolvidos em processos proximais devido ao contato prolongado e constante que mantêm com a criança. Alguns problemas provenientes do estresse, sobrecarga de trabalho e baixo nível de instrução, por exemplo, podem interferir na atenção dada em relação às necessidades das crianças e tendem a danificar a qualidade dos processos proximais, podendo ocasionar agravos no desenvolvimento das crianças (Cecconello & Koller, 2004).

O segundo núcleo do modelo bioecológico, *Pessoa*, refere-se ao ser humano e engloba características biopsicológicas, como também, aquelas que foram construídas em interação com o ambiente. Existem três domínios, os quais envolvem as características das pessoas que influenciam os processos proximais e operam no desenvolvimento: *força, recursos biopsicológicos e demandas* (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

No domínio da *força* encontram-se as disposições comportamentais ou características ativas que podem impulsionar e manter os processos proximais ou retardar e, até mesmo, evitar sua ocorrência. O desenvolvimento é suscetível a essas disposições, as quais podem ser geradoras (generativas) ou desorganizadoras (disruptivas). As denominadas *geradoras* referem-se a orientações ativas, como por

exemplo, curiosidade, tendência em iniciar e engajar-se em atividades individuais ou com outras pessoas e responsividade à iniciativa de outras pessoas. Quando essas disposições comportamentais influenciam negativamente, ou seja, quando envolvem as características disruptivas da pessoa, dificultando a manutenção do controle sobre as emoções como, a impulsividade, a agressividade, a apatia, insegurança, desatenção, caracterizam-se como disposições *desorganizadoras* (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O segundo domínio de características da pessoa, *recursos biopsicológicos*, compreende as competências que se caracterizam como experiências, habilidades e conhecimentos necessários que exercem influência sobre a capacidade da pessoa para comprometer-se nos processos proximais, ao longo dos diferentes níveis de desenvolvimento. As competências expandem e aprofundam de forma construtiva a efetividade dos processos proximais. Os recursos abarcam, também, as deficiências que limitam o funcionamento integral do organismo, como as disfunções genéticas, doenças crônicas, deficiências física ou mental e o dano cerebral (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O terceiro grupo de características pessoais responsáveis por influenciar o processo de desenvolvimento são as *demandas psicossociais*. Tais demandas tratam de aspectos capazes de estimular ou desencorajar reações do ambiente social favorecendo ou não a ocorrência dos processos proximais e o crescimento psicológico. Pode-se citar como exemplos das demandas as características da aparência física (atrativa ou não atrativa) e características da personalidade da pessoa tais como comportamentos ativos ou passivos. As interações das pessoas em desenvolvimento não são restritas às pessoas, mas também aos objetos e símbolos que se encontram nos diferentes contextos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Bronfenbrenner e Morris (1998) afirmam que a direção e a força dos processos proximais são influenciadas pelas características demográficas, como idade, gênero e etnia. Tais características também interatuam com as particularidades ambientais e os acontecimentos ao longo do tempo.

O terceiro núcleo do modelo bioecológico, *contexto*, diz respeito aos contextos de vida da pessoa que envolvem a interação de quatro níveis ambientais, denominados: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. Estes níveis são organizados socialmente a partir de estruturas concêntricas colocadas uma na outra, configurando sistemas interconectados e formando, por sua vez, o meio ambiente ecológico (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Ceci, 1994;

Narvaz & Koller, 2004). O contexto é representado por um conjunto de subsistemas abaixo relacionados:

- *Microsistema*: refere-se a um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento num determinado ambiente com propriedades físicas e materiais específicos. O ambiente é entendido como um local onde é permitido que as pessoas interajam facilmente face a face, como por exemplo: casa, creche, a família, grupo de pares ou local de trabalho. É nesse ambiente imediato que os processos proximais atuam para produzir o desenvolvimento. Dessa forma, o fator atividade, papel e relação interpessoal são elementos construtores do microsistema (Bronfenbrenner, 1994).

- *Mesosistema*: Pode ser entendido como um sistema de microsistemas, ou seja, constitui-se em um conjunto dos microsistemas que uma pessoa em desenvolvimento participa ativamente e as inter-relações estabelecidas por eles. Ele é formado ou ampliado sempre que uma pessoa entra num novo ambiente. Como exemplo, tem-se a criança e suas relações em casa, na escola e com os amigos (Bronfenbrenner, 1994).

- *Exossistema*: abarca as inter-relações entre dois ou mais ambientes, sendo que a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente de um deles, mas é afetado por aquilo que ocorre no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento. Um exemplo de exossistema, no caso de uma criança, poderiam incluir o local de trabalho dos pais e uma sala de aula de um irmão mais velho (Bronfenbrenner, 1994).

- *Macrossistema*: refere-se ao ambiente que engloba os demais subsistemas e que fornece a ele consistência como a cultura, a economia, os costumes e ideologias, as leis. Os valores e as crenças segundo os pais foram educados exercem forte influência sobre a maneira como educam seus filhos. O macrossistema é um padrão amplo de características de culturas e subculturas dos micro, meso e exossistemas. O macrossistema deve ser pensado em termos de uma matriz da sociedade para uma cultura e subcultura particular (Bronfenbrenner, 1994).

O quarto e último elemento do modelo bioecológico é o *tempo*, o qual se inclui num quinto subsistema, chamado de *cronossistema*. O cronossistema acompanha as mudanças e as consistências na trajetória do desenvolvimento. Ele compreende as mudanças que ocorrem na

pessoa e no ambiente, relativas ao tempo, permitindo avaliar as influências no desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida (Narvaz & Koller, 2004).

O cronossistema é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O *microtempo* se caracteriza pelas continuidades e descontinuidades observadas em eventos dos processos proximais que deflagram a estabilidade ou instabilidade no ambiente. O *mesotempo* se refere à periodicidade (frequência e regularidade) dos processos proximais por meio de intervalos mais amplos de tempo, como dias e semanas. O *macrotempo*, por fim, abrange as mudanças na sociedade e na história através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida. Verifica-se, assim, que é importante considerar tanto as mudanças que ocorrem em relação à pessoa, quanto aquelas que acontecem em seu ambiente e na relação entre ambos (Narvaz & Koller, 2004).

Dessa forma, pode-se concluir que a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano envolve as continuidades e transformações que ocorrem nos contextos e nos processos proximais, de acordo com os atributos e características da pessoa e das gerações que a antecederam. Para Bronfenbrenner (1986), os períodos de transições ecológicas que acontecem na família são considerados momentos ideais para ocorrência de fenômenos desenvolvimentais e para o estudo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Bronfenbrenner dedica-se ao estudo das famílias e das relações entre pais e filhos (Bronfenbrenner, 1986), pois segundo o autor, a família é o centro do nosso sistema social (Bronfenbrenner, 2005). Porém, o mesmo preocupa-se com a família, principalmente, devido às mudanças nas últimas décadas. De acordo com ele, os aspectos econômicos os quais fizeram com que ambos os pais tivessem que trabalhar, os altos índices de divórcio e, consequente, monoparentalidade, ocasionam prejuízos no desenvolvimento da família, principalmente das crianças.

A importância da presença do pai e da mãe para o desenvolvimento da criança é reafirmada por Bronfenbrenner (1996). Bronfenbrenner (2005) diz que a ausência paterna deflagra consequências deletérias no desenvolvimento psicológico da criança. Para o autor, tal ausência é especialmente crítica durante os anos pré-escolares, atingindo mais os meninos do que as meninas. O autor defende um modelo de família calcado na família nuclear tradicional, mas deve-se considerar que este modelo está em questão em toda parte do mundo, o que inclui o Brasil. Há configurações familiares diversas,

portanto, o desafio atual dos pesquisadores é estudar a participação do pai em famílias que tenham as demais configurações, como exemplo, pode-se tomar a família homoafetiva. Dois pais e duas mães terão, seguramente, que desenvolver padrões de interação que contemplem ambas as funções, ou seja, as funções maternas e as funções paternas, as quais como se verá a seguir são diferentes e igualmente importantes para os filhos.

Dessa forma, levando em conta as considerações de Bronfenbrenner, ao se traçar um projeto de pesquisa que envolve o estudo de famílias, deve-se estar atento às diversas variáveis que influenciam o ciclo de vida familiar. Para tanto, o modelo PPCT permite a compreensão do desenvolvimento humano de forma integral e contextualizada através do tempo.

3.2 O ENVOLVIMENTO PATERNO E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As mudanças que ocorrem nas configurações familiares provocam redefinições nas atribuições e responsabilidades de cada progenitor. O número de lares chefiados por mulheres está crescendo, revelando que as mesmas estão ocupando cada vez mais, no contexto atual das famílias brasileiras, o papel de provedoras do sustento da família. Assim, a função paterna vem se alterando, de um papel tradicional de provedor do lar, para o de homem mais participativo, tornando-se pai mais presente e atuando diretamente no que se refere ao cuidado com os filhos (Perucchi & Beirão, 2007).

Segundo (Dubeau et al., 2009) o engajamento parental se refere à participação e à preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Dubeau et al., 2009). O termo engajamento geralmente é utilizado como sinônimo de envolvimento. No decorrer das quatro últimas décadas, com o papel mais ativo do pai na criação dos filhos, houve uma tendência e uma preocupação, entre os pesquisadores da área da psicologia do desenvolvimento, em investigar o papel do pai. O termo envolvimento é o mais encontrado em pesquisas nacionais e internacionais, como nos estudos de Lamb (1997), Pleck (1997), Silva e Piccinini (2007), entre outros.

O envolvimento tem sido conceituado por pesquisadores como Bigras e Paquette (2000), Dubeaut et al. (2009), Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau e Bouchard (2000). Turcotte e Gaudet (2009) realizaram uma análise das formas e nomenclaturas utilizadas nos

estudos sobre o pai e verificaram que alguns estudiosos priorizam a intensidade do relacionamento com a criança, ou seja, quanto tempo o pai gasta com o filho. Outros já são mais interessados na natureza da relação com a criança, o que o pai faz com ela. Outros, ainda, se preocupam em investigar a qualidade das relações pai-criança, a forma como o pai faz. Dentre as definições que têm emergido, destaca-se a da paternidade responsável, o investimento, o engajamento e o envolvimento paterno. Neste estudo será utilizado o termo envolvimento paterno.

A paternidade responsável ou o pai emergente implica em o pai exercer o seu papel no sentido de ser presente na vida da criança, dividir o suporte econômico e ser pessoalmente envolvido em colaboração com a mãe (Borisenko, 2007). A ideia de investimento, em contrapartida, está mais associada à biologia evolucionária e compreende as atividades nas quais o pai se engaja para contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir seu sucesso reprodutivo (Hewlett, 2000). Com relação ao envolvimento paterno, uma das definições sugere três dimensões para este conceito: interação, acessibilidade e responsabilidade (Lamb, 2000; Lamb et al., 1985; Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1987).

Interação e/ou Envolvimento: refere-se ao tempo em que o pai estabelece interação direta com a criança, a qual pode se dar ajudando-a nas tarefas escolares, alimentando-a ou brincando de pegar no jardim. Cabe ressaltar que esse conceito não se refere ao tempo gasto com tarefas domésticas relacionadas à criança ou quando o pai está em um lugar da casa e a criança brincando em outro.

Acessibilidade: é uma segunda categoria composta por atividades caracterizadas por graus de interação menos intensos. Nesse sentido, diz respeito à presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem levar em conta o tipo de interação entre ambos, por exemplo, quando o pai está em um cômodo da casa a criança brinca em outro.

Responsabilidade: refere-se às atitudes que o pai deve tomar para atender às necessidades da criança e assegurar o seu bem-estar. Está relacionada à participação do pai em tarefas como a escolha do pediatra e agendamento de consultas, contratação de babás, seleção de ambientes de cuidado à criança, combinações de cuidados após a escola, conversas com professores e monitoramento da criança em diferentes locais e atividades (Cabrera et al., 2000; Bolli, 2002; Lamb et al., 1985; Lamb et al., 1987; Silva & Piccinini, 2007).

De acordo com Dubeau et al. (2009), o envolvimento se manifesta de diferentes formas e se desenvolve considerando as seguintes características:

- Pai em interação: presença direta ou indireta do pai para com a criança.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetivo: expressa gestos e palavras que tranquilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo: pensa na criança (Dubeau et al., 2009, p.75, tradução livre).

O envolvimento paterno pode ser caracterizado também em dois tipos: ativo e passivo. O envolvimento ativo abrange cuidar, fazer a higiene e falar com a criança. Envolvimento passivo é a proximidade com a criança, sem necessariamente implicar uma ação, como dormir junto e ficar perto. Este termo é utilizado por psicólogos interessados em pesquisas interculturais, sobre desenvolvimento, pois estão interessados em saber como a presença do pai e da mãe e seu nível de envolvimento com a criança podem influenciar em seu desenvolvimento emocional, cognitivo, da personalidade e da moral (Hewlett, 2000).

A partir de uma perspectiva bioecológica, pode-se dizer que há três diferentes domínios que influenciam no envolvimento paterno: as características pessoais do pai, do contexto familiar e do ambiente social (Turcotte & Gaudet, 2009). Apesar de existirem controvérsias, resultados da literatura indicam que os homens que tiveram uma relação e imagem mais positiva de seus pais na infância estão mais propensos a participar ativamente no cuidado e na relação emocional com a criança (Cabrera et al., 2000; Turcotte & Gaudet, 2009). Isso indica a importância e influência das relações intergeracionais na transição para a parentalidade e na forma de exercer a paternidade (Toneli, Crepaldi & Vieira, 2006).

Segundo dados do IBGE (2010), há um aumento das famílias sob responsabilidade exclusiva das mulheres, que passou de 22,2%, em 2000, para 37,3% em 2010. Uma novidade na pesquisa foi a responsabilidade compartilhada entre o casal na manutenção dos lares. Nos domicílios ocupados por apenas uma família, 34% estavam nessa condição, o que soma 15,8 milhões de casas. Esse aumento vem ocorrendo mesmo nas famílias onde há a presença do cônjuge e é também fortemente representado nas famílias onde não há cônjuge.

Os pais desempenham diferentes papéis, os quais estão relacionados com o contexto cultural em que estão inseridos. O contexto cultural perpassa questões, como: o modelo e a experiência do que é ser pai, o papel masculino, crenças, valores e ressignificações histórico-culturais. Segundo Lewis e Dessen (1999), o pai tradicional é aquele que centra suas atividades no trabalho, caracterizando pouco envolvimento no cuidado com os filhos; o pai moderno está mais envolvido no desenvolvimento dos filhos, enfatizando o papel sexual, desempenho acadêmico e o desenvolvimento moral destes; e, por último, o pai emergente ou cogenitor é aquele que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos (Pleck & Pleck, 1997).

O modelo que vem sendo constituído é de um pai participativo e envolvido com a família e com o filho. Isso define uma diversificação das funções paternas que agora inclui o vínculo com a criança e a responsividade no cuidado parental, mas não se iguala às tarefas e ao papel desempenhado pela mãe (Bandeira, Goetz, Vieira & Pontes, 2005; Fleck & Wagner, 2003). O pai oferece um tipo de cuidado distinto do materno e concorre de forma significativa para a socialização da criança e para seu desenvolvimento (Bandeira et al., 2005; Paquette, 2004a, 2004c).

O papel do pai no desenvolvimento da criança pode se dar de diversas formas. O pai pode contribuir com o apoio material e suporte emocional à mãe desde a época da gestação. Segundo Prado e Vieira (2004), aceitação do filho pelo companheiro é um fator significativo para o desenvolvimento do apego materno à criança. Sua ajuda se manifesta, principalmente, por meio do apoio à mulher na harmonização de seus conflitos em torno da maternidade.

Além disso, Paquette (2004b) ressalta que o pai é mais do que um simples coadjuvante dessa relação, para o autor pai e mãe estão implicados de formas diferentes no desenvolvimento e criação dos filhos. Para ele, pai e mãe atuam de seu modo, sendo que as mães tendem a ser mais compreensivas e afetuosas, enquanto que os pais obtêm a obediência das crianças, mais facilmente, através da sua autoridade persuasiva exercendo assim o controle. O mesmo autor explica que tanto a figura materna como a paterna asseguram a proteção e a segurança da criança, mas com um equilíbrio diferente. A mãe geralmente acalma a criança quando ela está agitada e aflita, ao passo que o pai tende a colocar a criança em situações nas quais ela é obrigada a confrontar o ambiente circundante, fornecendo, ao mesmo tempo, proteção e impondo limites.

Nessa perspectiva, Paquette (2004a) enfatiza que o papel do pai é tão importante quanto o da mãe no desenvolvimento infantil, sendo que cada um funcionaria em extremos distintos. O primeiro polo, caracterizado pela relação de apego exercida pela mãe (o conforto), garantiria a proximidade física para permitir que o pai respondesse às necessidades básicas da criança. Já o segundo polo, exercido pelo pai (ativação), possibilitaria a autodescoberta das próprias capacidades da criança, ambos facilitando a exploração do ambiente e permitindo o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e confiança no pai. Do mesmo modo, Lamb (1997) confirma essas colocações, afirmando que o contato entre pai e criança acontece em maior escala física e aumenta com a idade. Paquette (2004a) relata ainda que as interações pai-criança ocorrem primariamente por meio da brincadeira, mais especificamente a turbulenta, encorajando a obediência e o desenvolvimento de competências competitivas nas crianças.

Conforme Paquette (2004c) atribui-se aos homens maior tendência à agressividade física. Desta forma, caberia aos pais auxiliar os filhos no controle da agressividade, ensinando-os a expressá-la de um modo socializado e com limites. Como ilustração desse processo, tem-se o “jogo de lutinha” (*Rough and Tumble Play*), que propicia a diminuição da agressão física em grande parte das crianças maiores de dois anos. Mais do que as mães, os pais também parecem permitir aos filhos que resolvam os problemas por si mesmos, tornando-os capazes de lidar com imprevistos. Um dos dispositivos para a concretização deste fato são as brincadeiras desestabilizadoras, criativas e originais (Labrell, 1996; Paquette et al., 2009).

De acordo com Dubeau et al. (2009) as crianças pré-escolares mostram-se mais abertas e disponíveis para relacionar-se com seus pares se o pai é ao mesmo tempo engajado e se o envolvimento é diferente do da mãe. Portanto, a diversidade de interações experienciadas, pelo pai e pela mãe, traz benefícios à criança, pois possibilita oportunidades de aprendizagem. A mãe desempenha um importante papel no envolvimento paterno, pois pode encorajar e incentivar o pai a sentir-se seguro para participar dos cuidados do filho. O relacionamento com a mãe da criança, as características da criança como gênero, idade e temperamento podem fazer variar o nível de envolvimento.

Ao estudar a paternidade, Pleck (1997) destaca que para a compreensão do fenômeno é preciso analisá-lo de acordo com as seguintes categorias: 1) as características da paternidade: experiências e características do envolvimento paterno, ciclo vital da família (adolescência, adulto jovem, meia-idade); 2) os determinantes da

paternidade, tais como: (a) características das crianças e variáveis sociodemográficas do pai; (b) Motivação: influência da história de vida, personalidade, características, crenças do pai; (c) Habilidades e confiança - competência no cuidado da criança, (d) Suporte social: relacionamento conjugal e vicissitudes do ciclo de vida familiar (divórcio, famílias reconstituídas, adoção); (e) Fatores institucionais, históricos, políticos e culturais: contextos da vivência em sociedade, padrões de emprego e 3) consequências da paternidade: para o pai e para o filho. Neste sentido, Turcotte e Gaudet (2009) reconhecem que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, dos filhos, do contexto familiar e social.

Turcotte e Gaudet (2009) referem que dentre as características do pai, o nível de envolvimento é, pelo menos em parte, o resultado da relação do pai com modelos adquiridos na infância. As atitudes e crenças sobre os papéis de gênero são características que podem influenciar nas condutas e responsabilidades assumidas pelos pais, de acordo com sua concepção do que cabe ao pai ou à mãe. Existem, também, algumas indicações de que o sentimento de competência parental é um determinante importante na motivação dos homens de investir mais em relação à criança. As características sociodemográficas, como a idade do pai e o nível socioeconômico, também exercem influência no envolvimento paterno.

O meio social como a instabilidade financeira e as características do local de trabalho também podem estar ligados ao comportamento paterno. A instabilidade e insatisfação no emprego e a baixa renda afetam as atitudes do pai com relação à criança. É importante destacar que todas estas evidências foram consideradas em diversos estudos, porém os resultados não são conclusivos e, muitas vezes, apresentam-se contraditórios, o que leva a supor que novas variáveis devem ser melhor exploradas (Turcotte & Gaudet, 2009).

Em relação ao que é denominado de práticas institucionais, as quais se referem ao ambiente de trabalho e relacionamento do pai com os colegas desse contexto (Lamb, 1997; Lamb et al., 1985; Pleck, 1997), Cia e Barham (2006) afirmam que as condições de trabalho podem diminuir a participação do pai na rotina familiar. Outros estudos mostram que o pai se engaja menos com os filhos quanto maior é sua jornada de trabalho (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes, 2011). Silva e Piccinini (2007) também constataram que o tempo em que o pai está disponível para os filhos está fortemente influenciado pelas exigências do trabalho dos pais, pois corresponde ao tempo em que os pais não

estão trabalhando. Sendo assim, embora o trabalho possa reduzir o envolvimento direto do pai com a criança deve-se considerar o envolvimento que se manifesta de forma indireta, por exemplo, o fato de o pai ser o provedor, proporcionando conforto e melhores condições de vida por meio de recursos materiais para a família e para a criança

Outro fator que pode influenciar o envolvimento paterno são as *características sociodemográficas* (Cabrera & Bradley, 2012; Pleck, 1997). No que diz respeito às características como idade e escolaridade, Souza e Benetti (2008) verificaram que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno, mas, sua escolaridade sim, ou seja, quanto maior sua formação no ensino, mais participa nos cuidados de seus filhos. Bossardi (2011), por sua vez, constatou que o envolvimento paterno não apresentou relações com as variáveis sociodemográficas, mas verificou que os pais tendem a disciplinar mais os meninos.

Lamb (1997), menciona, de forma indireta, que as características sociodemográficas e o relacionamento conjugal podem interferir no envolvimento paterno. Outros autores também ressaltam essa relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal e verificam que o pai se envolve menos quando há uma relação conjugal conflituosa (Bossardi, 2011; Cabrera & Bradley, 2012; Falceto, Fernandes, Baratojo & Giugliani, 2008; Pleck, 1997; Schober, 2012; Simões, Isabel, & Maroco, 2010; Wagner et al., 2005). Desse modo, o seu envolvimento com o filho pode ser usado como uma resposta para seu conflito conjugal (Gabriel, 2012).

Pesquisadores, por meio da investigação do efeito do sistema de crenças, sobre a divisão de papéis entre homens e mulheres, chegaram à conclusão de que quanto mais rígidos forem os papéis tradicionais, maior a probabilidade de haver dificuldades no relacionamento conjugal, enquanto os parceiros que vivenciam um relacionamento mais igualitário estão mais satisfeitos (Braz, Dessen & Silva, 2005; Gottman, 1998). Assim, pais que são mais flexíveis em relação às atribuições masculinas e femininas têm influência positiva sobre as várias dimensões do envolvimento paterno e, especialmente, sobre a participação nos cuidados da criança (Turcotte & Gaudet, 2009).

A revisão de estudos feita por Turcotte e Gaudet (2009) mostram que o pai tem mais chance de participar nos cuidados da criança e envolver-se em atividades de lazer com ela se ele sente que tem as habilidades necessárias para fazer isso. Por isso, o sentido de competência paterna é enfatizado pelas autoras, a qual se dá justamente quando o pai tem a oportunidade de interagir com o filho e, através de

experiências bem-sucedidas, adquire confiança em suas habilidades enquanto pai.

A respeito dos aspectos sociodemográficos, a idade não parece ser um complicador único para o envolvimento. Entretanto, a literatura sobre a paternidade em outros contextos ecológicos, como quando os pais são adolescentes ou cônjuges de mães adolescentes, pais desfavorecidos ou de minorias étnicas, indica que pais jovens enfrentam desafios limitações importantes no exercício do seu papel parental (Turcotte & Gaudet, 2009).

O envolvimento paterno e suas dimensões, também são determinados pelo contexto familiar, em especial, no que se refere às características das mães, da criança e da relação conjugal. Nesse sentido, é importante considerar as crenças e percepções das mães no que diz respeito à função paterna com comportamentos que promovem ou impedem uma maior participação dos pais.

O ambiente social se refere às influências das condições de vida das famílias: o local de trabalho dos pais, serviços disponíveis na comunidade, os laços sociais, a cultura e políticas públicas. Sobre esse aspecto, ressalta-se que quanto maior o investimento de tempo e energia do pai em seu trabalho, menor será o envolvimento ativo na vida de seus filhos (Bronfenbrenner, 1986). Uma consequência desse fato é que pais desempregados se envolvem mais nos cuidados com a criança. Entretanto, pais que perdem empregos tendem a apresentar sintomas de ansiedade e sofrimento psíquico e, por conseguinte, tomam atitudes negativas com os filhos, tais como pouca demonstração de afeto e críticas constantes (Turcotte & Gaudet, 2009).

Em uma pesquisa nas bases de dados Medline, CINAHC e PsycINFO, entre os anos de 1983 a 2003, Magill-Evans, Harrison, Rempel e Slater (2006) realizaram uma revisão sobre intervenções com pais de crianças e apontaram que a interação pai-bebê, assim como as intervenções com as mães, podem promover efeitos positivos para o desenvolvimento das crianças. Os autores acima citados chegaram à conclusão de que, apesar das pesquisas recentes indicarem que o pai também contribui para o desenvolvimento da criança, há uma escassez de estudos que focalizem os tipos de intervenções direcionadas ao pai que possam estimular e desenvolver responsividade paterna e interação pai-criança de qualidade. Problemas no desenvolvimento tais como, emocionais, cognitivo, abuso de drogas, transtornos de conduta, gravidez na adolescência, entre outros, têm sido relacionados com a ausência da figura paterna durante a infância (Falceto et al., 2008).

Desta forma, verifica-se a pluralidade de variáveis que abarcam o envolvimento paterno. Assim, o pai pode assumir diferentes funções dentro do sistema familiar e na interação com seu filho, tais como: provedor de cuidados, companheiro, cônjuge, guia moral, professor, provedor financeiro, sendo que em todas essas funções exercem um impacto positivo sobre o desenvolvimento da criança.

O pai contribui para a criação e saúde emocional de suas crianças por meio do suporte econômico da família, uma entre todas as variáveis envolvidas no envolvimento paterno (Prado, Piovanotti, & Vieira, 2007). Por esse motivo, os pais são mais vulneráveis ao estresse econômico e à insegurança financeira do que as mães, justamente por trazer prejuízos a uma dimensão central da função paterna, a de provedor econômico. Porém, constata-se que os pais que adotam uma definição multidimensional do papel paterno, o que vai além do papel de provedor, são mais propensos a admitir a responsabilidade pela guarda de crianças, para demonstrar afeto e participar na educação dos filhos (Turcotte & Gaudet, 2009). Assim, o pai pode colaborar de várias maneiras para promover o desenvolvimento pleno de capacidades e potencialidades de seus filhos, além do apoio financeiro.

Estudos que enfatizam as implicações para o desenvolvimento infantil decorrentes da ausência paterna, normalmente destacam como variáveis a ausência decorrente do divórcio e das poucas interações entre pai e filho. Eles atentam, também, para o fato de que a mulher deixou de assumir toda a responsabilidade em relação aos filhos, favorecendo um envolvimento paterno direto (Jablonski, 1998).

Apesar de o pai estar mais envolvido nas atividades do cotidiano familiar em comparação à participação paterna de gerações anteriores, esse envolvimento ainda está ocorrendo em escala menor que o esperado ou desejado, e a mãe continua sendo a principal cuidadora das crianças (Balanchó, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007) e encarregada das tarefas domésticas (Balanchó, 2004; Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008). Isso mostra que, mesmo que se verifique um maior envolvimento do pai, o modelo tradicional ainda se faz presente no contexto familiar contemporâneo.

Alguns autores (Andrade, Costa & Rossetti-Ferreira, 2006; Balanchó, 2012; Bustamante & Trad, 2005) têm constatado que muitas vezes o pai tem sido visto como o ajudante da mãe. Isso pode acontecer em famílias em que existem mais pessoas para ajudar no cuidado dos filhos, e o pai não se faz tão necessário nesse aspecto, ressaltando-se seu

papel de provedor (Bustamante & Trad, 2005). Com relação a isso, Balancho (2012) revela que quando se identifica um maior envolvimento do pai, o parâmetro de comparação costuma ser a mãe, ou seja, a referência é se ele é tão envolvido quanto a mãe. Entretanto, dessa maneira, as especificidades e características que são peculiares ao homem e que os fazem diferentes das mulheres são deixadas de lado. Ademais, deve-se lembrar que o seu envolvimento recebe influência do ambiente externo, mas depende, principalmente, de seus desejos e motivações, portanto, o homem não deve ser considerado passivo diante de seu envolvimento com seu filho. Dessa forma, essa diferença entre o homem e a mulher deve ser considerada, pois interfere no envolvimento paterno.

Neste sentido, o interesse em investigar o envolvimento do pai aumenta, mas ainda, se constata carências na literatura sobre o tema e estudos que permitam caracterizar o envolvimento paterno, principalmente no que se refere aos seus determinantes, além de investigar o tema a partir do depoimento do próprio pai.

Por outro lado, em função do maior envolvimento paterno no contexto familiar relacionado aos cuidados com os filhos, a produção de conhecimento na área poderá permitir estratégias para promoção de saúde da família que possam ajudar os pais a exercer de forma mais efetiva o seu papel. O conhecimento gerado por pesquisas ligadas ao envolvimento paterno poderá resultar em procedimentos e técnicas de auxílio ao pai, como por exemplo, atividades de sensibilização e de reflexão sobre a importância do pai no contexto familiar e no cuidados aos filhos.

Para isso, Dubeau et al. (2009) sugerem a necessidade de adotar uma visão multidimensional do envolvimento paterno em busca de uma análise mais aprofundada das diferenças que possam existir entre os pais, em diferentes contextos, mas também, entre as mães e pais sob diferentes formas de envolvimento. Diversas ferramentas podem ser utilizadas, principalmente enfocando instrumentos quantitativos, juntamente com pesquisas qualitativas específicas com o pai.

3.3 TEORIA DA RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO

Com o intuito de exemplificar a complementaridade entre os papéis e funções maternas e paternas, Paquette (2004b) propôs uma nova teoria relacionada ao apego pai-criança: *Activation Relationship Theory* (Teoria da Relação de Ativação), a qual afirma que o pai atua como figuras de apego para estimular as crianças a explorarem o

ambiente e possui o foco em duas dimensões de paternidade para explicar a natureza da ligação pai e filho: a) estimulação (*stimulation*) e b) disciplina (*discipline*).

Segundo essa teoria, ao impulsionarem e estimularem as crianças a interagirem com os demais no processo de socialização, o que é denominado de *abertura ao mundo* (estimulação) enquanto estabelecem os limites apropriados para sua segurança (disciplina), os pais fomentariam o vínculo afetivo necessário para desenvolver o sentido de segurança e autoconfiança das crianças. A abertura ao mundo refere-se aos comportamentos do pai que se destinam a incentivar a criança se tornar mais autônoma para explorar o ambiente. A partir da Situação de Risco (Risky Situation) os pesquisadores canadenses observaram que a Relação de Ativação pai-criança se assemelha à relação de apego mãe-criança de forma significativa.

A Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (1969) denominou apego o laço de segurança e proteção que possibilita a existência humana, pois é a partir dos cuidados de alguém (como a mãe e o pai) que o ser humano encontra suporte para seu desenvolvimento. Sem a formação deste vínculo a criança poderia se distanciar excessivamente dos adultos ao explorar o mundo, ficando exposta a diversos riscos. Os comportamentos de apego são, portanto, complementares aos comportamentos exploratórios, pois possibilitam à criança conhecer o mundo em condições mais seguras (Gomes & Melchiori, 2012). Os comportamentos de apego se referem a um conjunto de condutas inatas exibidas pelo bebê, desde seus gestos iniciais, as quais promovem a manutenção ou o estabelecimento da proximidade com sua principal figura provedora de cuidados geralmente centrada na mãe (Bowlby, 1990; Gross, 2002;).

Desse modo, a relação construída com esse primeiro cuidador torna-se a base sobre a qual todos os vínculos posteriores se desenvolverão. Assim, uma vez estabelecidos, a qualidade, a segurança e a estabilidade desses laços associam-se fortemente com o bem-estar e a saúde emocional dos indivíduos ao longo da vida (Gomes & Melchiori, 2012). Destacam-se, também, os fatores contextuais que influenciam na formação dos vínculos afetivos e não apenas as características dos sujeitos envolvidos na relação. Assim, a dinâmica do apego está sujeita à ação de fatores de natureza individual, relacional e contextual (Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007).

Ainsworth, Blehar, Walters e Wall (1978) desenvolveram um experimento, chamado *Strange Situation* (SS – Situação Estranha), para classificar os diferentes tipos de apego entre mãe e filho(a). O

procedimento Situação Estranha é composto por algumas etapas. Nele, mãe e filho(a) (crianças de um ano a um ano e meio) ficam em um sala com brinquedos sendo observados pelos pesquisadores e câmeras escondidas. O experimento tem duração de vinte minutos e envolve a entrada de uma pessoa estranha (pessoa desconhecida para o bebê) e a ausência da mãe em alguns momentos.

Dependendo das reações da criança na ausência da mãe, se estabelece ou não interação com a pessoa desconhecida e como se dá o reencontro com a mãe, o bebê tem seus comportamentos codificados e seu apego é classificado em seguro, ansioso evitativo, desorganizado/desorientado e ansioso/ambivalente. O apego seguro relaciona-se a pais mais e responsivos às necessidades da criança. No apego evitador as mães têm mais dificuldade de demonstrar emoções, não toleram muita proximidade e punem comportamentos de apego do filho(a). No apego desorganizado/desorientado as crianças são mais agressivas ou resistentes e pode haver suspeita de a mãe ter passado por uma situação traumática (falecimento de um membro da família ou, até mesmo, abuso parental) na época do nascimento do filho. Por último, o apego ansioso/ambivalente é aquele em que as mães são ansiosas, pouco sensíveis às demandas do bebê e desencorajam a exploração do ambiente (Ainsworth et al., 1978).

Contrariamente à relação de apego mãe-filho que ajuda a acalmar a criança, o relacionamento de ativação pai-filho pode satisfazer as necessidades da criança para ser estimulada a assumir riscos num contexto de confiança e ser protegida de perigos potenciais. Para Le Camus (2000), os pais agem como figuras de apego quando permitem a abertura da criança para o mundo por meio da interação lúdica.

Quando as crianças são estimuladas por seu pai, elas têm a oportunidade de vivenciar novos desafios. De acordo com a teoria de ativação espera-se que essas oportunidades ajudem as crianças a regularem sua excitação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais socialmente competentes. A tendência do pai em estimular, provocar e desestabilizar a criança permite que a mesma reaja às muitas contingências de um ambiente em mudança por estabelecer uma relação de confiança durante a exploração. Entretanto, o incentivo à novidade deve responder aos limites de proteção à criança, destacando-se, assim, a importância da disciplina. De acordo com a Teoria da Relação de Ativação, espera-se que essas oportunidades ajudem as crianças a regularem sua inquietação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais competentes socialmente.

Com o objetivo de avaliar o desenvolvimento socioemocional das crianças, Paquette e Bigras (2010) elaboraram, em 2005, um novo procedimento, denominado *Risky Situation* (RS – Situação de Risco). O experimento é filmado com câmeras escondidas e conta com pesquisadores treinados para observar a situação. Ele é dividido em seis etapas de três minutos cada, com duração total de vinte minutos.

No primeiro episódio, após as instruções, a criança fica sentada no chão em frente aos brinquedos, enquanto o pai lê uma revista em uma cadeira atrás da criança. Na segunda etapa, uma pessoa do sexo masculino, a qual é desconhecida pela criança (pessoa estranha), entra na sala, senta-se no chão e começa a brincar com os brinquedos sem interagir com a criança ou com o pai. No terceiro momento, depois de três minutos (ou antes), se a criança iniciar a interação, a pessoa estranha começa a brincar com a criança e se torna cada vez mais intrusivo, no sentido de entrar mais em contato físico com ela, utilizando objetos que emitem barulho (chocalho) e fantoche com dentes. O quarto acontecimento é quando os brinquedos são colocados em uma escada colorida que estava escondida atrás de um pano. No quinto evento o pai é convidado a incentivar a criança a subir na escada, fornecendo um certo suporte e cuidado. E, por último, no sexto episódio o pai é orientado a proibir a criança de subir a escada. Durante todo o processo é permitido que o pai interaja com a criança quando a disciplina é requisitada, quando precisa dar instruções para estimular a mesma ou quando esta necessita do conforto (Paquette & Bigras, 2010).

Quando encorajadas a enfrentar desafios, as crianças desenvolvem confiança, em si mesmas e nos outros, abrindo-se para o mundo e tornam-se mais autônomas para explorar o ambiente. O estudo demonstrou também que crianças bem ativadas são menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas e menos dependentes, além de estarem associadas à boa competência social. Por outro lado, a qualidade da participação tem maior impacto sobre o desenvolvimento socioemocional das crianças do que a frequência (Paquette & Bigras, 2010). Também verificou-se que baixos níveis de estimulação e disciplina e qualidades empobrecidas de ativação estão associados à baixa competência social.

A partir do procedimento da Situação de Risco as crianças são classificadas, de acordo com seus comportamentos, em: ativadas, subativadas e superativadas. As crianças ativadas estabelecem interação positiva com o estranho, demonstrando sinais de hesitação ou medo, exploração dos degraus com certa preocupação e obediência aos limites de segurança definidos. As subativadas interagem menos positivamente

com o estranho, demonstrando mais medo e hesitação; na escada, irão explorar menos e serão cautelosas e obedientes. As superativadas são crianças altamente sociáveis com o estranho, não mostrando sinais de hesitação ou medo, mesmo quando o estranho começa a ser intrusivo, apresentam exploração perigosa da escada, mostrando sinais de imprudência e desobediência (Dumont & Paquette, 2012).

Estudos com pais cuidadores, ou seja, que se responsabilizam pelo cuidado no lugar da mãe, mostram que os mesmos diferem dos pais considerados tradicionais, ou seja, que não são os responsáveis primários pelo cuidado, disponibilizando mais conforto e menos brincadeiras físicas (Dumont & Paquette, 2012). Pode-se constatar que a qualidade da participação do pai pode ter mais impacto sobre o desenvolvimento sócio-emocional das crianças que já estão ativas e que o menor envolvimento é prejudicial, mas é melhor do que o não envolvimento. Em relação ao sexo, não foram encontradas diferenças no que diz respeito ao apego, mas há diferenças quando se trata da relação de ativação, pois os pais tendem a fazer mais brincadeiras que envolvam o contato físico e estimular os filhos do sexo masculino do que feminino. É importante afirmar que não se tem certeza de quanto o envolvimento paterno é influenciado pela biologia ou fisiologia, ou quanto por interações cotidianas (Dumont & Paquette, 2012).

Vale ressaltar que a Teoria da Relação de Ativação é específica sobre o envolvimento paterno. No entanto, é recente e pouco investigada, o que destaca a importância da exploração sobre o tema, tendo em vista que no Brasil não existem estudos relacionados. Como sugestão para novas investigações a respeito, indica-se a realização de estudos com um maior número da amostra de pais e filhos, comparação dos diferentes tipos de segurança, dos diferentes tipos de ativação, tipos de paternidade e entre os sexos, bem como, também seria interessante realizar uma pesquisa longitudinal, repetindo o estudo com ambos os pais.

3.4 A ABERTURA AO MUNDO

A *abertura ao mundo* é um conceito que tem despertado a atenção de um número crescente de autores interessados em investigar o envolvimento paterno, na Europa (Le Camus, 2000; Zaouche-Gaudron, 2001; Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996; Zaouche-Gaudron, Ricaud & Beaumartin, 1998) e na América do Norte (Ely, Gleason, Narasimhan & McCabe, 1995; Gleason, 1975; Paquette, 2004a, 2004c, 2004d, 2005). De acordo com esses pesquisadores a abertura ao mundo é

constituída por duas dimensões básicas: a estimulação e o controle/disciplina⁵.

O conceito de estimulação designa os comportamentos iniciados pelo pai em suas interações com a criança para incentivar seu filho(a) a tomar decisões, ter autonomia, assumir riscos, explorar o ambiente, ter curiosidade, auto-confiança e ativação (Paquette, 2005; Paquette et al, 2000; Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996). Com a aquisição da consciência de si, a qual é baseada na convicção de ser distinto do outro no seu ambiente imediato, a criança torna-se independente e pode, então, abrir-se ao mundo exterior, às pessoas de fora, à família e aos pares (Mazet & Stoleru, 1993).

A estimulação à exploração desperta a curiosidade da criança e a impulsiona a ir além do seu ambiente imediato, para criar novas relações e se socializar. Então, a criança corre o risco de enfrentar o desconhecido e é desafiada a se adaptar às novas situações físicas e sociais. Estimular a exploração também leva a um maior conhecimento do ambiente físico e social, proporcionando uma melhor adaptação (Ainsworth, 1972; Bowlby, 1969).

De acordo com Le Camus (2000), a criança tem, também, necessidade de ser ativada. Assim, paralelamente à relação de apego, desenvolve-se a relação de ativação, através da qual os pais, em particular o pai, respondem à necessidade de seu filho(a) ser ativado e testar seus limites, aumentando o nível de confiança na sua capacidade de enfrentar ameaças e novos desafios do ambiente (Paquette, 2005).

O conceito de estimulação se refere, também, às atividades de competição, auto-afirmação, aos jogos físicos e desestabilização (Paquette, 2004d). A estimulação à competição se dá, em particular, por meio dos jogos, especialmente, o jogo de luta. A criança, opondo-se a um adversário mais forte que ela, deve utilizar as habilidades e estratégias para ganhar ou permanecer no jogo. Ela desenvolve capacidade de enfrentar seus adversários, defender os seus direitos e território (Paquette, 2004c).

A introdução de novidades desestabilizadoras no espaço da brincadeira impulsiona a criança a ultrapassar certos limites emocionais e cognitivos e a se adaptar (Paquette, 2004d). Ela aprende, através dessas experiências a lidar com os desafios, tomar iniciativas em situações inusitadas, assumir riscos para estar mais preparada na presença de estranhos e exercer o controle (Kromelow, Harding & Touris, 1990).

⁵ Os termos “controle” e “disciplina” serão utilizados como sinônimos.

O conceito de disciplina, outra dimensão da abertura ao mundo, diz respeito à atividade de proteção, punição e limites (Zaouche-Gaudron, 2001; Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996). A disciplina proporciona à criança referências e limites estabelecidos pela educação, através da qual, a necessidade de estimulação da criança se desenvolve e se concretiza. Trata-se de fixar balizas, colocar limites e regras precisas, bem como fornecer proteção à criança. O ambiente conforta e protege a criança, de modo que ela pode explorar e assumir riscos dentro dos limites permitidos e com segurança (Paquette, 2004d).

As diversas atividades de estimulação e controle constituem aquilo que outros autores denominam de *abertura ao mundo* exercida pela função paterna. Os instrumentos de avaliação de envolvimento paterno tomam estas características da interação pai-criança como itens de avaliação do envolvimento.

Poucos instrumentos validados foram construídos para medir o envolvimento paterno e, destes, nenhum focaliza especificamente as questões centrais, como a estimulação infantil pelo pai ou o exercício do controle dos pais. O Questionário de abertura mundo (QOM) foi desenvolvido para preencher esta lacuna e oferece possibilidade para medir a estimulação e a disciplina (Paquette, Eugène & Claes, 2010). Para explorar a dimensão de comprometimento do pai e sua relação com o desenvolvimento infantil é necessária a construção de instrumentos adequados que atendam aos requisitos teóricos e tenha qualidades psicométricas, visto as deficiências na mensuração do envolvimento paterno.

Portanto, apesar das investigações a respeito do envolvimento paterno serem relativamente recentes, pode-se afirmar que os genitores têm funções específicas para crianças e influenciam a adaptação da criança ao seu meio ambiente de forma complementar. Este modelo de complementaridade entre a relação de apego e as relações de ativação é centrado nas necessidades das crianças e, neste sentido, destaca-se o empenho de figuras significativas paternas e maternas, não necessariamente que sejam pais biológicos. Os genitores parecem desempenhar um papel maior para a abertura ao mundo, especialmente relacionado à autonomia e gestão na assunção de riscos, tendo, durante a exploração de ambientes físicos e sociais (o que ajuda a desenvolver habilidades física e social), a assertividade e controle da raiva em relações sociais com seus pares e de realização acadêmica e profissional.

As mães parecem ser mais influentes no desenvolvimento de comportamentos

pró-sociais (partilha, cooperação, etc.) e problemas de internalização⁶ do comportamento, enquanto os pais tendem a ter maior influência sobre o processo de resolução de problemas (incluindo resolução de conflitos) e problemas de comportamento exteriorizado. Multiplicando-se os contextos de aprendizagem das crianças, as diferenças entre as funções exercidas pelo pai e pela mãe oferecem maior riqueza para crianças do que a homogeneização das práticas parentais.

⁶ Entende-se aqui problemas de internalização como sendo sintomas percebidos pela criança de forma subjetiva ou física, sem uma manifestação comportamental, necessariamente, associada a ele. Exemplos: retração social, ansiedade, depressão, manifestações somáticas (Achenbach, 1991).

4 MÉTODO

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza como um estudo transversal, pois analisou um momento determinado, no espaço e no tempo atual, da trajetória de vida dos participantes (Sampieri, Collado & Lucio, 2006). Quanto aos objetivos, este estudo é do tipo exploratório-descritivo, correlacional e comparativo. Exploratório porque busca examinar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos, a qual é uma temática pouco referida na literatura especializada, com o objetivo de aumentar a familiarização com o tema de estudo. Descritivo porque busca descrever a relação entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo. Correlacional porque visa verificar qual a associação existente entre as variáveis (Dancey & Reidy, 2006) e comparativo porque pretendeu comparar o envolvimento do pai e a abertura ao mundo em meninas e meninos.

O estudo constitui-se como quanti-qualitativo. Caracteriza-se como quantitativo por analisar estatisticamente a relação e a comparação entre variáveis. Estas são estudadas através de questionários que investigam o envolvimento paterno e a abertura ao mundo. Caracteriza-se como qualitativo tendo em vista a contextualização dessas variáveis através dos depoimentos dos participantes ao responderem a uma entrevista com roteiro semi-estruturado cujo tema era o envolvimento paterno. A utilização da entrevista se justifica pelo fato de complementar e aprofundar os dados provenientes dos demais instrumentos.

4.2 CONTEXTOS

A coleta de dados aconteceu entre os meses de abril e maio de 2014, em uma cidade do sul do Brasil. Fez parte dessa pesquisa uma Instituição de Educação Infantil, a qual atua na educação de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses.

4.3 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 20 pais (somente o pai) de crianças entre 4 a 6 anos de idade. Os pais, biológicos ou não, moravam ou já haviam morado com a criança por pelo menos um ano. Foi incluído na

amostra apenas o pai que, quando do nascimento da criança focal, já havia completado 18 anos.

A criança focal⁷ teve idade entre 4 e 6 anos. A escolha por essa faixa etária se explica pelo fato do presente estudo se inserir no projeto maior. Além disso, objetivou-se delimitar a investigação do envolvimento paterno a uma faixa etária específica (idade pré-escolar), pois, após os 3 anos de idade, as crianças demonstram maior abertura para estabelecerem outras relações além da relação com a mãe. Dessa forma, elas passam a interagir mais com figura paterna, de forma que, tanto a interação como a acessibilidade do pai, costumam ser mais elevadas quando a criança é mais velha (Lamb et al., 1985).

Utilizou-se como critério de exclusão pais cujo filho tivesse algum tipo de deficiência física ou mental. Esse critério de exclusão se justifica pelo fato de que a deficiência seria uma variável interveniente no estudo.

Metade dos participantes foram pais de meninas e a outra metade de meninos. Essa escolha se deu para verificar a hipótese, embasada na literatura, a qual mostra que os pais tendem a fazer mais brincadeiras que envolvam o contato físico e estimular os filhos do sexo masculino do que feminino (Dumont & Paquette, 2012).

4.4 INSTRUMENTOS

Para a realização do presente estudo, foram utilizados quatro instrumentos⁸: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Envolvimento Paterno (QEP), Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) e Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno.

4.4.1 Questionário Sociodemográfico

Constitui-se em um questionário que investiga local e tipo de residência, número de pessoas que vivem na casa e idades das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e renda dos pais. Além disso, há questões que investigam quem cuida da criança quando ela não está na escola e se alguém da família faz uso de medicação contínua. O Questionário Sociodemográfico foi adaptado para o projeto maior, a

⁷ O termo criança focal é utilizado para definir sobre qual dos filhos o pai respondeu aos questionários.

⁸ Os instrumentos QEP e QOM não serão apresentados em anexos porque estão em fase de validação.

partir de estudos já realizados anteriormente por pesquisadores vinculados ao NEPeDI da UFSC.

4.4.2 Questionário de Envolvimento Paterno (QEP)

O Questionário de Envolvimento Paterno foi elaborado pela equipe *ProsPère*. Esta equipe, sediada no Canadá, é formada por pesquisadores de diversas áreas que, há mais de 10 anos, dedicam-se ao estudo da paternidade. O instrumento foi validado no Canadá com uma amostra de 850 pais que constituíam famílias biparentais, com pelo menos um filho entre 0 e 6 anos de idade (Paquette et al., 2000). O envolvimento paterno é investigado através de 56 itens divididos em sete dimensões: *suporte emocional* composta por 12 itens (32, 35, 37, 40, 42, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 5), exemplo: “Tranquilizar seu/sua filho(a) quando ele tem medo”; *abertura ao mundo* composta por nove itens (8, 11, 23, 25, 27, 31, 33, 45, 56), exemplo: “Ir ao parque com seu/sua filho(a)”; *cuidados básicos* formados por nove itens (2, 5, 7, 10, 12, 14, 28, 39, 44), exemplo: “Dar banho em seu/sua filho(a)”; *jogos físicos* constituídos por sete itens (3, 6, 13, 15, 16, 20, 22), exemplo: “Brincar de lutinha com seu/sua filho(a)”; *evocações* compostas por seis itens (17, 29, 36, 38, 51, 54), exemplo: “Pensar em seu/sua filho(a) quando ele não está com você”; *disciplina* formada por quatro itens (18, 19, 24, 43), exemplo: “Repreender seu/sua filho(a) quando ele perturba ou incomoda” e *tarefas de casa* comportam nove itens (1, 4, 9, 21, 26, 30, 34, 41, 49), exemplo: “Lavar a louça”.

Os alphas de Cronbach da amostra validada variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal realizada com 33 pais, após duas semanas de intervalo, variou de 0,50 a 0,77. Para avaliar com que frequência o pai realiza determinadas atividades com seus filhos, utilizam-se duas escalas: para os itens de 1 a 24, usa-se uma escala absoluta com opções de resposta que vão de nunca a todos os dias. Para as atividades mais ocasionais ou dificilmente quantificáveis abarcadas entre os itens 25 a 56, a escala relativa foi privilegiada com opções de resposta que variam de nunca a sempre. Mais informações sobre a equipe *ProsPère* estão disponíveis no site <http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>. O Alpha de Cronbach obtido em pesquisa anterior realizado com uma amostra de cinquenta pais foi de 0,89, evidenciando a confiabilidade do instrumento (Gomes, 2011). O QEP ainda não foi validado no Brasil, mas para ser utilizado no presente trabalho, o instrumento passou pelos procedimentos de pré-

validação, ou seja, tradução, retradução (*backtranslation*), análise de juízes e validação semântica.

4.4.3 Questionário de Abertura ao Mundo (QOM)

Questionário sobre abertura ao mundo (QOM): foi elaborado por Daniel Paquette, Marie-Noëlle Gagnon e Jean Ramda em colaboração com Zaouche Chantal Gaudron, da Universidade de Toulouse-Le Mirail (Paquette et al., 2009) e se refere à abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao seu filho durante a infância. Contém 27 itens (escala de Likert com 6 pontos variando de "nunca" a "muito frequentemente") a ser preenchido pelo pai. Foi validado com uma amostra de 266 pais (207 quebequenses e 59 franceses) de crianças com idades entre 26-69 meses. O QOM ainda não foi validado no Brasil, mas para ser utilizado no presente trabalho, o instrumento passou pelos procedimentos de pré-validação, ou seja, tradução, retradução (*backtranslation*), análise de juízes e validação semântica. O QOM possui três dimensões: *Estímulo a perseverança*, exemplo do item: “Quando meu filho não consegue realizar uma tarefa, eu lhe digo que isto não é grave e que é necessário tentar de novo”; *Punição*, exemplo: “Eu repreendo meu filho quando ele desobedece” e, por último, *Estímulo a correr riscos*, exemplo: “Eu incentivo meu filho quando ele tenta fazer uma atividade arriscada (ex : subir em árvores, andar de skate, etc.)”.

4.4.4 Entrevista Semi-estruturada de Envolvimento Paterno

A entrevista semi-estruturada de Envolvimento Paterno, elaborada por Bueno, Vieira e Crepaldi (2012b) com perguntas adaptadas de Bossardi e Vieira (2012) é composta por perguntas, as quais estão divididas nos seguintes itens norteadores: experiência de ser pai, responsabilidade, disponibilidade, interação e, por último, fatores que interferem no envolvimento paterno. As perguntas, de forma geral, investigam questões referentes a como o pai avalia sua participação na vida do filho, quais tarefas ele desempenha em relação ao filho, quanto tempo fica junto com a criança, o que faz quando está com ela, que tipos de brincadeira, sobre o que conversa com ela, se na percepção do pai, a companheira (mãe) ajuda ou atrapalha sua participação no cuidado da criança, e sobre aspectos que facilitam ou dificultam seu envolvimento paterno, entre outras.

4.5 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS

Descreve-se, na Tabela 1, a correspondência entre os instrumentos descritos e os objetivos do estudo.

Tabela 1

Correspondência entre objetivos e instrumentos

Objetivos	Instrumentos
Caracterizar o envolvimento paterno	QEP (Questionário de Engajamento Paterno) Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno
Caracterizar a abertura ao mundo	QOM (Questionário de Abertura ao Mundo)
Comparar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo de pais com filhos do sexo feminino e do sexo masculino	QOM e QEP
Descrever as características sociodemográficas da amostra	Questionário Sociodemográfico

4.6 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi organizada de acordo com as etapas demonstradas no Quadro 1:

Etapas	Procedimento
1	Preparação dos instrumentos e treinamento para aplicação dos mesmos.
2	Contato com a Instituição de Educação Infantil para apresentação do projeto e estabelecimento de parceria para realização do mesmo. (Declaração Institucional – Apêndice A)
3	Envio das cartas-convite aos pais das crianças entre quatro a seis anos (Apêndice B)
4	Recolhimento das cartas-convite e contato telefônico com os pais para verificar se esses se enquadram nos critérios da pesquisa e agendamento do encontro para coleta de dados.
5	Encontro para coleta de dados: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C); aplicação dos instrumentos.

Quadro 1. Etapas do procedimento de Coleta de Dados

Todas as etapas resumidas acima serão explicadas a seguir. Anteriormente à coleta de dados propriamente dita, alguns procedimentos foram organizados para preparar a realização da pesquisa.

4.6.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados

O instrumento que avalia o envolvimento paterno (QEP), escrito originalmente em francês, já foi validado no Canadá e foi submetido à análise de dois juízes, bem como, passou pelo processo de avaliação semântica. Os juízes são especialistas na área e realizaram uma apreciação da pertinência dos conceitos e dimensões apreendidos pelo instrumento original na cultura-alvo da nova versão (equivalência conceitual). Os juízes também avaliaram a adequação de cada item do instrumento original, em termos de sua capacidade para representar tais conceitos na população em que o instrumento seria utilizado (equivalência de itens). Após essa etapa, procedeu-se a avaliação da equivalência semântica entre a versão traduzida e a original. Para esse processo, o instrumento foi aplicado em um grupo de pessoas que avaliou se a tradução condizia com o contexto brasileiro, ou seja, com a forma como se fala na cultura na qual ele seria aplicado, conforme indicado por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002).

O Questionário sobre abertura ao mundo (QOM), para ser utilizado no presente trabalho, passou pelo processo de pré-validação, ou seja, tradução, retradução (*backtranslation*), análise de juízes e validação semântica. Quanto à entrevista, foi realizado um treinamento para sua aplicação.

4.6.2 Procedimentos para recrutamento e seleção dos participantes

Para o recrutamento dos participantes o projeto foi apresentado e aprovado pela Instituição de Educação Infantil (IEI), a qual assinou uma Declaração Institucional (Apêndice A), comprometendo-se a convidar as famílias enviando-lhes uma Carta-Convite (Apêndice B).

De posse das cartas, a pesquisadora realizou uma triagem para verificar se os pais que haviam concordado em participar se enquadravam nos critérios de inclusão. Dessa forma, procedeu-se um contato telefônico com os pais, no qual os pesquisadores os lembraram de terem preenchido a carta-convite, confirmaram o interesse na participação do projeto e prestaram maiores esclarecimentos. Os

critérios de inclusão da amostra foram checados e, por fim, um encontro para a coleta de dados foi agendado. Nesse contato telefônico, a pesquisadora deixou seu telefone e e-mail, caso o participante precisasse entrar em contato antes do dia marcado, ou cancelar o encontro. Quando algum dos critérios não foi preenchido pelo pai, era explicado o motivo da impossibilidade de inclusão do mesmo e agradeceu-se em nome do grupo de pesquisa.

Tomou-se o cuidado para que a disponibilidade de tempo dos pais, no dia da coleta, fosse garantida, pois se estimava que durasse aproximadamente 75 minutos. A coleta aconteceu em uma sala do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

4.6.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita

No momento da coleta a pesquisadora se apresentou, explicou os objetivos do projeto, esclareceu dúvidas e entregou ao participante o TCLE lendo-o em voz alta, confirmando o interesse do pai em participar. O pai o assinou e datou e a pesquisadora o colocou em envelope, juntamente com a carta-convite, que foi lacrado na frente do participante. Outra via desse documento foi deixada com o pai, informando-se-lhe que nela encontraria os números de telefones e e-mails, através dos quais, poderia resolver dúvidas ou obter outras informações. O envelope recebeu uma etiqueta com um código de identificação do participante.

Em seguida o pai recebeu um caderno que continha todos os instrumentos que deveriam ser respondidos. O caderno não continha o nome do respondente, mas o código de identificação do participante, para que a sua identidade fosse preservada no momento da digitação dos dados.

Antes de iniciar a pesquisadora colocou-se à disposição do pai para esclarecer qualquer dúvida. Após o término da aplicação, a pesquisadora realizou a entrevista semi-estruturada de Envolvimento Paterno e, por fim, se despediu, agradeceu e se colocou à disposição para prestar informações sobre a pesquisa.

4.7 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os resultados obtidos foram tabulados e submetidos à análises formais através do programa estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS) - versão 18.0. A análise dos dados foi quantitativa, realizada a partir de: estatística descritiva, que visou

caracterizar uma única variável através de informações e valores de suas modalidades, com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências, médias, desvio-padrão e medianas de acordo com a natureza dos dados (Sampieri et al., 2006); e estatística inferencial, a qual buscou examinar o grau de relação entre variáveis envolvidas no estudo, através da análise de correlação (Fleith & Costa, 2005).

Realizou-se primeiramente a análise quantitativa dos dados com base na estatística descritiva, que visou a descrever os valores para cada variável com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências e de porcentagens para as variáveis categóricas, bem como média, desvio-padrão e mediana para as variáveis contínuas. Assim, foram caracterizadas descritivamente as variáveis concernentes ao envolvimento paterno, à abertura ao mundo e às características sociodemográficas dos pais.

Na sequência, aplicou-se o teste estatístico de Kolmogorov-Smirnov, que objetiva verificar se uma variável segue determinada distribuição (Mundstock, Fachel, Camey & Agranonik, 2006). Como através do referido teste, verificou-se que nem todas as variáveis seguiam uma distribuição normal, optou-se por utilizar o tratamento estatístico não-paramétrico. Os dados foram analisados em relação ao sexo da criança, com o intuito de identificar semelhanças e diferenças entre eles no que diz respeito às variáveis sociodemográficas, envolvimento paterno e abertura ao mundo. Para tanto, aplicou-se o teste estatístico Mann-Whitney, que objetiva verificar a existência de diferença estatisticamente significativa entre médias de duas condições, sendo adotado quando há participantes diferentes em cada condição – duas amostras independentes, neste caso pais de meninos e pais de meninas (Dancey & Reidy, 2006).

Esse teste foi aplicado às médias obtidas com base nas respostas ao Questionário Sociodemográfico, ao QEP ao QOM. Com o objetivo de examinar se existia relação significativa entre as variáveis envolvidas no estudo, foram realizadas análises de correlação, referentes à estatística inferencial (Dancey & Reidy, 2006; Fleith & Costa, 2005). Considerando-se a necessidade de tratamento estatístico não-paramétrico, realizou-se o teste de correlação de Spearman, a fim de identificar se existe relacionamento entre duas variáveis, isto é, se uma variável modifica a outra de forma dependente.

A análise da presente pesquisa utilizou algumas das técnicas de análise de conteúdo sugeridas por Bardin (1977), quais sejam: leitura flutuante das entrevistas; nova leitura para identificação dos elementos

temáticos, utilizando-se o software ATLAS.ti 5.1⁹ para organização dos dados a serem analisados. A análise de conteúdo baseada em Bardin (1977) refere-se a uma análise temática e sequencial do *corpus* (material que será analisado), da qual emergiram categorias temáticas. Ressalta-se os critérios para a construção das categorias temáticas: Critério semântico; e demais critérios de Bardin, quais sejam, exclusão mútua, homogeneidade, exaustividade, pertinência e objetividade (Bardin, 1977). Essa análise de conteúdo objetiva apreender o que está por trás do discurso de quem fala, buscando, por meio de eixos temáticos, desvendar os núcleos de sentido do discurso do entrevistado. Da análise de conteúdo, emergiram quatro categorias temáticas.

No Quadro 2 estão listados os objetivos específicos da pesquisa e as respectivas análises que foram realizadas:

⁹ Software utilizado para análise de dados qualitativos.

Objetivos	Análise realizada para responder ao objetivo
1) Descrever as características sociodemográficas da amostra.	a) Análise descritiva dos participantes (frequências, médias, desvios-padrão e mediana) b) Análises correlacionais para avaliar as correlações significativas entre as variáveis sociodemográfica dos pais (somente o pai).
2) Identificar as dimensões predominantes no envolvimento paterno e na abertura ao mundo	Análise descritiva com a exposição da média, desvio-padrão e mediana do envolvimento paterno geral e abertura ao mundo por dimensões.
3) Caracterizar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo	Análise descritiva (frequências, médias, desvios-padrão e medianas) do envolvimento paterno e abertura ao mundo. Análise temático-categorial de conteúdo segundo Bardin (1993) para avaliar qualitativamente o envolvimento paterno
4) Comparar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo de pais com filhos do sexo feminino e do sexo masculino.	Análises correlacionais e Teste de Mann-Whitney
5) Verificar se há relação das variáveis sociodemográficas com envolvimento paterno e a abertura ao mundo	Análises correlacionais
6) Investigar a relação entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo do pai de crianças entre 4 a 6 anos.	Análises correlacionais

Quadro 2. Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa.

Os sistemas de categorias constituídos no processo de análise, com a Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno, foram submetidos a duas juízas, *experts* em análise de conteúdo, doutorandas em psicologia do desenvolvimento humano. Entregaram-se às juízas as quatro categorias e subcategorias (que emergiram da Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno), juntamente com cem trechos aleatórios das entrevistas para que as juízas, separadamente, categorizassem de acordo com o que achassem adequado, fazendo comentários e sugestões, quando consideravam pertinente. Cada um dos

acordos e desacordos foi contabilizado para o posterior cálculo de concordância.

A concordância de cada uma das juízas com a pesquisadora foi de 90% no que se refere às quatro categorias que emergiram na análise de conteúdo. Ou seja, após lerem o material, concordaram com as categorias e suas subcategorias propostas e sugeriram pequenas alterações, as quais foram avaliadas e, em sua maioria, aceitas.

A equação utilizada para calcular a concordância entre juízes foi tomada emprestada do método observacional, o qual utiliza a concordância entre juízes para avaliação de fidedignidade (Fagundes, 1999). Esse cálculo foi feito segundo a fórmula apresentada na Figura 1. Esse cálculo foi feito separadamente com as pontuações da juíza 1 e, depois, com as pontuações da juíza 2. Caracteriza-se por coincidência o fato de os resultados terem sido iguais.

$$C = \frac{\sum \text{Acordos}}{\sum \text{Acordos} + \sum \text{Desacordos}} \times 100\%$$

Figura 1. Equação para calcular a concordância entre juízes, retirado de Fagundes (1999). Número de acordos da juíza (com a pesquisadora) dividido pelo número de acordos da juíza somados ao número de desacordos dessa juíza, e este resultado se multiplicou por 100 para resultar em uma percentagem.

4.8 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto de pesquisa mais amplo, no qual o presente estudo se insere, foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), atendendo às Resoluções nº 466/12 de 12 de dezembro de 2012. O projeto foi aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº: 447.932. Solicitou-se o consentimento das instituições em participar da pesquisa através de uma Declaração Institucional (Apêndice A) conforme solicita o CEPSH.

Os princípios éticos da pesquisa concernem à proteção dos direitos, ao bem-estar e à dignidade dos participantes. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 dispõe sobre a realização de pesquisas e psicologia com seres humanos e destaca a importância da observação desses mesmos aspectos.

Por essa razão, os procedimentos éticos foram considerados, e os participantes foram informados, antes do início da coleta de dados, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice C), sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária e sobre a possibilidade de optarem pela desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma delas, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores ficaram de posse do participante para garantir a liberdade de participação. O mesmo processo ocorreu com as instituições participantes. Todos os TCLEs assinados pelos participantes foram lacrados em envelope na frente dos mesmos.

Todos os documentos derivados da coleta foram arquivados no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), no Departamento de Psicologia da UFSC. Além disso, caso fosse identificada a necessidade de acompanhamento psicológico, os participantes seriam encaminhados para atendimento psicológico no Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC (SAPSI). Após o término da pesquisa, será realizado um projeto de extensão junto às Instituições de Educação Infantil que concordaram em participar do projeto maior, o qual será organizado em forma de oficinas. Essas oficinas deverão ser ministradas pelos pesquisadores, com o objetivo de apresentar os resultados obtidos no estudo, de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil e para a formulação de estratégias preventivas no que se refere ao envolvimento paterno.

5 RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa, primeiramente os resultados quantitativos e, logo após, os resultados qualitativos.

5.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

5.1.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participaram da pesquisa 20 pais (somente o pai) de crianças entre 4 a 6 anos de idade, sendo que 10 eram pais de meninos e os outros 10, de meninas. Os dados sociodemográficos dos pais que participaram desta pesquisa serão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Resumo das principais características sociodemográficas dos pais participantes¹⁰

Variáveis Sociodemográficas do pai	Média (Desvio-padrão) ou frequência e porcentagem (%)	Mediana (mínimo e máximo)
Idade do Pai	37,60 (DP= ±8,33)	37,50 (26, 60)
Local de Residência		
Grande Florianópolis	18 (90%)	
São José	1 (5%)	
Palhoça	1 (5%)	
Escolaridade paterna em anos	17,55 anos (DP= ±3,42)	
Escolaridade em faixas		17,00 (13, 26)
Ensino superior incompleto	4 (20%)	
Ensino superior completo	6 (30%)	
Pós-graduação	10(50%)	
Renda do pai	6315,00 (DP: ±3277,19)	6750,00 (2000, 15000)
Renda da Família em Faixa		
1601,00 a 2000,00	2 (10%)	
2001,00 a 3000,00	3 (15%)	
3001,00 a 4000,00	1(5%)	
Acima de 4000,00	14 (70%)	

(continua)

¹⁰ Os dados da mãe e profissão do pai encontram-se nos apêndices.

Tabela 2

Resumo das principais características sociodemográficas dos pais participantes
(continuação)

Variáveis Sociodemográficas do pai	Média (Desvio-padrão) ou frequência e porcentagem (%)	Mediana (mínimo e máximo)
Jornada de trabalho do pai		
10 horas semanais	1 (5%)	
30 horas semanais	5 (25%)	
40 horas semanais	13 (65%)	
44 horas semanais	1 (5%)	
Composição familiar/ Quem vive (mora) na casa		
Pai sozinho	1 (5%)	
Pai com sua mãe	1(5%)	
Pai com a companheira e 1 filho de 4 a 6 anos	5 (25%)	
Pai com companheira e 2 filhos de 4 a 6 anos	1(5%)	
Pai com companheira, 1 filho de 0 a 3 anos e 1 filho de 4 a 6 anos	3 (15%)	
Pai com companheira, 1 filho de 4 a 6 anos e 1 filho(a) de 7 a 18 anos	7 (35%)	
Pai com companheira, filho de 4 a 6 anos, irmã e sobrinha de 6 meses	1(5%)	
Família extensa (1 filho de 4 a 6, 1 filha de 7 a 18 e a mãe do pai)	1(5%)	
Número de pessoas que residem na casa	3,60 (DP= ±0,94)	4,00 (1, 5)
Número de filhos		
Apenas 1 filho	8 (40%)	
Mais de 1 filho	12 (60%)	
Sexo da criança focal		
Masculino	10 (50%)	
Feminino	10 (50%)	
Faixa etária das crianças		
4 anos	7 (35%)	
5 anos	13 (65%)	

(continua)

Tabela 2

Resumo das principais características sociodemográficas dos pais participantes (continuação)

Variáveis Sociodemográficas do pai	Média (Desvio-padrão) ou frequência e porcentagem (%)	Mediana (mínimo e máximo)
Sexo do irmão da criança focal		
Masculino	7 (35%)	
Feminino	5 (25%)	
Não possui irmãos	8 (40%)	
Idade do irmão da criança focal	8,67 (DP= $\pm 5,710$)	8,00 (1, 18)
Período em que a criança focal frequenta a escola		
Matutino	6 (30%)	
Vespertino	4 (20%)	
Integral	10 (50%)	

A média de idade dos pais foi 37,60 (DP= $\pm 8,33$), sendo que o mais novo tinha 26 anos e o mais velho, 60. Com relação ao local de residência, 18 moravam no município de Florianópolis, um em São José e um em Palhoça. No tangente à escolaridade, verificou-se que quatro pais possuíam Ensino Superior Incompleto, seis haviam concluído o Ensino Superior e 10 possuíam nível de pós-graduação, gerando uma média de 17,55 (DP: $\pm 3,42$) anos concluídos de estudo. As profissões dos pais foram variadas, sendo que a maioria era professor universitário ou servidor público de cargo administrativo. A média de renda do pai foi 6315,00 (DP: $\pm 3277,19$), com mínimo de 2000,00 reais e máximo de 15000,00 reais. De acordo com as respostas obtidas, 13 dos pais trabalhavam 40 horas por semana, cinco trabalhavam 30 horas por semana, um relatou 10 horas semanais e outro 44 horas semanais.

A respeito da escolaridade da mãe, uma possuía Ensino Médio Completo, três mães estavam cursando Ensino Superior, sete já haviam concluído Ensino Superior e nove possuíam pós-graduação, obtendo-se uma média de 17,15 (DP: $\pm 3,73$) anos concluídos de estudo. As profissões das mães eram diversificadas, tendo também um predomínio maior de professoras universitárias (n=4) e servidoras públicas de cargo administrativo (n=3). A média de renda da mãe foi 2090,00 (DP: $\pm 1991,00$), com mães que não possuíam renda até as que ganhavam no máximo 7500,00 reais. Metade das mães (n=10) trabalhava 40 horas por

semana, seis relataram trabalhar 20 horas semanais, três trabalhavam 30 horas e uma trabalhava 15 horas por semana.

Quatorze pais relataram que a família obtinha uma faixa salarial mensal acima de 4000,00 reais, três afirmaram ser entre 2001,00 a 3000,00 reais, dois disseram ser entre 1601,00 a 2000,00 reais e um disse que era entre 3001,00 e 4000,00 reais. No que diz respeito à composição familiar, houve maior predominância das seguintes configurações: pai, sua companheira, um filho de 4 a 6 anos e um filho de 7 a 18 anos ($n=7$). As famílias apresentavam uma média de 3,60 (DP: 0,94) pessoas que moravam na mesma casa. Sobre o número de filhos, 12 pais possuíam mais de um filho e oito pais tinham apenas um filho.

A idade das crianças variou entre 4 e 5 anos. Sete crianças possuíam 4 anos e 13 tinham 5 anos. A média de idade foi 4,65 (DP: $\pm 0,48$). Em relação ao sexo do irmão da criança sobre a qual o pai respondeu os instrumentos, sete crianças possuíam irmão do sexo masculino, cinco tinham irmãs e oito eram filhos únicos. A média de idade do irmão foi 8,67 (DP: $\pm 5,71$). Metade das crianças frequentavam a escola em período integral, seis delas durante o período matutino e quatro no turno vespertino. O pai relatou que, enquanto a criança não estava na escola, pai e mãe se dividiam nos cuidados com o filho.

5.1.2 Caracterização do Envolvimento Paterno

O envolvimento paterno foi calculado por meio das médias de envolvimento geral e de cada uma das dimensões que abrangem o instrumento. A Tabela 3 mostra os escores obtidos pelos pais.

Tabela 3

Médias, Desvio Padrão e Medianas obtidas em cada uma das dimensões do envolvimento paterno e QEP Geral.

Dimensões	Suporte Emocional	Abertura ao Mundo	Cuidados Básicos	Jogos Físicos	Evocações	Disciplina	Tarefas de Casa	QEP Geral
Média	4,30	3,82	4,38	4,92	3,92	4,57	3,73	4,20
DP	$\pm 0,48$	$\pm 0,69$	$\pm 0,82$	$\pm 0,56$	$\pm 0,71$	$\pm 1,10$	$\pm 0,56$	$\pm 0,48$
Mediana	4,33	3,77	4,38	5,00	3,83	4,75	3,88	4,25
Mínimo e Máximo	3,25-5,00	2,44-5,00	2,33-5,67	3,86-6,00	2,33-5,17	1,25-5,75	2,89-4,67	3,34-4,93

A média geral de envolvimento paterno foi 4,20 considerando uma escala likert de 1 a 5 pontos, que põe em média a frequência em

que os pais realizam determinadas tarefas com seus filhos, sendo 1 *nunca* e 5 *todos os dias* ou *sempre*.

Pode-se observar uma média maior na dimensão *Jogos Físicos* (Média 4,92, DP: 0,56 e mediana: 5,00) do instrumento QEP, que avalia o envolvimento paterno. Obteve-se também uma média mais alta nas dimensões *Disciplina* (Média: 4,57 DP: 1,10 Mediana: 4,75), *Cuidados Básicos* (Média: 4,38 DP: 0,82 Mediana: 4,38) e *Suporte Emocional* (Média: 4,30 DP: 0,48 Mediana: 4,33). A menor média foi na dimensão *Tarefas de Casa* (Média: 3,73 DP: 0,56 Mediana: 3,88).

Tais resultados apontam para um maior envolvimento do pai em relação à criança no que diz respeito aos jogos físicos, como por exemplo, brincar de lutinha, além de outras atividades de interação, como fazer cócegas, pegar no colo, fazer carícias e praticar gestos de amor. A segunda dimensão que os pais admitiram exercer foi disciplina, a qual envolve atitudes como corrigir os comportamentos do filho à mesa, repreendê-lo quando ele perturba ou desobedece e puni-lo quando ele faz algo errado. O pai também refere realizar cuidados básicos com o filho, como cuidar de sua alimentação, banho, entre outros, e suporte emocional, que está relacionado a cuidar do filho quando está doente ou ao brincar na rua, tranquilizá-lo quando tem medo, consolá-lo, elogiá-lo, dizer que o ama, além de garantir que a casa seja segura para ele. Apesar de haver uma divisão nas tarefas de casa, o pai ainda relata desempenhar menos esta função do que a mãe.

Tabela 4

Médias, Desvio Padrão e Medianas do QEP em relação ao sexo da criança.

Dimensões	Meninos		Meninas		Mann Whitney U	P
	Média (DP)	Mediana	Média (DP)	Mediana		
Suporte Emocional	4,45 (±0,41)	4,45	4,15 (±0,52)	4,20	33,5	0,65
Abertura ao Mundo	4,04 (±0,76)	4,27	3,60 (±0,56)	3,61	30,5	0,656
Cuidados Básicos	4,86 (±0,48)	4,77	3,91 (±0,83)	4,11	13,0	0,004**
Jogos Físicos	5,10 (±0,57)	5,00	4,75 (±0,52)	4,85	34,5	0,247
Evocações	3,95 (±0,70)	3,83	3,90 (±0,75)	3,91	52,0	0,912
Disciplina	5,00 (±0,57)	4,75	4,15 (±1,36)	4,37	28,5	0,105
Tarefas de Casa	3,82 (±0,50)	3,88	3,64 (±0,64)	3,61	43,5	0,631
QEP Geral	4,41 (±0,39)	4,42	3,99 (±0,48)	3,85	26,0	0,075

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

A análise do envolvimento paterno segundo o sexo da criança indicou uma tendência de o envolvimento paterno ser diferente em função deste fator. De acordo com a Tabela 4, analisando as médias, desvio padrão e medianas do *QEP Geral*, pode-se notar que o pai se mostra mais envolvido com filhos do sexo masculino. O pai realiza mais *Suporte Emocional*, *Abertura ao Mundo*, *Cuidados Básicos*, *Jogos Físicos*, *Evocações* e *Disciplina* com filhos do sexo masculino. A dimensão com nível de significância mais consistente ($p=0,004$, $p<0,005$) refere-se aos *Cuidados Básicos*, ou seja, isso quer dizer que o pai parece realizar mais cuidados básicos com seus filhos do que com as filhas.

As dimensões do instrumento QEP foram correlacionadas, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5

Correlações de Spearman entre as dimensões estatisticamente significativas do QEP

Dimensões	Suporte Emocional (1)	Abertura ao Mundo (2)	Cuidados Básicos (3)	Jogos Físicos (4)	Evocações (5)	Disciplina (6)	Tarefas de Casa (7)	QEP Geral (8)
1	-							
2	0,76**	-						
3	0,52*	0,46*	-					
4				-				
5	0,71**	0,77*			-			
6			0,46*	0,58**		-		
7	0,73**	0,70**			0,52*		-	
8	0,88**	0,87**	0,68**		0,69**	0,53*	0,80**	-

** $p\leq 0,01$ * $p\leq 0,05$

Com base na Tabela 5, pode-se afirmar que o *Suporte Emocional* correlaciona-se positivamente com a *Abertura ao Mundo*, *Cuidados Básicos*, *Evocações*, *Tarefas da Casa* e *QEP Geral*. Isso indica que quanto mais suporte emocional o pai fornece para a criança, mais ele incentiva a interação da criança com o mundo extrafamiliar, desempenhando cuidados básicos com seu filho, e mais ele realiza evocações, como por exemplo, lembrar da criança, pensar, imaginar. Da mesma forma, quanto maior o suporte emocional do pai em relação à criança, mais ele concretiza tarefas da casa e, por fim, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho.

Obteve-se como resultado que quanto mais jogos físicos o pai realiza com a criança, mais disciplina ele impõe a ela. Isso mostra que

ao brincar com seu filho de “lutinha”, por exemplo, ele pode testar os limites da criança, fazê-la aprender regras, estabelecendo a disciplina.

Os dados sociodemográficos foram correlacionados com as dimensões do instrumento QEP, como mostra a Tabela 6, a seguir, que apresenta os coeficientes de correlação (r de Spearman) e os níveis de significância (p) para as correlações estatisticamente significativas.

Tabela 6

Correlações de Spearman entre os dados sociodemográficos do pai e as dimensões do QEP.

Dimensões do QEP	Correlações com variáveis sociodemográficas	Coefficiente de Correlação de Spearman	P
Suporte Emocional	Jornada de trabalho do pai	-0,45	0,0045**
Abertura ao Mundo	Idade do pai	0,37	0,100
	Idade da mãe	0,32	0,159
Jogos Físicos	Idade da mãe	0,02	0,931
Jogos Físicos	Renda da mãe	-0,44	0,047*
Evocações	Idade do pai	0,46	0,039*
Tarefas da Casa	Idade da mãe	0,39	0,088
** $p \leq 0,01$		* $p \leq 0,05$	

De acordo com a Tabela 6, os valores apontam que quanto mais velho é o pai, mais evocações ele realiza com seu filho. Isso quer dizer que quanto maior é a idade do pai, mais ele pensa, lembra ou fala de seu filho. Constatou-se uma correlação negativa entre a jornada de trabalho do pai e o suporte emocional. Isso indica que quanto maior é a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional ele fornece à criança. Outro resultado revelado na análise é a correlação negativa entre a renda da mãe e jogos físicos realizados pelo pai, tal dado aponta que quanto maior a renda da mãe, menos jogos físicos o pai faz com a criança.

5.1.3 Caracterização da Abertura ao Mundo

A abertura ao mundo foi calculada por meio das médias de abertura ao mundo geral e de cada uma das dimensões que abrangem o instrumento. A abertura ao mundo foi avaliada através do instrumento QOM e possui três dimensões (*Estímulo à Perseverança*, *Punição e Estímulo a Correr Riscos*). A Tabela 7 mostra os escores obtidos pelos pais.

Tabela 7

Médias, Desvio Padrão e Medianas obtidas em cada uma das dimensões e QOM geral

Dimensões	Estímulo à Perseverança	Punição	Estímulo a Correr Riscos	QOM Geral
Média	4,9	3,16	3,74	3,8
DP	±0,63	±0,88	±0,73	±0,50
Mediana	5	3,16	3,68	3,77
Mínimo e Máximo	3,27 - 5,91	1,00 - 5,17	2,00 - 5,38	2,85 - 4,74

A partir da Tabela 7, observa-se as médias para cada dimensão do instrumento QOM que avalia a abertura ao mundo. A média mais alta é a da dimensão *Estímulo à Perseverança*, $M= 4,90$ ($DP=\pm 0,63$), em segundo lugar a dimensão *Estímulo a Correr Riscos*, $M= 3,74$ ($DP=\pm 0,73$), e por último a *Punição*, $M= 3,16$ ($DP= \pm 0,88$). Esses valores demonstram que os pais, de modo geral, incentivam seus filhos a persistirem, a não desistirem das atividades e também os motivam a correr riscos, desafiam o filho a fazer atividades que possuam certo grau de dificuldade, garantindo-lhe a segurança adequada. Em último lugar, a punição pode estar indicando que o pai tem punido menos o filho, dado menos castigo ou chamado menos sua atenção nas devidas situações.

Os pais apresentaram diferentes médias em relação ao sexo da criança, como mostra a Tabela 8.

Tabela 8

Médias, Desvio Padrão e Medianas do QOM em relação ao sexo da criança

Dimensões	Meninos		Meninas		Mann Whitney U	P
	Média (DP)	Mediana	Média (DP)	Mediana		
Estímulo à Perseverança	5,05 ($\pm 0,56$)	5,13	4,74 ($\pm 0,68$)	4,81	36,0	0,315
Punição	3,40 ($\pm 0,58$)	3,16	2,93 ($\pm 1,08$)	2,83	31,5	0,165
Estímulo a Correr Riscos	4,11 ($\pm 0,61$)	4,00	3,37 ($\pm 0,68$)	3,25	16,0	0,009**
QOM Geral	4,03 ($\pm 0,36$)	4,05	3,58 ($\pm 0,54$)	3,50	20,5	0,023*

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Ao se realizar o teste de Mann Whitney obteve-se resultados estatisticamente significativos para as dimensões *Estímulo a Correr Riscos* e *QOM Geral* ao se levar em consideração o sexo masculino e o sexo feminino. Os pais estimulam mais os meninos a participarem de atividades ou brincadeiras que sugerem algum risco.

Constatou-se que as médias e medianas são maiores para todas as dimensões do QOM para os filhos do que para as filhas. Pode-se dizer que, de maneira geral, o pai realiza mais abertura ao mundo com seus filhos do que com suas filhas, ou seja, possibilita e incentiva mais seu filho a experienciar novas situações e relacionar-se com o ambiente extrafamiliar.

A seguir, a Tabela 9 apresenta correlação de Spearman para as dimensões do instrumento QOM.

Tabela 9

Correlações de Spearman entre as dimensões do QOM

Dimensões	Estímulo à Perseverança (1)	Punição (2)	Estímulo a correr riscos (3)	QOM Geral (4)
1	-			0,64**
2		-	0,65**	0,83**
3		0,65**	-	0,83**
4	0,64**	0,76*	0,83**	-

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

A análise da Tabela 9 permite verificar as dimensões que se correlacionam. Portanto, quanto mais o pai estimula a perseverança no filho, mais ele abre a criança ao mundo. Da mesma forma, quanto maior a punição que ele exerce com a criança, maior a estimulação a correr riscos e consequentemente maior a abertura ao mundo. E, por fim, quanto mais o pai estimula a correr riscos, mais punição e abertura ao mundo realiza com a criança.

Também foram analisadas as correlações do instrumento QOM com os dados sociodemográficos do pai, o que gerou os resultados apresentados na Tabela 10.

Tabela 10

Correlações de Spearman entre os dados sociodemográficos do pai e o QOM

Dimensões do QOM	Correlações com variáveis sociodemográficas	Coefficiente de Correlação de Spearman	p
Estímulo à perseverança	Escolaridade do pai	0,357	0,122
Punição	Jornada de trabalho do pai	0,614	0,004*
QOM Geral	Jornada de trabalho do pai	0,516	0,02*

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Verificou-se que quanto maior a escolaridade do pai, mais ele estimula a criança a ter perseverança. Observou-se também que quanto maior a jornada de trabalho do pai, mais ele utilizava punição e incentiva a interação da criança com o mundo extrafamiliar.

5.1.4 Relação entre o Envolvimento Paterno e a Abertura ao Mundo

Na Tabela 11 encontram-se as correlações de Spearman entre as dimensões estatisticamente significantes dos instrumentos QEP e QOM.

Tabela 11

Correlações de Spearman entre as dimensões estatisticamente significativas do QEP e do QOM.

Dimensões	Jogos Físicos	Disciplina
Punição	-	0,68**
Estímulo a Correr Riscos	0,58**	0,77**
QOM Geral	0,54*	0,78**

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Verificou-se que quanto mais o pai pune a criança, mais disciplina impõe a ela. Da mesma forma, a medida que o participante estimula a criança a correr riscos, ele também estabelece a disciplina. Por fim, observa-se que quanto mais o pai incentiva a criança a explorar o ambiente externo e vivenciar relações com o mundo extrafamiliar, mais ele realiza jogos físicos com seu filho e mais disciplina determina para ele.

5.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

Inicialmente, foram identificados 824 elementos temáticos que foram agrupados em 31 subcategorias e originaram cinco categorias. Após análise de juízes, houve a reorganização dos elementos temáticos, o que resultou num corpus final de quatro categorias, 13 subcategorias e 35 elementos temáticos. A Tabela 12 contém as categorias, com suas respectivas subcategorias, que serão abordadas em seguida. Cada categoria, subcategoria e elemento temático possui um número correspondente.

Tabela 12

Categorias, subcategorias e elementos temáticos

Categoria	Subcategoria	Elementos Temáticos
1. Vivência da paternidade	1.1 Experiência de ser pai	1.1.1 Ser responsável por alguém
		1.1.2 Fazer diferente do próprio pai
		1.1.4 Impor limites
	1.2 Contexto da paternidade	1.2.1 Despreparado
		1.2.2 Filho-problema
		1.2.3 Sentia-se preparado
2. Responsabilidade pela necessidade do (a) filho (a)	2.1 Participação nos cuidados com o(a) filho(a).	2.1.1 Cuidados básicos
		2.1.2 Cuidados ligados ao gênero
		2.1.3 Influência da rotina de trabalho dos pais
		2.1.4 Pai provedor
		2.1.5 Monitoramento da vida escolar
	2.2 Participação nas tarefas da casa	2.2.1 Tipos de tarefa
		2.2.2 A rotina da casa
	2.3 Educação	2.2.3 Pai separado
		2.3.1 Disciplina
		2.3.2 Força Física
		2.3.3 Diálogo
3. Interação pai – filho (a)	3.1 Atividades que realiza com o(a) filho(a)	3.1.1 Brincadeiras
		3.1.2 Outras atividades
		3.1.3 Dar atenção
	3.2 A influência da mãe	3.2.1 Mãe dificulta ou impede a interação do pai com a criança
		3.2.2 Mãe colabora
4. Fatores que interferem no envolvimento paterno	4.1 Fatores ligados à mãe	4.1.1 Presença da mãe
		4.1.2 Relação com a mãe da criança
	4.2 Fatores ligados ao próprio pai	4.2.1 Jeito do pai
		4.2.2 Momento de vida do pai
	4.3 Fatores ligados à criança	4.3.1 Jeito/comportamentos da criança
	4.4 Rede Social de Apoio	4.4.1 Ajuda para cuidar do(a) filho(a)
	4.5 Modelo do próprio pai	4.5.1 Positivo
		4.5.2 O que o pai questiona
		4.5.3 Negativo
	4.6 O que faz de diferente do pai	4.6.1 Tarefas de casa
		4.6.2 Não diferencia os filhos pelo gênero
		4.6.3 Valoriza a família
		4.6.4 Afeto

A seguir serão descritos e exemplificados os conteúdos das categorias e as subcategorias que as compõem.

5.2.1 Categoria 1 – Vivência da paternidade

A categoria vivência da paternidade abarca o que o pai relata estar relacionado com o acontecimento e significado de ser pai, como estava sua vida quando seu(a) filho(a) nasceu, quais as mudanças que ocorreram com a paternidade e como ele se enxerga neste papel e está composta por duas subcategorias (experiência de ser pai e contexto da paternidade).

A subcategoria **experiência de ser pai** diz respeito ao significado que o pai dá para este processo de tornar-se pai e vivenciar a paternidade. Os pais relatam ser um aprendizado frequente, que fornece um objetivo para a vida e é repleta de desafios.

“(...) um aprendizado contínuo. A gente aprende, eu tenho aprendido muito sobre mim com os filhos, e a gente aprende também as nossas limitações. Antes de ser pai eu tinha uma expectativa de que seria uma das coisas mais fáceis, e a gente descobre que é bem mais difícil, que a gente tem bem menos preparo do que imaginava.” (P01).

Os pais relatam que a experiência de ser pai é também a oportunidade de fazer diferente, de educar o filho de outra maneira, de uma forma mais presente do que seus próprios pais. Um dos pais, P11, relata que sente um certo ressentimento por não poder experimentar sensações que são exclusivas da mãe, como por exemplo, a gestação e amamentação. Os pais também comentam sobre a diferença entre ser pai de menino e de menina, como nos trechos abaixo.

“Foi bem tranquilo quando ela (a filha) era mais nova... alguma dificuldade eu tinha era com relação à vaidade dela, eu não sabia lidar muito bem, e também com relação a arrumar o cabelo, era eu quem tinha que fazer isso também, as questões de organização diária eu não sabia como lidar muito bem com isso, mas sempre estive muito presente na vida dela.” (P04).

“É interessante ser pai, eu tenho duas meninas, não tenho menino pra saber como seria ser pai de menino, muito interessante, é uma coisa que preenche a gente bastante.” (P03).

“A partir de um determinado momento onde houve um, vamos dizer assim, houve que a alimentação não era o principal, porque a amamentação envolve alimentação e o carinho, o contato físico, o cheiro da mãe, o batimento cardíaco da mãe, o olhar da mãe, tudo aquilo, a partir do momento que ele começa a reconhecer mais outras pessoas além da mãe, eu podia fazer a ordenha e eu mesmo dar de mamar. Eu me lembro tanto da minha filha tanto do meu filho, a primeira vez que eu amamentei os dois, com a mamadeirinha com o leite materno, então eu me resenti um pouco disso, de não, de existir certas coisas que são da mãe...” (P11).

De maneira geral, os pais dizem ser participativos, envolvendo-se bastante nos cuidados com o filho e procurando ser um pai diferente do que seus próprios pais. Um dos participantes descreve-se como um pai moderado para rígido (P6), impondo limites para o filho. Outro pai (P16) diz incentivar o filho a tomar decisões, favorecendo sua autonomia.

“Fazer com que eles também venham saber enfrentar a vida, e o mundo aí fora, então geralmente o pai... A mãe cria o filho pra ela mesma e o pai cria o filho para o mundo, então a gente desde agora, a gente já vai se desafiando, ensinar eles a fazerem escolhas, então esse é o desafio.” (P06).

“Eu participo dos momentos, tanto com o meu filho como com ela, participo bastante de todos os momentos, das idas no médico, no dentista, levar em colégio, buscar, ajudar nas tarefas, assistir televisão com eles, desenhos.” (P16).

Três pais descrevem-se como “brincalhão”, “amoroso” e “carinhoso”, que cuida e se preocupa com seu(a) filho(a), buscando sempre melhorar o que for possível.

“Eu acho que eu sou pai amoroso, eu escuto, eu converso, eu dialogo, mas também sou um pouco controlador, poderia ser menos repressor do que eu sou, isso é uma coisa que eu estou tentando trabalhar para melhorar. É, eu acho que ele pode desenvolver autonomia dele, é importante que ele vá experimentando esses limites sozinho.” (P05).

A subcategoria **contexto da paternidade** retrata o contexto em que o participante se tornou pai. Alguns pais sentiam-se despreparados, pois estavam em um momento conturbado da vida profissional. Outros estavam cursando a faculdade quando o filho nasceu e outro pai finalizando o mestrado. Dois entrevistados tornaram-se pais após os 40 anos, sendo que um deles já havia sido pai anteriormente quando era mais novo. Portanto, o contexto da paternidade abrange se o filho foi planejado, como o entrevistado administrou os outros aspectos de sua vida, como estudos, trabalho e relação com a parceira, quando soube que ia ser pai.

Apesar de alguns pais relatarem terem tido o(a) filho(a) em um momento impróprio da vida, avaliaram a paternidade como uma oportunidade de crescimento pessoal e aprendizado.

“Inicialmente foi bem complicado, não por causa de ser pai eu acho, mas porque foi num momento difícil da minha vida profissional, de muitos desafios e daí com o filho foi um problema a mais que surgiu nesse momento, mas depois assim, achei que foi... O fato de eu ter um filho também me ajudou a acordar pra como eu estava lidando mal com os problemas, então eu vejo muito positivamente essa experiência de ser pai, de ter essa oportunidade de conviver com criança e aprender com as crianças. Então hoje em dia eu acho que foi uma experiência excelente. Eu queria já antes ser pai mas não queria pra já, mas acabou acontecendo, mas acho que uma experiência maravilhosa assim e hoje eu valorizo muito a oportunidade de ser pai...” (P14).

Um dos pais (P03) admite que o contexto em que teve sua segunda filha foi mais favorável em relação ao momento em que foi pai pela primeira vez e que isso influenciou seu envolvimento e participação na vida da filha consideravelmente. Quando sua segunda filha nasceu ele já estava com emprego fixo e uma rotina de trabalho mais equilibrada e estabelecida.

“A primeira filha foi no meio da faculdade, então foi uma loucura. Acabando a faculdade, no meio pra frente da faculdade então eu estava bem atrapalhado, eu estava com 21 ou 22 anos. A minha segunda filha foi um pouco mais tarde, sete anos e meio depois, então já tinha uma outra noção... a primeira não foi

planejada e a segunda foi.... estávamos mais preparados, a gente tinha mais condições para receber uma criança...” (P03).

Há também o pai que, juntamente com a esposa, planejou ter filhos e sentia-se devidamente preparado para vivenciar tal experiência.

“...Meus dois filhos, eles foram também muito esperados, não foi uma coisa que aconteceu do acaso, então foi uma coisa que a gente queria mesmo, foi planejado, então assim, dentro do possível, foi aquilo que a gente já queria, então quando a gente já quer uma coisa, a gente vai saber cuidar bem dela...” (P07).

Segundo os participantes, a paternidade implicou mudanças relacionadas ao estilo de vida, aos comportamentos e hábitos, o que pode ser melhor exemplificado por meio dos seguintes trechos.

“...E eu então morei muito tempo sozinho dentro da minha organização, bastante, vamos dizer assim é, obsessiva e compulsiva por limpeza, com isso, com aquilo, com organização. Com a vinda dos filhos, não tem cura melhor pra gente compulsiva do que filho, que tudo aquilo que você acha que vai ficar ordenada, bonitinho, não existe mais, é mera fantasia...” (P11).

Os pais relatam sentirem-se mais responsáveis com a chegada do filho, P17 discorre sobre as diferenças entre ser mãe e ser pai, admitindo que apenas quando seu(a) filho(a) nasceu experimentou a sensação de ser pai de fato, enquanto que a mãe, por acompanhar o crescimento do(a) filho(a) desde o início dentro de seu próprio corpo, já experienciava isso antes.

“...O processo de ser mãe acontece antes, e com o pai é quando a criança sai. E o meu foi assim, porque até então, estava aquela coisa e não tinha caído a ficha, a noção de que eu precisava ser um pouco mais responsável. Mas continuo sendo um gurizão, tenho meus problemas, quanto à questão da minha filha eu sempre gosto das coisas meio certinhas assim. Sou meio, sou meio chato assim...” (P17).

Portanto, nota-se que os participantes relataram diferentes contextos em que se tornaram pais, afirmando que o momento em que se

encontravam influenciou a forma de exercer a paternidade, assim como, de maneira geral, os entrevistados significaram positivamente a experiência de ser pai.

5.2.2 Categoria 2 – Responsabilidade pela necessidade do (a) filho (a)

Esta categoria abarca as atividades que o pai realiza, com que frequência, como e quais responsabilidades divide com a mãe de seu(a) filho(a), como se dá essa organização no âmbito familiar. Está composta por três subcategorias (participação nos cuidados com o(a) filho(a), participação nas tarefas da casa e educação) e inclui as falas dos pais sobre as tarefas que assumem em relação aos cuidados com o(a) filho(a) e a casa.

A subcategoria **participação nos cuidados com o(a) filho(a)** discorre sobre o envolvimento do pai nos cuidados básicos com o(a) filho(a), como dar banho, comida, vestir. Os entrevistados relatam participar bastante nos cuidados com a criança e os pais de meninas admitem que, muitas vezes, não se sentem seguros ao cuidar de suas filhas, pois não sabem como lidar com sua vaidade, como arrumar o cabelo e colocar a roupa que elas gostam. Nesses casos, os pais fazem o possível, mas demonstram preferência que a mãe se encarregue dos cuidados.

“Eu acho que assim, o papel do pai é fundamental na participação, porque a esposa ela tem o dever dos cuidados com os filhos, mas isso não isenta o homem de não participar em nada, eu ajudo bastante, ajudo nos banhos, ajudo na alimentação, ajudo até pentear cabelo, não sei fazer aqueles penteados na minha filha, porque cabelo de mulher é mais difícil de... Principalmente quando tem cacheado...” (P10).

“Ah, eu participo assim, eu, no que eu posso. A gente divide os cuidados. A Joana cuida mais da roupa, até porque se eu colocar uma roupa, ela... ela tira e coloca outra, porque diz que não está combinando ou que essa roupa era muito nova, ou essa roupa é muito velha... enfim, tem uma série de coisas.... Então eu já deixo mais aos cuidados dela...” (P12).

Um pai (P11) descreve-se como “pãe – um pouco pai, um pouco mãe”, encarregando-se dos cuidados com o filho na rotina diária.

“É, hoje de manhã eu tava vendo uma entrevista em um programa sobre atuais composições familiares, ele usou um termo que chama de “Pãe”. A paternagem pra uma criança, até por uma questão de característica que eu tenho, é muito mais forte, até pra dizer, hoje em dia quem desempenha mais o papel de mãe da casa, sou eu (...) Eu acho que eu me encaixo perfeitamente nessa rotina diária com as crianças, dou banho, alimento, das atividades, das rotinas(...)” (P11).

Os pais avaliam sua participação na vida do(a) filho(a) de forma positiva, afirmam ser presentes e acompanhar a vida do(a) filho(a) desde os cuidados básicos diários, como banho, alimentação, trocar de roupa, até demais atividades envolvendo brincadeiras. Porém acreditam que essa participação poderia ser melhor ainda se dispusessem de mais tempo.

“Eu avalio que eu sou muito presente na vida dele e é claro que a gente sempre considera que essa presença pode ser mais positiva do que ela é, em função a uma série de elementos e circunstâncias, mas considerando, por exemplo, que o meu pai não teve nem um pouco presente na minha criação. Então todo dia eu estou com ele, fazendo coisas com ele.” (P18).

Os cuidados em relação aos filhos também dependem da rotina de trabalho dos pais de acordo com o dia da semana. Dessa forma, eles organizam-se conforme o horário de trabalho e disponibilidade de cada um e encarregam-se de atividades diferentes, como levar e buscar da escola, preparar refeições, dar banho na criança. Os pais afirmam acompanhar e instruir o(a) filho(a) nos deveres escolares, reforçando os conteúdos que a criança aprendeu na escola. Apenas um pai relata não se envolver nos cuidados com o(a) filho(a), pois trabalha a maior parte do tempo fora e é o provedor da família, portanto, neste caso, a esposa se encarrega das tarefas relacionadas ao(a) filho(a) e à casa.

A subcategoria **participação nas tarefas da casa** avalia o quanto e em quais atividades o pai se envolve no cuidado da casa. Todos os pais, com exceção de um, afirmam participar das tarefas da casa, como limpeza, lavar a louça, organizar o lixo, preparar refeições, lavar a roupa.

“Essa parte de conserto de casa sou eu que faço, faço tudo. Organizar o lixo, ajuda a fazer a comida, limpeza da casa eu

também ajudo, a gente divide bastante. É bem dividido mesmo...” (P01).

Os cônjuges organizam-se de acordo com a rotina e preferência ou facilidade em realizar alguma atividade. As tarefas que exigem mais força física são, na maioria das vezes, realizadas pelos homens, e as que requerem mais detalhes, como cuidar das roupas, são desempenhadas pelas mulheres.

“Na organização da casa também, quando chega o final de semana, a gente não tem faxineira, a gente que faz a faxina. É... então eu ajudo a passar o aspirador, a limpar os banheiros, os banheiros são sempre meus...” (P13).

“As tarefas da casa. Bom, a gente, é uma coisa que é muito dinâmica assim, depende da rotina, agora a gente conseguiu estabilizar um pouco a rotina, então a gente está trabalhando em horários que a gente consegue administrar bem.” (P12).

“A parte de limpeza, de piso, de cuidado com a rua é mais comigo, então acho que é bem dividido. E o cuidado com as crianças é maior da parte dela, porque ela permanece mais tempo em casa, então com o menor principalmente, ela acaba alimentando na hora do almoço, trocando fralda, trocando de roupa, aquela coisa toda. Eu final de semana é, eu dou banho nele todo dia, durante a noite, aí às vezes eu faço a janta, durante a janta eu alimento também...” (P15).

Dentre os participantes, 18 moram com a esposa e filhos, desses, 16 dividem com a companheira os cuidados da casa e um, por trabalhar muito tempo fora de casa, não ajuda nas tarefas. Dois dos 20 pais não moram com a esposa e filho, sendo que um mora sozinho e o outro com a própria mãe.

Os pais mencionam como aprenderam a cuidar de seus (a) filhos (a) e relatam ter sido na prática ou lidando com o primeiro filho. Um dos pais afirmou ter participado juntamente com a esposa de um curso para casais grávidos e ter lido livros sobre desenvolvimento infantil que auxiliaram nos seus cuidados com o filho. Outros três pais falaram ter tido contato com outras crianças na família, por exemplo, irmãos mais novos.

“Mas assim, muita coisa do cuidado da Alice eu aprendi cuidando da minha primeira filha, apesar de morar com a minha mãe e com meu pai na época, minha esposa morou junto na mesma casa, mas assim, a gente aprendeu por conta. A minha sogra, minhas cunhadas, tudo isso ajudou, mas elas moram longe, então não é uma interferência tão grande, então assim, foi meio na marra, abrindo a trilha a facão. Aprendemos assim...” (P03).

A última subcategoria deste grupo, **educação**, refere-se às responsabilidades que os pais assumem com a educação dos(as) filhos(as), como o entrevistado descreve o jeito de seu(a) filho(a) e como é lidar com ele(a). Esta subcategoria abarca quais práticas educativas ele utiliza, ou seja, quais estratégias são mais eficazes para lidar com a criança, como conversar, negociar, se utiliza força física ou se dá castigo. Os pais, de modo geral, afirmam que seus filhos são tranquilos, obedientes e fáceis de lidar. A estratégia mais utilizada é o diálogo, em casos de desobediência alguns pais afirmam dar castigo e este se constitui na proibição de utilizar algum brinquedo que a criança gosta por determinado período de tempo. Nove dos pais relatam aumentar o tom de voz quando o filho desobedece.

“É lidar com ela, é... Ela é um pouco assim também às vezes, teimosa, então pra tirar algumas coisas da cabeça dela tem que conversar e conversar bastante....ela precisa entender mesmo porque ela precisa fazer determinada coisa. Então se ela não entende ela continua fazendo a coisa errada...” (P10).

“Quando ele não obedece, primeiro a gente tenta falar com ele de boa, tenta argumentar, se ele não aceita ainda eu tento usar o tom de voz, aí com o tom de voz ele já percebe que está ficando ruim pra ele, aí ele sai, ele se bota de castigo, ele vai pro quartinho dele e se tranca, até ficar uns cinco minutinhos, aí ele volta mais calmo...” (P13).

Três dos 20 pais admitem utilizar força física depois de tentarem por meio de conversa ou negociação. A força física, nesses casos, compreende puxão de orelha, um tapa leve nas nádegas e, em casos mais extremos, apenas um pai relata uso de uma vara, mas diz que é muito raro ele bater no(a) filho(a) com este objeto.

5.2.3 Categoria 3 – Interação pai - filho (a)

Esta categoria apresenta o que o pai faz com a criança quando está com ela e busca compreender quais atividades os dois desenvolvem juntos, ou seja, sobre o que conversam, quem participa desses momentos além deles, quem interfere e de que forma acontece essa interferência. Está composta por duas subcategorias (atividades que realiza com o(a) filho(a) e a influência da mãe).

A subcategoria **atividades que o pai realiza com o(a) filho(a)** compreende as brincadeiras e programas que pai e filho(a) fazem quando estão juntos. Os participantes realizam brincadeiras muito variadas que estimulam o desenvolvimento da criança, como jogar futebol e praticar outros esportes, brincar de boneca, jogar determinados jogos, desenhar, pintar, cantar, dançar, correr, assistir filmes ou televisão, ir ao parque, ir à praia, entre outras atividades, como constam nos trechos abaixo.

“Olha, a gente sempre tenta propor alguma coisa pra ela, ela é igual a gente, não gosta de ficar em casa. Então ou é parquinho, ou é Brinca Mundi, Shopping, Parque Ecológico (loais destinados ao lazer na cidade), alguma coisa a gente está inventando sempre, assim...” (P02).

“Ah ele gosta de caminhar, às vezes ele sai pra caminhar comigo. Ele gosta de ir ao parque, a gente tem uma casa na praia no matadeiro, ele gosta de ir pra praia, ele faz natação...” (P19).

“Olha, eles são, eles têm uma já uma tendência a ter uma variedade de coisas, então andar de skate na rua, andar de bicicleta ou então ir na casa da avó, que na casa da avó ela deixa tudo...” (P07).

Os pais admitem desenvolver atividades que estimulam os(as) filhos(as) a aprender algo novo, como andar de bicicleta sem rodinhas, conhecer lugares diferentes, como ir a praias que nunca haviam ido antes, ou realizam programas caseiros que envolvem bagunça, isso com a ausência da mãe. Entre as atividades que o pai realiza, algumas que mais gosta de fazer na companhia do(a) seu(a) filho(a) estão descritas a seguir.

“A que eu mais gosto mesmo é fazer a sessão pipoca em casa com eles, é o dia que a gente tira assim, sem mãe, só eu e meus filhos, onde a gente ocupa a cama, aí tem o filme já premeditado, eles querem, preferem que eu faça um balde de pipoca pra cada um, doce, metade doce e metade salgada...” (P11).

“...eu gosto, por exemplo, de levar ele pra fazer trilha, pra ir pra duna, caminhar nas dunas, eu sempre levava eles pra brincar assim na natureza, porque eu gosto...” (P13).

Os participantes destacam que existem diferenças na preferência de atividades dependendo do sexo da criança. Geralmente, meninas preferem brincadeiras mais calmas, incluindo desenhar, pintar, assistir desenho animado na televisão, e os meninos já gostam mais de sair de casa, fazer algo ao ar livre, correr, pular, brincar de esconde-esconde.

Os entrevistados também referem conversar e acarinhar seus(as) filhos(as), dando a atenção necessária a eles, caracterizando o contexto em que essas atividades de brincadeira ocorrem, em um ambiente permeado por um clima agradável de contato e atitudes amorosas. O pai afirma conversar a respeito do cotidiano do(a) filho(a), o que inclui sua rotina na escola, como estão seus amigos e o que o(a) filho(a) aprendeu com a professora. Os pais conversam sobre curiosidades que a criança tem, pois, segundo eles, elas se encontram na fase de questionar tudo, querer explicações sobre as coisas. Os entrevistados também relatam dialogar sobre a família e um deles diz conversar sobre Deus com seu filho.

“Então eu já chego, pego ela na escola, e já pergunto “o que que aconteceu hoje?”, e ela já conta de amiguinho que machucou amiguinho, ela conta do professor que puxou a orelha de não sei quem, então... É a forma que eu tenho de saber como está o ambiente escolar, e converso...” (P04).

“Sobre o quê? Bom, agora é a fase do “porque”, então o “porque” conversa sobre tudo, qualquer coisa que você fala: “porque” “porque”? Mas assim, é eu acho que eu tento seguir a conversa que ele traz assim, ele traz qualquer assunto e eu sempre dou muita corda, vou puxando ele cada vez mais pra explorar mesmo, por outro lado ele também traz um assunto que também já aprendeu, por exemplo de joguinho, essas coisas...” (P20).

A subcategoria seguinte, a **influência da mãe**, contempla a forma como a mãe interfere nas interações pai-criança. Os pais revelam que em alguns casos a presença da mãe por si só já afeta a relação, fazendo com que a criança fique mais dengosa e afastada do pai, aproximando-se muito da mãe. A interferência se dá também tirando a autoridade do pai, impedindo que o pai realize certas atividades com o(a) filho(a) ou quando há algum tipo de conflito entre pai e criança. Os trechos extraídos das entrevistas mostram situações em que há mais influência das mães.

“Minha esposa interfere, ela é mais medrosa, assim de “ah, vai cair da árvore,” essas coisas... Eu já deixo muitas vezes se não tem um risco grande, grave... Deixo ele cair que não tem problema. No máximo vai torcer o braço, mas aí se nunca subir ele nunca(...)” (P14).

“Intefere, meu filho muda bastante na presença da mãe, fica de denço com a mãe, não me obedece, só quer saber dela. Quando estamos sozinhos, aí é outra história.” (P15).

“É, em relação a brincar não. Ela interfere mais no conflitos, vamos dizer assim. É, isso já foi mais forte agora está diminuindo, mas em alguns momentos o meu filho está fazendo alguma coisa e eu estava estimulando ele a fazer diferente, vamos dizer que eu estava reprimindo ele em algum sentido e ela intervinha tirando a minha autoridade...” (P18).

Entre as atividades que as mães impedem ou preferem que o pai não realize encontram-se aquelas que apresentam algum risco para a criança ou que implicam em muito contato físico, pois, de acordo com os entrevistados, as mães têm receio de que seus(as) filhos(as) se machuquem.

“Às vezes tem algumas brincadeiras, cambalhota que a gente faz, a gente faz quando a minha esposa não está. Meu filho gosta. Essas brincadeiras mais agressivas, pular e enfim, pular da cama para o chão. Coisas que a mãe fala, ah vai se machucar. Mas e daí se ele se machucar um pouquinho? Não tem problema...” (P16).

Por outro lado, existem as mães que incentivam e encorajam os pais a interagirem com a criança, demonstrando confiança em seu parceiro e colaborando com o engajamento dele nas atividades com a criança.

“...ela sempre me estimula, gosta de me ver brincando com nosso filhote.” (P19).

Dessa forma, pode-se notar que a interação que o pai estabelece com a criança acontece de diversas formas e que a mãe da criança possui uma importante influência nessa relação entre pai e filho, estimulando o contato entre ambos ou interferindo em algumas atividades.

5.2.4 Categoria 4 – Fatores que interferem no envolvimento paterno

Esta categoria engloba todos os elementos que podem influenciar o envolvimento paterno de alguma forma, ou seja, aspectos que facilitam ou dificultam o engajamento e participação do pai na vida da criança. Está composta por seis subcategorias (fatores ligados à mãe, fatores ligados ao próprio pai, fatores ligados à criança, rede social de apoio, modelo do próprio pai e o que faz de diferente do pai).

Na subcategoria **fatores ligados à mãe**, o pai identifica como influência relevante no seu envolvimento com a criança a presença da mãe e sua relação conjugal com a mesma. Alguns pais relatam que a criança tem por referência a mãe quando essa está perto, portanto, nesses casos, o pai acaba ficando mais afastado do(a) filho(a), dedicando-se menos aos cuidados e brincadeiras com a criança. Apenas dois pais relatam que a ausência da mãe facilita o envolvimento deles com a criança, pois na falta dela o(a) filho(a) interage e obedece mais a figura do pai.

“...A ausência da mãe da minha filha, por incrível que pareça... Quando eu resolvo tomar a iniciativa e quero fazer alguma coisa, eu tenho atenção. Se a mãe da minha filha está junto eu não tenho. Ela desvia toda a atenção pra mãe dela. Então a ausência da mãe dela facilita muito a minha interação com a minha filha. Por isso a gente tem se aproximado ultimamente. A mãe dela está trabalhando, eu tenho que ficar com ela e com a priminha aí está agilizando muito o processo...” (P06).

A maioria dos pais afirma que a relação que estabelece com a mãe de seus(as) filhos(as) reverbera na interação com a criança. Mesmo os pais separados relataram ter um relacionamento bom com a mãe da criança, eles mencionaram tentar separar as coisas, evitar discutir na frente dos filhos para não afetar o relacionamento com os mesmos. Mas, houve casos em que, quando existiu conflito com a parceira, o pai relatou afastamento do filho ou aproximação demasiada, dando mais atenção com o intuito de compensar por sentir-se culpado pela briga com a parceira. Outro pai relatou ficar impaciente com a criança. Um dos participantes disse que é raro se desentender com a esposa, porém, quando isso acontece, ele fica dias sem conversar com a mesma e seu(a) filho(a) sente e fica triste, tentando intervir na situação, fazendo com que os pais voltem a se falar novamente.

“...Já aconteceu de eu ter menos paciência com ela, realmente assim, de a gente ter menos paciência, de não querer brincar... Sim, me afasto um pouco. Já aconteceu também de eu me apegar mais a ela, brincar mais... tem os dois lados assim, tem um lado que eu me afasto, e tem um lado que eu consigo me aproximar mais com ela e faz bem pra mim. E ela assim, no mundo dela, não hum, não percebe tanto quando brigamos. Porque eles percebem, mas, quando alguma coisa tá diferente...” (P03).

Na subcategoria **fatores ligados ao próprio pai**, identificaram-se características do próprio pai que afetam o envolvimento paterno. Esses atributos estão relacionados ao jeito e personalidade do pai e ao momento de vida no qual se encontra, que possibilita ou não maior participação na vida da criança. Os pais afirmaram estar vivendo uma fase tranquila de suas vidas, em que conseguem administrar o tempo para estar com o(a) filho(a), apesar de que gostariam de ter mais disponibilidade, mas a carga horária de trabalho não permite. No que diz respeito à personalidade, a maioria admite ser bastante comunicativo e espontâneo, e que isso ajuda na relação com o filho, pois constrói com ele um relacionamento aberto, onde os dois sentem-se muito a vontade um com o outro. Houve também os pais que dizem ser muito estressados e acabam descontando nos(as) filhos(as) quando estão nervosos, sendo que essa característica dificulta seu envolvimento com a criança.

“Eu sou muito estressado, acho que isso me prejudica, porque daí eu não tenho cabeça sabe, não tenho cabeça pra entrar muito em contato com meu filho...” (P08).

Na subcategoria **fatores ligados à criança** foram apontados os aspectos da criança que interferem no envolvimento. No geral os pais descrevem seus(as) filhos(as) de maneira bastante positiva, ressaltando qualidades que os motivam para querer ficar perto deles. O amor que os pais sentem pela criança, a admiração que o filho tem pelo pai, o gostar de estar com o filho são ressaltados pelos participantes como fatores que facilitam seu envolvimento nos cuidados com o(a) filho(a).

“Facilita em primeiro lugar o amor, se não tiver amor, não dá pra ter paciência, não dá pra ter aquele convívio de querer estar junto com ela, não querer descer às vezes ao nível dela também, se não tiver amor, não tem como a pessoa descer ao nível, entender o que está se passando na cabeça deles, entender os desafios e os medos que eles também... vivem né. E as fases também acima de tudo, cada fase vem definida, saber que eles estão construindo uma faculdade mental, construindo um pensamento, construindo uma, uma... uma referência de segurança, de afeto, é... de super-herói, da figura de super-herói, então tudo isso...” (P16).

Na subcategoria **rede social de apoio** é destacado o papel da rede de relacionamentos do pai e da família como algo que ajudou no envolvimento paterno no sentido de fornecer apoio emocional e auxílio nos cuidados com a criança, desde a época do nascimento até atualmente. Os pais relatam que o fato de poder contar com alguém, seja da família ou um amigo, lhes dava a sensação de alívio, de não se sentirem sozinhos nessa etapa, e ter pessoas para lhes escutar era algo que os tranquilizava.

“Eu conversava muito com meu irmão, me fazia muito bem, não me sentia sozinho nessa parada (...)” (P15).

Ainda a respeito da rede social de apoio, os pais afirmam que a medida que o(a) filho(a) foi crescendo, suas vidas ficaram muito centradas nas relações familiares e sua vida social reduzida às interações dentro do contexto familiar, os entrevistados assumem que sentem falta do convívio com os amigos.

A subcategoria **modelo do próprio pai** mostra como os pais dos participantes eram como pais, como seus próprios pais exerciam a paternidade. Os entrevistados ressaltam que seus pais eram mais ausentes, algumas vezes agressivos e pouco afetivos.

“Meu pai era um pai bem rígido. Ele era um cara bem, bem quadrado assim, sabe? Até agressivo às vezes. Mas é normal, filho homem... Mas era assim, ele era rígido, me ensinou coisas de moleque, empinou pipa comigo, me levou pra pescar... Ele nunca admitiu que eu chamasse ele de você, era sempre senhor.. Então ele era um cara severo, na realidade... Ele sempre me cobrou muito, eu sempre fui um moleque muito relaxado, e desistente no geral... E essa parte ele focou bastante, graças a Deus. Não só a concluir, a fazer mais do que o necessário pra concluir. Se alguma coisa tinha que ser concluída em uma semana, ele me obrigava a fazer em três dias, o paralelo mais ou menos é esse. Foi bem assim, e ele era severo nas punições, não que eu não merecesse, mas ele sempre foi bastante...” (P06).

Também houve casos em que o pai era carinhoso e presente na vida do filho. Prevaleceu o modelo de pai mais provedor, em que trabalhava fora de casa e sua preocupação central era com o sustento da família.

“Bem, eu quero dar o carinho e a atenção que ele me proporcionava. A gente sempre sabia que tinha alguém pra ajudar na hora que estragasse tudo, desde a primeira batida no carro...” (P04).

“O meu pai era, ele era... A vida dele era muito trabalho, era... Assim, eu vejo que ele se esforçou bastante... Do jeito dele, do jeito de prover as coisas em casa, naquele modelo assim de não deixar faltar, de correr atrás e por isso não tinha tempo e deixava tudo pra minha mãe, os cuidados assim.” (P05).

Os participantes disseram que a referência que eles têm de pai é o seu próprio pai, tomando como base as condutas boas e questionando as ruins, criando seu próprio jeito de exercer a paternidade.

“Eu acho que é uma referência do bem e do mal entendeu. Não uma referência do tipo “Ai o meu pai era maravilhoso, eu

quero ser igual a ele” isso não. Mas sim, eu tinha um pai que tinha coisas boas e coisas ruins, é o meu modelo, e as coisas boas eu tento reproduzir e as coisas ruins eu tento largar...” (P01).

Na última subcategoria, **o que faz de diferente do pai**, apresentam-se condutas, valores e sentimentos que o entrevistado afirma reproduzir de outra forma com seus próprios(as) filhos(as). Salienta-se a participação nas tarefas da casa, os participantes relatam que seus pais não se encarregavam dos cuidados da casa, esse dever ficava por conta exclusivamente da mãe. Um entrevistado afirmou que seu pai o tratava de uma maneira totalmente diferente da irmã e este mesmo participante destacou que trata seus(as) filhos(as) de maneira igualitária, independente do sexo as cobranças são iguais. Outros pais relataram que valorizam muito a convivência em família e, ao contrário de seu pai, que estava sempre fora de casa, priorizam os momentos com a esposa e filhos(as). Por último, alguns entrevistados reconhecem que apesar de seus pais serem muito preocupados com o trabalho e sustento da casa, sempre com o intuito de não deixar faltar nada e oferecer à família uma vida mais confortável, a relação pai-filho careceu da parte afetiva. Esses pais afirmam que buscam ser mais carinhosos com seus(as) filhos(as) por acharem que foi um aspecto que faltou com seus próprios pais e que é de extrema importância.

“Eu sempre fui um pai presente. Eu acho que o modelo, eu olhei pra ele e vi tudo aquilo que não era necessário e não deveria se repetir. Então eu procurei trabalhar pra fazer assim. Talvez o erro de um é o preço pros outros aprenderem, não culpo ele por isso. Provavelmente os pais dele nunca conseguiram fazer isso com ele e ele acabou sem um norte, assim. Mas isso fez com que eu me obrigasse a ser um pai melhor...” (P02).

Assim, pode-se constatar nesta categoria o que o pai identifica como fatores que interferem no envolvimento paterno. Dessa forma, seu envolvimento com a criança é influenciado por aspectos do contexto em que se encontra, de suas características pessoais e das relações que estabelece com a mãe da criança, com o filho e com seu próprio pai.

A seguir apresentar-se-á a discussão dos resultados acima descritos.

6 DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 a 6 anos. Em adição a isso, dentre os objetivos específicos, buscou-se identificar as características do envolvimento paterno e da abertura ao mundo e relacioná-las com as características sociodemográficas do pai, bem como comparar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo de pais com filhos do sexo masculino e do sexo feminino. O estudo utilizou análise quantitativa e qualitativa. Por se tratar de um estudo cujo método envolveu análise estatística descritiva e inferencial na sua parte quantitativa, os resultados obtidos abarcam correlações entre as variáveis investigadas que serão discutidas a seguir, bem como o sistema de categorias provenientes da análise qualitativa das entrevistas. A entrevista visou complementar as nuances que os instrumentos não abarcaram. A discussão será organizada de forma que ambos os resultados serão retomados de acordo com o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho.

6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PAIS

A média de idade dos pais foi de 37,60 anos, tendo o mais novo 26 anos e o mais velho 60 anos. Quanto às dimensões do envolvimento paterno, os resultados apontam que quanto mais velho é o pai, maior a *Abertura ao Mundo* e *Evocações* que realiza com seu filho. Ou seja, quanto maior é a idade do pai, mais ele estimula seu filho a vivenciar relações com o mundo externo e mais o pai pensa, lembra ou fala de seu filho.

Isso pode refletir uma maturidade do pai que faz com que se envolva mais com seus filhos, estimulando-os a vivenciar experiências com o mundo externo. Esses resultados vão de encontro com os achados de Bossardi et al. (2013), Bueno (2013) e Souza e Benetti (2008), os quais verificaram que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno, pois não se constataram diferenças nos relatos dos pais que pudessem ser atribuídos à idade. Neste estudo, quando os pais discorreram sobre sua experiência e contexto da paternidade, os que foram pais mais novos afirmaram que se sentiam despreparados e se envolviam menos nos cuidados com os filhos nos primeiros meses de vida.

Constatou-se ainda que quanto maior é a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional ele dá à criança, mais utiliza punição e

incentiva a interação da criança com o mundo extrafamiliar. Esses resultados, de forma geral, podem ser explicados pelo fato de que quanto mais o pai trabalha, menos tempo ele está com a criança, e durante os momentos em que está com ela, impõe disciplina por meio da punição e incentiva sua socialização.

Lamb (2000) define o envolvimento paterno por meio de três dimensões: interação, disponibilidade e responsabilidade. Entende-se por interação o tempo que o pai está com a criança, seja ajudando nas tarefas escolares, alimentando-a ou brincando. A acessibilidade refere-se a níveis de interação menos intensos, por exemplo, quando o pai está em um cômodo da casa e a criança em outro, mas o mesmo está acessível ao(a) filho(a) caso esse precise. Por último, a responsabilidade está ligada às atitudes do pai para garantir o bem estar dos seus filhos (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997). Dessa forma, pode-se pensar que quanto mais tempo o pai dispõe trabalhando fora de casa, menos ele interage com seus filhos e menos acessível ele é para a criança, fornecendo menos suporte e apoio emocional à mesma.

Cabe ressaltar que, no geral, os pais mostram-se participativos e envolvidos com os filhos quando não estão trabalhando. Os entrevistados relataram que dedicam o tempo livre para cuidar dos filhos e brincar com os mesmos, afirmando que, apesar de trabalharem bastante e acharem que poderiam passar mais tempo com seus filhos, desfrutam com qualidade os momentos em que estão juntos. Esses resultados são semelhantes aos de Bueno (2013), a qual evidenciou que quanto maior a carga horária de trabalho, menor o tempo disponível com a criança. Porém, o uso que os pais revelaram fazer do tempo que não estão trabalhando é dedicado à participação tanto nas tarefas da casa como naquelas que envolvem os filhos. Já os estudos de Beltrame e Botoli (2010) e Gomes (2011) encontraram que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos envolvido ele é com o filho, resultados semelhantes aos desta pesquisa.

Nesse sentido, de acordo com Bronfenbrenner (1999) pode-se perceber a influência do microsistema “trabalho do pai” no microsistema “família”. A relação entre esses microsistemas constitui o que a teoria bioecológica denomina de mesossistema, à medida que o mesossistema engloba as inter-relações entre os microsistemas do qual a pessoa faz parte.

Metade dos entrevistados possui ou está cursando pós-graduação, caracterizando uma amostra com alto nível de escolaridade. Dessa forma, verificou-se que quanto maior a escolaridade do pai, mais ele estimula a criança a ter perseverança, tal fato pode ser pensado partindo-

se do pressuposto de que o pai quer ser um exemplo para a criança e irá transmitir seus valores e crenças para o filho. Pode-se supor que se o pai se esforçou para atingir o nível de escolaridade que possui atualmente, é esperado que ensine e incentive o seu filho a perseverar perante os desafios. Ao estudar a paternidade, Pleck (1997) destaca que para a compreensão do fenômeno é preciso considerar fatores institucionais, como o trabalho do pai, e Turcotte e Gaudet (2009) confirmam isso ressaltando a influência das características sociodemográficas, como o nível de escolaridade, no envolvimento paterno.

A média de renda do pai foi de 6315,00 reais e 14 das famílias apresentaram renda familiar superior a 4000,00. Treze dos pais trabalhavam cerca de 40 horas semanais. Desse modo, destaca-se a presença de um pai que alterna as funções de provedor e emergente, o qual se encarrega do sustento da família, o que concorda com o que fora já apontado pela literatura (Freitas et al., 2009; Lamb, 1997; Wagner et al., 2005).

Salienta-se que os pais deste estudo também ocupam-se, de forma compartilhada com a mãe da criança, das tarefas da casa e do cuidado dos filhos. Esses resultados confirmam os achados de Silva e Piccinini (2007), os quais destacam que a participação dos pais na vida dos filhos abrange não apenas os aspectos financeiros, brincadeiras ou passeios, mas sim estar com a criança, realizando cuidados específicos, sendo acessível a ela quando necessário.

Nessa pesquisa, os pais mostram-se envolvidos, fazendo parte do que se chama de estilo emergente de paternidade. Outro termo utilizado por J. H. Pleck e Pleck (1997) para descrever esse modelo é o de pai cogenitor. Nesse modelo, o pai auxilia a mãe nos cuidados diários e na educação dos filhos, acompanhando o desenvolvimento da criança desde o nascimento até a fase adulta. Esse modelo surgiu em meados da década de 1970, com as mudanças sociais e econômicas que ocasionaram uma divisão das tarefas entre marido e mulher a respeito da casa e dos filhos, e continua até hoje, sendo também alvo de investigações científicas (Bandeira et al., 2005). Ressalta-se que não há necessidade de o pai exercer as mesmas tarefas que a mãe, mas a expectativa é de que ele cuide, demonstre carinho e afeto por suas crianças (Lamb, 1997). O pai emergente que vem se construindo é o de um pai com variadas funções, mais envolvido, o qual brinca e também ajuda a educar o filho (Vieira et al., 2014). Dessa forma, o pai vem participando mais ativamente na vida de seu filho, afirmando a importância de seu papel na vida do mesmo.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Pode-se constatar que a média geral de envolvimento paterno foi considerada alta. Considerando as dimensões do envolvimento paterno, obteve-se médias altas em uma sequência decrescente para as seguintes dimensões: *Jogos Físicos*, *Disciplina*, *Cuidados Básicos*, *Suporte Emocional*, *Evocações*, *Abertura ao Mundo* e, por último, *Tarefas de Casa*. Os resultados indicam que o pai costuma se envolver mais em brincadeiras e atividades de interação que envolvam o contato físico, como fazer cócegas, pegar no colo, fazer carícias e praticar gestos de amor. Este pode ser um meio pelo qual também impõe disciplina à criança, delimitando regras e exercendo controle e disciplina sobre seu(a) filho(a). Isso é corroborado na literatura (Balancho, 2012; Bossardi, 2011; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006; Lamb et al., 1985; Lamb, 1997; Paquette, 2004b), uma vez que se constata, na cultura ocidental, que a interação pai-criança é evidenciada pela brincadeira.

Tal dado é confirmado por Paquette (2004b), que ao desenvolver estudos sobre o comportamento paterno e desenvolvimento infantil afirma que os pais obtêm a obediência das crianças mais facilmente por meio de sua autoridade persuasiva, desempenhando, assim, o controle. O mesmo autor enfatiza que tanto a figura materna como a paterna garantem a proteção da criança, mas de formas diferentes. A mãe tende a ser mais afetuosa e acolhedora, acalmando a criança quando ela está aflita, ao passo que é esperado do pai que coloque a criança em situações nas quais ela é obrigada a confrontar o ambiente em volta, fornecendo proteção e, ao mesmo tempo, impondo limites (Manfroi et al., 2011).

A dimensão *Disciplina*, segunda média mais alta, aponta resultado que vai ao encontro do estudo de validação do instrumento QEP realizado com famílias biparentais canadenses, o qual revelou que o pai está mais envolvido com a disciplina do que com suporte emocional (Paquette et al., 2000). O *Suporte Emocional*, por sua vez, obteve a quarta maior média entre as dimensões, vindo logo após os *Cuidados Básicos*. O suporte emocional compreende cuidar, tranquilizar e consolar a criança, oferecer os primeiros-socorros, dizer à criança que a ama, incentivar e intervir quando ela apresenta alguma dificuldade ou desconforto.

Nas entrevistas, os pais também relataram realizar suporte emocional e demonstração de carinho, esses dados refletem as transformações que têm ocorrido nas formas como as famílias têm se

organizado em nossa sociedade. Com a maior independência financeira feminina, a mulher passou a dividir com o marido tarefas de cuidado com os filhos e da casa. Dessa forma, o homem começou a participar mais da vida familiar, implicando no surgimento do conceito de pai emergente, o qual compartilha as tarefas de cuidados com os filhos de forma mais igualitária (Lewis & Dessen, 1999). O maior envolvimento emocional e afetivo com os filhos também está relacionado ao modelo emergente de paternidade (Cabrera & Bradley, 2012). Portanto, parece que o pai está gradativamente assumindo condutas que eram vistas como exclusivas da mãe (Perucchi & Beirão, 2007; Wagner et al., 2005).

Outros autores, Pilz e Schermann (2007), afirmam que além do provimento de condições materiais, ao apoiar a mãe emocionalmente por meio de amor e companheirismo, o pai contribui favorecendo um clima de harmonia e satisfação para a família, promovendo, de maneira indireta, um desenvolvimento saudável para a criança. Além disso, o suporte que ele fornece à esposa influi no afeto materno, gerando um efeito protetor e melhorando a autoestima da mulher em sua função materna.

No tangente aos *Cuidados Básicos*, essa foi a terceira dimensão que apresentou média estatisticamente significativa e também apareceu no relato dos pais durante as entrevistas. Quando questionados sobre quais cuidados eles se encarregavam em relação aos(as) filhos(as), a maioria respondeu que com frequência dá banho, prepara refeições, veste, leva ao médico e à escola. Os pais admitem desenvolver outras atividades com os(as) filhos(as), entre elas diversas brincadeiras e acompanhamento nos deveres escolares. Esses momentos de interação que o pai tem com a criança são, em sua maioria, o que Bronfenbrenner (1994) denominou de mesotempo, ou seja, interações que acontecem com alguma periodicidade.

Porém, apesar de os pais se mostrarem participativos, os cuidados citados são divididos com a mãe, dependendo da rotina de trabalho dos cônjuges. O mesmo foi verificado em um estudo conduzido por Piccinini et al. (2012), o qual apontou que os pais se responsabilizaram pelos cuidados dos filhos bebês, entretanto não de maneira rotineira. Desse modo, os resultados mostram que, embora o pai esteja envolvido nas tarefas do cotidiano familiar, a principal responsável pelo cuidado dos filhos continua sendo a mãe (Balacho, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro et al., 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007).

Os resultados quantitativos apresentaram uma tendência de o envolvimento paterno ser diferente em função do sexo da criança. Os pais se mostram, de maneira geral, mais envolvidos com os filhos do que com as filhas. A dimensão mais estatisticamente significativa foi a de *Cuidados Básicos*, ou seja, o pai parece realizar mais cuidados básicos com seus filhos do que com as filhas. Isso pode ser devido a uma facilidade que o pai apresenta em cuidar de filho do mesmo sexo e uma dificuldade em realizar cuidados com a menina, por ser de sexo diferente e implicar em cuidados específicos que ele muitas vezes não possui habilidades para realizar, ou desconhece como fazê-lo e prefere deixar com a mãe esta tarefa. O pai pode não saber como dar banho ou como arrumar os cabelos da filha. Estes admitiram na entrevista que possuem dificuldade de vestir a filha, lidar com a vaidade dela, e deixam para a mãe este cuidado, pois têm medo de fazer errado ou de não agradar. Esses dados comprovam trabalhos que assinalaram que o pai se envolve mais com meninos, pois se sente mais preparado para discutir ou jogar com crianças do mesmo sexo (Nichd, 2000; Starrels, 1994; Turcotte & Gaudet, 2009).

Os resultados encontrados neste trabalho são semelhantes aos de outras pesquisas que mostram que os pais tendem a ser menos envolvidos com seus filhos quando exercem uma profissão que requer cargo de alta responsabilidade e liderança, ganhando renda elevada (Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). Além disso, pesquisadores também inferiram que quanto mais o pai investe energia e tempo em seu trabalho, menos ele se mostra ativo na vida de seus filhos (Bronfenbrenner, 1986; Turcotte & Gaudet, 2009).

A quinta maior média foi da dimensão *Evocações*, a qual propõe que o pai pensa ou se lembra do filho com certa regularidade quando este não está presente. Esse resultado indica que o pai estabeleceu com sua criança uma *díade primária*, pois essa se refere a pensamentos, fortes sentimentos emocionais, e influencia comportamentos de dois indivíduos, mesmo quando esses não estão juntos. Para Bronfenbrenner (1996), essas díades desempenham uma forte influência na motivação para a aprendizagem e na orientação do curso do desenvolvimento, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa.

Na sequência, a dimensão *Abertura ao Mundo* foi elencada na sexta posição. Esse resultado também foi encontrado por Bolze (2011) ao investigar a relação entre o engajamento paterno e a qualidade de relacionamento conjugal de pais com crianças na mesma faixa etária da presente pesquisa. Segundo essa autora, a hipótese para o resultado

pouco expressivo deve-se ao fato de que alguns dos itens que constituem o instrumento QEP são pouco representativos de atitudes paternas realizadas pela amostra estudada. A dimensão *Abertura ao Mundo* é uma função mais atribuída e característica do pai, principalmente no que se refere à relação com meninos; de acordo com Paquette (2004c) os pais tendem a estimular mais os meninos a correr riscos e a explorar o ambiente, sempre fornecendo a segurança e proteção necessárias. Esta dimensão foi explorada por meio de um questionário específico de abertura ao mundo (QOM), cujos resultados serão abordados e melhor aprofundados no próximo tópico da discussão.

Por fim, a dimensão *Tarefas de Casa* foi a menos relatada pelos pais, ou seja, o pai mostra-se menos envolvido em atividades como preparar as refeições, lavar louça ou roupa, limpar, consertar a casa, ir ao supermercado, entre outras. Esse resultado corrobora os achados de Braz et al. (2005), que apontam as mães ainda como as principais responsáveis pela realização de tarefas domésticas e cuidado dos filhos, mesmo quando possuem trabalho fora de casa. Outro estudo, com famílias cujas mães eram as responsáveis pelo sustento econômico, mostrou que os pais não se encarregavam pela esfera doméstica (Fleck & Wagner, 2003).

Nas entrevistas, pode-se observar na categoria responsabilidade pela necessidade do (a) filho (a), que os pais revelam assumir diversas tarefas da casa, principalmente preparar refeições, limpar os banheiros e tarefas que envolvam mais força física, como carregar o lixo para fora de casa. Apesar de os entrevistados admitirem participar dessas tarefas, eles afirmam que dividem com a esposa essas atividades de acordo com a disponibilidade, preferência e facilidade para desempenhá-las. Desta forma, na pesquisa de Tonelli et al. (2006), os pais consideraram que a participação deles era o padrão ideal em relação às atividades domésticas, porém, de acordo com as esposas, o ideal seria superior ao real efetuado.

Desse modo, apesar de as tarefas de casa serem compartilhadas entre os cônjuges, as mães ainda são as principais responsáveis pelos filhos (Staudt & Wagner, 2008). Entretanto, cabe ressaltar que o envolvimento da mãe e do pai com a criança não ocorrem da mesma maneira e essa diferença no engajamento com os filhos, inclusive, é importante para o desenvolvimento infantil (Paquette, 2004b; Paquette et al., 2009, 2012).

Geralmente a mãe se encarrega mais dos cuidados com a criança e o pai estimula por meio de brincadeiras. Paquette (2004b) assegura que é fundamental que os pais assumam funções específicas e que sejam

também complementares aos papéis das mães no sistema familiar. Essas diferentes funções desempenhadas por pais e mães são provenientes do contexto cultural no qual estão inseridos (Bolze, 2011), e, por isso, sua compreensão sistêmica se faz importante, ou seja, é preciso pensar no envolvimento paterno considerando o contexto familiar em que acontece (Dubeau et al., 2009).

No que diz respeito à entrevista sobre o envolvimento paterno, os pais concordam que a mãe influencia na relação com seus filhos, seja incentivando-o a participar dos cuidados ou dificultando e, até mesmo, impedindo a interação do pai com a criança. Quando a mãe motiva o pai a cuidar e a interagir com a criança, o pai diz se sentir valorizado e encorajado exercendo seu papel. Quando, por outro lado, a mãe coloca obstáculos na interação pai-filho(a), por exemplo, proibindo-o de realizar certas atividades com a criança ou tirando sua autoridade, ele declara que se sente desmotivado e se envolve menos com os(as) filhos(as).

Essa influência da mãe no envolvimento do pai com a criança pode ser explicada pelo predomínio do modelo tradicional sobre a divisão dos papéis de gênero e de socialização da paternidade. As mulheres foram criadas para assumirem primeiramente a responsabilidade sobre os filhos (Wagner et al., 2005). Todavia, a função paterna é menos definida e codificada do que o papel materno, pois, de acordo com a cultura ocidental, os homens foram menos preparados para assumir o cuidado de uma criança (Turcotte & Gaudet, 2009). As pesquisas sobre o tema sinalizam que o pai tem mais tendência a participar nos cuidados com a criança e envolver-se em atividades de lazer com ela à medida que se sente seguro, com competência e as devidas habilidades para fazê-lo e, muitas vezes, essa percepção é consentida e estimulada pela mãe (Beitel & Parke, 1998; McBride, Brown, Bost, Shin, & Vaughn, 2005; McBride & Rane, 1998). Portanto, no âmbito familiar, as mulheres são reconhecidas como especialistas sobre as quais os pais devem se guiar para cuidar da criança (Parke, 2002; Turcotte & Gaudet, 2009).

Com relação a isso, de acordo com Turcotte & Gaudet (2009), é possível que as mães tenham receio de que os pais tomem o lugar delas e acabam praticando um papel de vigilantes (*gatekeepers*), por isso elas coordenam o envolvimento dos pais com seus filhos, garantindo seu poder. Esse fato assemelha-se a um paradoxo, visto que deflagra uma conduta contraditória das mães que, ao mesmo tempo em que exigem uma participação mais ativa dos homens nas tarefas domésticas, nos cuidados e educação dos filhos, parecem sentir que essa cooperação

paterna abala a dinâmica do poder delas dentro da família. Tais receios maternos podem fazer com que as mães não estimulem tanto os pais a se esforçarem para ter um papel mais ativo na educação dos filhos, ocasionando, assim, um menor envolvimento paterno. Logo, a maior participação do pai nos cuidados com a criança está relacionada a características da mãe e ao quanto ela permite e abre espaço para isso (Feldman, Nash & Aschenbrenner, 1983).

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano defende que crianças que apresentam dificuldades em tomar decisões e iniciativas geralmente provêm de um contexto familiar matriarcal, no qual o pai é presente, mas tem um papel submisso e a mãe detém o poder de decisão. Por outro lado, contextos familiares em que ambos os pais são ativos promovem a responsabilidade e liderança nas crianças, confirmando a ideia da importância de os pais exercerem papéis diferentes e complementares em relação aos filhos (Bronfenbrenner, 2005).

Em relação à vivência da paternidade, a qual contempla de que forma o participante significou esse processo, os pais revelaram ser uma experiência permeada de aprendizados frequentes e desafios, onde eles procuravam ser melhores do que seus pais na conduta com seus filhos. Os entrevistados ressaltam que o contexto de vida em que se encontravam quando seu(a) filho(a) nasceu influenciou consideravelmente seu envolvimento com a criança.

Os participantes que se tornaram pais sem terem planejado tiveram mais dificuldades, pois precisaram reorganizar suas vidas em função disso, e levou um tempo até reestabelecerem uma rotina de trabalho mais equilibrada, onde pudessem estar participando mais dos cuidados da criança. Esses apontamentos estão de acordo com o que Gabriel e Dias (2011) afirmam, de que a paternidade pode ser um momento cheio de significados, mudanças e responsabilidades. Entre essas transformações pode ser apontada a reavaliação dos valores e da educação que receberam de seus próprios pais. Portanto, a compreensão sobre esse processo irá variar (Jager & Bottoli, 2011), como é evidenciado nesta pesquisa.

Diante do exposto, é esperado que a paternidade seja um momento marcante na vida dos pais, principalmente porque implica uma série de mudanças e adaptações no sistema familiar. Com o surgimento do subsistema parental, o casal (subsistema conjugal) precisa se preparar para cuidar dos filhos, mantendo a união (Minuchin, 1982). Dessa forma, cada membro assumirá um papel diferente e complementar para garantir o desenvolvimento da família (Bradt, 1995;

Carter & McGoldrick, 1995; D'Andrea, 2002; Marchetto, 2010; Prado, 1996).

O modo como os pais se descreveram também foi abordado. No geral, eles perceberam-se como pais participativos, amorosos e preocupados com o bem estar de seus filhos, alegando que gostam da experiência de ser pai. Este contentamento também é evidenciado por Silva e Piccinini (2007) ao investigar os sentimentos a respeito da paternidade e por Bueno (2013) ao pesquisar sobre o envolvimento paterno em pais adotivos. Por outro lado, os participantes admitem que experimentaram medo ao sentirem-se responsáveis pela criança e relataram receio de não saber cuidar, de ser algo para a vida toda, tal preocupação é vista como esperada, principalmente nos primeiros meses de vida, como verificou Piccinini et al. (2012).

Em relação aos fatores que podem interferir no envolvimento paterno, entre eles estão a relação com a mãe da criança, fatores relacionados ao pai, aspectos ligados ao jeito da criança, à rede social de apoio e ao modelo de paternidade. A forma como os pais negociam e se relacionam com a mãe da criança é importante e influencia no envolvimento paterno. Quando existe alguma discordância ou conflito entre o casal, os entrevistados revelam dois comportamentos distintos, afastamento ou aproximação dos filhos. Alguns interagem menos com a criança porque ficam impacientes e, ao contrário, outros confessam dar mais atenção aos filhos por sentirem-se culpados, tentando compensar sendo mais presentes.

Bueno (2013), em entrevista com quatro pais, constatou que dois dos participantes não atribuíram diferença em seu envolvimento quando houve algum tipo de conflito com a mãe da criança, outro alegou não ter conflito com a companheira e apenas um desses pais admitiu envolver-se mais com o(a) filho(a). Os estudos sobre a relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal verificam que o pai se envolve menos quando há uma relação conjugal problemática (Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Cabrera & Bradley, 2012; Falceto et al., 2008; Pleck, 1997; Schober, 2012; Simões et al., 2010; Wagner et al., 2005).

O maior envolvimento paterno pode ser pensado, segundo Andolfi (1996) e Gabriel (2012), como uma resposta para o conflito conjugal. Destaca-se que uma relação conjugal caracterizada como harmônica não se refere, necessariamente, a uma relação conjugal sem conflitos (Schmidt, 2012), o conflito é inerente aos relacionamentos humanos e pode ser positivo, uma vez que pode servir como oportunidade e transformação aos envolvidos (Bolze, 2011).

As estratégias de resolução de conflitos adotadas pelos pais devem ser consideradas à medida que os pais que resolvem seus desentendimentos de forma mais construtiva, promovem a estabilidade da família e segurança emocional da criança, reduzindo a ansiedade (Davies, Cummings & Winter, 2004; Goldberg & Easterbrooks, 1984).

Em se tratando dos fatores relativos ao pai, encontrou-se que os pais associam algumas características pessoais que facilitam ou dificultam o envolvimento paterno. Entre os principais atributos facilitadores apontam a comunicação e espontaneidade e como dificultadores, o fato de serem estressados e descontarem nos filhos. De acordo com os participantes, o jeito da criança também influencia no seu envolvimento, os pais relatam que o fato de seus filhos se mostrarem, na maior parte do tempo, tranquilos e obedientes, reforça sua proximidade nas interações e cuidados com os mesmos.

A rede social de apoio também é evidenciada como um fator que auxilia na criação dos filhos, pois quando os pais podem contar com a ajuda de outros familiares ou amigos próximos, sentem-se mais seguros, apoiados e tranquilos. Desse modo, quando não há presença de pessoas da família extensa por perto auxiliando nos cuidados das crianças (Bustamante & Trad, 2005), os pais podem ser mais solicitados, o que parece ter ocorrido com os pais dessa pesquisa.

As particularidades do pai e do contexto que facilitam seu envolvimento com a criança podem ser pensadas, por meio da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, como uma característica pessoal do tipo “disposição”, pois parece favorecer os processos proximais e, consequentemente, o envolvimento paterno. Esses fatores relacionados à personalidade do pai vão ao encontro do que Lamb et al. (1985), Lamb (1997) e Pleck (1997) afirmam, que o envolvimento paterno é construído e influenciado pela história dos pais com seus próprios cuidadores, características da personalidade e crenças do pai.

Com base na teoria bioecológica do desenvolvimento humano, no que diz respeito ao contexto, o qual refere-se a qualquer evento ou condição fora do organismo que pode influenciar ou ser influenciado pela pessoa em desenvolvimento (Prati et al., 2008), pode-se destacar a influência do macrossistema no envolvimento paterno. Ou seja, o macrossistema engloba o trabalho dos pais, aspecto que interfere no envolvimento paterno, considerando que os mesmos passam parte do tempo no trabalho e são influenciados por esse contexto. Outro fator relevante que pode ser pensado é a relação do pai com a mãe da criança, bem como a rede social de apoio, elementos esses que também compõem o contexto do envolvimento paterno.

A respeito da relação que os participantes possuíam com seus próprios pais, constatou-se, de maneira geral, que os pais dos entrevistados não participavam muito dos cuidados dos filhos nem da casa, havendo um predomínio no padrão de pai provedor, o qual trabalhava fora de casa para provimento de bens materiais à família, porém deixava a desejar no âmbito afetivo. Conforme Balancho (2004), os resultados estão de acordo com a percepção social do pai da geração anterior, menos envolvido diretamente com as crianças e exercendo sua autoridade como chefe de família.

Dessa forma, os respondentes dessa pesquisa adotam como modelo de paternidade um misto de condutas que se baseiam em aspectos que julgavam ser positivos ou negativos em relação aos próprios pais. Ou seja, reproduzem com os filhos as influências boas que tiveram de suas figuras paternas e ressaltam fazer diferente o que não aprovaram de seus pais (Pleck, 1997).

Diante disso, pode-se constatar que a maneira com que os pais tratam seus filhos parece estar relacionada aos modelos de criação que receberam de seus pais. Conforme Gabriel e Dias (2011), a forma como o pai percebe seu próprio pai demonstra certa ambiguidade e ao mesmo tempo revela que os filhos entendem que seu genitor pode ter tido algumas falhas, mas nem por isso seu modelo de pai se torna totalmente desprezível. Essa compreensão de possíveis erros cometidos pela figura paterna vem da contextualização do momento histórico que seus pais vivenciaram, ou seja, os filhos relativizam algumas práticas levando em consideração a época em que seus pais estavam inseridos (Gabriel & Dias, 2011). Tal fato foi reafirmado neste trabalho e no de Bueno (2013), nos quais os pais entrevistados reconheceram que a forma de ser pai antigamente era diferente do ser pai nos dias atuais devido às mudanças sociais e econômicas que ocorreram na contemporaneidade.

A respeito disso, Gabriel e Dias (2011) verificaram que ser filho em um modelo tradicional, no qual, na maioria dos casos, o pai demonstra menos afeto e é mais distante, instiga os homens a desejarem ser um pai diferente. Destaca-se, então, a importância e influência que os pais têm no processo de construção da paternidade que seu filho desempenhará futuramente (Gabriel & Dias, 2011).

A respeito das transformações dos modelos de paternidade, pode-se pensar no elemento tempo da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, a qual engloba o cronossistema e as mudanças que vão ocorrendo ao longo dos anos na vida da pessoa (Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005). Embora esta pesquisa não tivesse avaliado o envolvimento paterno ao longo das gerações dos participantes,

constatou-se que os mesmos refletiram sobre o modelo de ser pai que vivenciaram na interação com seus próprios pais, denotando que os modelos de paternidade estão relacionados às mudanças que ocorrem ao longo das gerações, o que, segundo Bronfenbrenner (1994), refere-se ao macrotempo.

Além disso, ressalta-se a transmissão intergeracional, que pode ser entendida como transmissão de fenômenos entre duas gerações de contato, a qual ocorre de forma recíproca, ou seja, dos pais em direção aos filhos e desses em direção os pais (Falcke & Wagner, 2005). Segundo Balancho (2004), muitas das diferenças intergeracionais encontradas entre os pais nos poucos estudos realizados foram interpretadas, sobretudo, como diferenças atribuíveis a fatores culturais e subculturais. Cabe explicar que a transmissão intergeracional é influenciada por diversos fatores e não é linear, ou seja, não é promovida apenas pelos modelos aprendidos com os pais (Marin et al., 2013).

Portanto, de maneira geral, constatou-se que os pais estão repensando questões acerca da paternidade e isso é positivo ao passo que vão se conscientizando a respeito de diferentes possibilidades de ser pai, já que as condutas paternas vêm se alterando atualmente (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007).

6.3 CARACTERIZAÇÃO DA ABERTURA AO MUNDO E SUA RELAÇÃO COM O ENVOLVIMENTO PATERNO

A abertura ao mundo refere-se às atitudes do pai que incentivam a criança a explorar o ambiente, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e autocontrole de seu(a) filho(a), oferecendo-lhe a segurança e proteção necessárias (Paquette, 2005). Sendo assim, nessa pesquisa, obteve-se como resultado uma média relativamente alta para a abertura ao mundo e, em relação às dimensões, as médias mais altas foram, respectivamente: *Estímulo à Perseverança* e *Estímulo a Correr Riscos*; a média mais baixa foi para a *Punição*.

Esses resultados indicam que o pai parece ter uma função importante de motivar a criança a não desistir de suas atividades, a persistir mesmo quando há alguma dificuldade ou impecilho, o que vai ao encontro da segunda dimensão com maior média que é o *Estímulo a Correr Riscos*. Ou seja, o pai parece incentivar a criança a não desistir das atividades mesmo que elas representem algum tipo de risco, seja ele físico ou até mesmo social. A terceira dimensão, *Punição*, aponta que, apesar do incentivo do pai, ele também impõe limites à criança,

punindo-a ou proibindo-a de fazer algo quando a atividade parece ser perigosa ou quando julga necessário.

Os resultados dessa pesquisa estão de acordo com o que foi pesquisado e discutido por Paquette et al. (2000), os autores explicam que a abertura ao mundo é constituída por duas dimensões: a estimulação e a disciplina/controle, ambas são complementares. O conceito de estimulação abarca os comportamentos iniciados pelo pai em relação com a criança para incentivar seu(a) filho(a) a tomar decisões, ter autonomia, assumir riscos, explorar o ambiente, ter curiosidade, auto-confiança e ativação (Paquette, 2005; Paquette et al, 2000; Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996). Essa função consiste em estimular a criança a explorar o ambiente imediato e a se adaptar para que ela possa desenvolver as habilidades de combate e explorar o território para encontrar recursos, capacidades que são necessárias para assegurar, depois de adulto, sua sobrevivência (Paquette et al., 2009).

Já a disciplina ou controle estão relacionados à imposição de limites e autoridade por parte do pai e quais estratégias o pai utiliza para garantir a obediência e respeito do(a) filho(a). Na entrevista realizada com os participantes, observa-se a ocorrência da disciplina na subcategoria educação, pertencente à categoria responsabilidade. Os pais relatam como lidam com seus filhos e afirmam discipliná-los por meio de negociação, diálogo e, em alguns casos de desobediência, aplicam castigo. Uma forma comum de o pai exercer seu controle é por meio de brincadeiras, os jogos de “lutinha”, por exemplo, como já mencionado ao longo do trabalho (Paquette et al., 2009).

Segundo os autores acima mencionados, por meio dos jogos físicos o pai auxilia na regulação da emoção e da agressividade na criança, fazendo-a experimentar diferentes papéis, ganhando ou perdendo o jogo, e ensinando-a a lidar com a competitividade. O exposto está coerente com os achados da presente pesquisa, pois encontrou-se que a dimensão que apresentou média mais alta para o envolvimento paterno foi *Jogos Físicos*. Igualmente nas entrevistas, constatou-se na categoria interação, uma preferência dos pais por realizar atividades ao ar livre que estimulam os filhos a aventurar-se, conhecer novos ambientes e adaptarem-se a diferentes situações.

Os entrevistados revelam que as mães realizam com a criança atividades mais tranquilas e que não gostam quando o pai faz brincadeiras que oferecem algum tipo de risco físico para seus filhos ou envolvem muito contato corporal, como pular de algum local um pouco alto ou fazer cócegas. Assim, o pai parece ter com os filhos uma função de ativação específica na exploração do mundo externo, diferente da

mãe, o que lhe favorece um importante papel na socialização da criança. Os homens, em sua maioria, têm uma tendência a excitar, surpreender e, às vezes, desestabilizar a criança, especialmente o filho do sexo masculino (Paquette, 2004c). Este fato foi observado na presente pesquisa.

Nesse sentido, os achados do estudo corroboram com Paquette (2004c), pois encontrou-se que as médias de todas as dimensões da *Abertura ao Mundo* foram mais altas para pais de crianças do sexo masculino, ou seja, o pai parece realizar mais *Abertura ao Mundo*, *Estímulo à Perseverança*, *Estímulo a Correr Riscos* e *Punição* com seus filhos do que com suas filhas. Nas entrevistas essa diferença no trato com filhos de sexos diferentes também apareceu. Na categoria interação o pai revela quais brincadeiras realiza com o(a) filho(a) e assume que existe uma diferença nas atividades que realiza com seu filho e com sua filha. Geralmente, o pai brinca de boneca, de desenhar, de pintar, com a filha e com o menino joga futebol, brinca de lulinha, anda de skate ou corre, enfim, desenvolve com o filho atividades que oferecem um maior risco físico. Desse modo, é importante atentar que o pai promove a abertura ao mundo tanto nos filhos como nas filhas, porém de formas diferentes. Ele incentiva a ambos, mas refere respeitar o que considera como os limites e as características de ambos os sexos. Portanto, o pai já concebe ambos os sexos como diferentes e se comporta com seus filhos, meninos e meninas, de formas diferentes.

Tais resultados estão consoantes aos achados de Paquette (2004c), tendo em vista que este autor atribui aos homens maior tendência à agressão física e, portanto, são mais indicados do que as mães na tarefa de ajudar os filhos a controlar a agressividade, aprendendo a expressá-la de maneira socializada e no momento certo. Assim, a “brincadeira de lulinha” (Rough and Tumble Play) é considerada pelo autor um dos mecanismos que oportuniza o decréscimo da agressão física na maioria das crianças, depois dos 2 anos.

Ainda sobre a interação pai-filho(a), pode-se considerá-la como uma forma de processo proximal, o que remete novamente à teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Prati et al., 2005), a qual afirma que os processos proximais são interações promotoras do desenvolvimento dos que neles estão envolvidos. Dessa maneira, a relação pai-filho(a) pode ser vista como ocasionadora do desenvolvimento tanto do pai, como do(a) filho(a), pois as interações acontecem regularmente, são recíprocas e cada vez mais complexas. Portanto, o envolvimento

paterno oportuniza ao pai aprender novos comportamentos, incrementando seu papel como pai (Gomes, 2011).

Desse modo, o pai age como catalisador para a tomada de riscos no sentido de que incentiva a criança a tomar iniciativa, a explorar, a se aventurar, a medir um obstáculo, a ser mais ousada na presença de estranhos (Kromelow et al., 1990; Paquette et al., 2009). Os pais também têm menos tendência do que as mães para resolver problemas no lugar da criança, fazendo com que ela aprenda a reagir aos acontecimentos imprevistos. Tal aprendizagem é facilitada por jogos desestabilizadores, criativos e originais (Labrell, 1996; Paquette et al., 2009).

No que se refere às interações com o(a) filho(a), os entrevistados relataram dar atenção e conversar. Geralmente o assunto é sobre o cotidiano da criança ou suas curiosidades. Dessa forma, destaca-se que o pai também desempenha o papel de “ponte linguística” para o mundo exterior, usando formas mais complexas de linguagem na interação com a criança (fazendo referência a eventos passados, dizendo as palavras mais desconhecidas e, muitas vezes, pedindo esclarecimentos), o que leva a criança a conversar mais e utilizar um vocabulário mais variado com seu pai (Rowe, Coker, & Pan, 2004; Tomasello, Conti-Ramsden, & Ewert, 1990). Sendo assim, enquanto as mães tendem a verbalizar sobre as emoções, os pais estão mais focados na ação (Marcos, 1995; Paquette et al., 2009).

No que diz respeito à relação entre as dimensões do envolvimento paterno e da abertura ao mundo, constatou-se que quanto mais o pai realiza *Punição*, mais *Disciplina* ele impõe à criança. Nas entrevistas a punição manifesta-se como um castigo e, de acordo com os relatos, esse pode se dar por meio da proibição de usar certo brinquedo por um determinado tempo. As dimensões *Estímulo a Correr Riscos* e *Disciplina* também apresentam correlação entre si, ou seja, à medida que o pai estimula a correr riscos, ele também estabelece a disciplina. E, por fim, quanto maior a *Abertura ao Mundo*, mais o pai realiza *Jogos Físicos* com seu filho e mais *Disciplina* determina para a criança.

De acordo com Paquette et al. (2009), os meninos mostram-se mais agressivos e agitados do que as meninas, sendo mais ativados pelos pais. Há que se considerar, porém, que as relações entre o pai e o filho são recursivas, ou seja, interinfluenciam-se mutuamente e ao longo das gerações. Então, não se pode afirmar que os meninos sejam mais agressivos *à priori*, como afirmou Paquette et al. (2009), mas que são e continuam sendo estimulados a mostrarem-se assim ao longo de

gerações, o que é perpetuado pela percepção que o pai tem de meninos e meninas.

Este estudo mostrou que o pai se envolve mais nos cuidados básicos com os meninos, isso pode ser porque se sentem mais seguros ao realizar cuidados direcionados à eles, por estarem mais familiarizados com as necessidades do sexo masculino. Os pais afirmam que não sentem que possuem habilidades para cuidar das filhas porque são vaidosas e não sabem como lidar com essa situação, então, acabam deixando esses cuidados para as mães. Verificou-se, dessa forma, que a hipótese relativa à diferença de cuidados entre meninos e meninas se confirmou.

Sobre a relação entre o envolvimento paterno e a abertura a mundo, observou-se que a dimensão do envolvimento paterno que apresenta correlação com duas das três dimensões do questionário QOM de abertura ao mundo é a *Disciplina*. Então, quanto mais o pai se envolve com o(a) filho(a), disciplinando-o(a), mais ele proporciona à criança, de modo geral, a abertura ao mundo, a assunção de riscos e a punição. Dessa forma, o pai tem, entre outras, a importante função de estimular seu(a) filho(a), funcionando como figura que fornece a segurança e proteção necessárias para que a criança explore o ambiente e o mundo externo, ao passo que disciplina e impõe limites à criança, por meio de sua autoridade, corroborando, desta forma, os estudos de Paquette (2004b), o qual afirma que os pais conseguem a obediência das crianças mais facilmente do que as mães por meio da sua autoridade persuasiva, desempenhando assim a disciplina e o controle.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 PRINCIPAIS CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÕES

O presente estudo possibilitou compreender a relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 a 6 anos. Destaca-se que, de maneira geral, os pais mostram-se envolvidos com seus filhos, principalmente no que diz respeito à prática de *Jogos Físicos*, *Disciplina* e *Cuidados Básicos*, que foram as dimensões que obtiveram as médias mais altas, respectivamente. Dessa forma, os pais participam da vida dos filhos brincando com os mesmos, impondo limites, educando e envolvendo-se nos cuidados relacionados ao banho, alimentação, saúde, vestuário e transporte.

A média mais baixa em relação ao questionário de envolvimento paterno foi para a dimensão *Tarefas de Casa*, logo, apesar de os pais dividirem com a esposa essas tarefas, ainda desempenham pouco essa função. Os entrevistados relatam que se encarregam de preparar as refeições em determinados dias, limpar os banheiros, levar o lixo para fora e de atividades que requerem força física. A disponibilidade do pai para estar com a criança depende de como organiza a rotina e da sua jornada de trabalho. Os pais possuem, nessa amostra, alto nível de escolaridade, como pós-graduação, e assumem um papel de provedores, colaborando de maneira significativa para o sustento financeiro da família.

Os participantes vivenciam a experiência de ser pai como algo positivo e recompensador, que dá sentido à vida. De acordo com os mesmos, a vivência da paternidade promoveu uma série de mudanças em suas vidas, com relação aos hábitos e responsabilidade. Os pais relataram que com o nascimento dos filhos passaram a se comprometer mais com diversos aspectos ligados ao trabalho e relacionamentos com outras pessoas, pois sentiam que precisavam servir de exemplo para seus filhos. Apesar de afirmarem ser uma experiência gratificante, que envolve desafios e maturidade, reconhecem que ser pai requer dedicação, energia e flexibilidade.

Destaca-se a importância de se considerar os padrões de relacionamento transmitidos intergeracionalmente, por exemplo, a relação do pai com o próprio pai. Essa é a base sobre a qual ele irá construir seu jeito particular de exercer a paternidade, por meio da reprodução de condutas que considerava adequadas e reavaliação de práticas que, na sua opinião, poderiam ser diferentes. Desse modo, os participantes revelam que o modelo que possuem de pai engloba

aspectos positivos e negativos, os quais procuram melhorar e adequar à realidade atual. Os pais dessa pesquisa afirmam que são mais afetuosos e participativos do que os seus foram, caracterizando um estilo de pai emergente, o qual se envolve emocionalmente e de forma ativa nos cuidados do filho.

Salienta-se que os pais são mais envolvidos com seus filhos do que com suas filhas, além de apresentar com ambos os sexos envolvimento diferentes. Portanto, parece haver também uma identificação entre pai e filho pelo gênero, o que facilita e aumenta o envolvimento do pai com a criança do sexo masculino.

Ressalta-se que o pai não é um mero ajudante da mãe na criação dos filhos, possui uma função tão importante quanto a da mãe e seu envolvimento é influenciado pela mesma. Os entrevistados afirmam que as mães interferem nas interações pai-criança de diferentes maneiras, ou proibindo o pai de realizar alguma atividade que apresente algum risco físico para a criança, tirando sua autoridade ou incentivando a participação do mesmo, colaborando com o engajamento do pai nas atividades com a criança. Da mesma forma, a relação com a mãe da criança reverbera no envolvimento paterno. Quando há conflito entre pai e mãe, os entrevistados admitem que, às vezes, se afastam dos filhos, pois ficam mais estressados e impacientes, ou acabam sendo mais atenciosos por sentirem-se culpados e a proximidade manifesta-se como uma forma de compensar o conflito existente entre o mesmo e a mãe da criança.

No que diz respeito à abertura ao mundo, constatou-se que os pais, de modo geral, incentivam seus filhos a persistirem nas tarefas que realizam e também os motivam a correr riscos, desafiam o filho a fazer atividades que possuam certo grau de dificuldade, garantindo-lhe a segurança necessária. Em último lugar, a punição pode estar indicando que o pai tem punido menos o filho nas devidas situações. Em relação ao sexo da criança também foi encontrada diferença para a abertura ao mundo, sendo que o pai realiza mais abertura ao mundo com seus filhos do que com suas filhas, ou seja, possibilita e incentiva mais seu filho a experienciar novas situações e relações com o ambiente extrafamiliar.

Há que se destacar ainda a presença de práticas punitivas, como castigos e tapas classificados como “leves”, além do uso da “vara”. Esta prática educativa, muito difundida e aceita no país, ainda persiste mesmo em pais como os que participaram dessa pesquisa, que tenham um nível educacional privilegiado, o que deve chamar a atenção de pesquisadores e profissionais de educação em saúde, para que seja coibida.

Sobre a relação entre o envolvimento paterno e a abertura a mundo, concluiu-se que a dimensão do envolvimento paterno que apresenta correlação com duas das três dimensões do questionário QOM de abertura ao mundo é a *Disciplina*. Isso quer dizer que quanto mais o pai se envolve com o(a) filho(a), disciplinando-o(a), mais ele proporciona à criança, de modo geral, a abertura ao mundo, a assunção de riscos e a punição. Portanto, o pai tem, entre outras, a importante função de estimular seu(a) filho(a), operando como figura que é fonte de segurança para que a criança explore o ambiente e o mundo externo, ao passo que disciplina e impõe limites à criança por meio de sua autoridade, conseguindo mais facilmente a obediência do filho e desempenhando, assim, a disciplina e o controle. Porém, para isso é necessário que repense as práticas disciplinares que são coercitivas.

Portanto, conclui-se que o envolvimento paterno está relacionado a diversos aspectos, pessoais, relacionais, sociais e culturais. As mudanças ocorridas na sociedade deflagraram um novo modelo de paternidade, em que o pai também é chamado de cogenitor, o qual compartilha com a mãe da criança as tarefas de cuidado da casa e dos filhos e envolve-se afetivamente com a mesma. No âmbito pessoal deve-se considerar a personalidade do pai, seu momento de vida, contexto familiar, entre outros fatores que possam interferir em seu envolvimento.

O pai vem afirmando seu papel essencial exercendo a disciplina, estimulação e incentivo na socialização da criança, fornecendo segurança e proteção, ao mesmo tempo em que encoraja o filho a vivenciar novas experiências com o mundo externo. Ressalta-se que pai e mãe contribuem e possuem funções diferentes na relação com os filhos e que atuam de forma complementar. Essa diferença é necessária e saudável para o desenvolvimento da criança, ao passo que encontram em suas figuras de cuidado o conforto, acolhimento, carinho e incentivo para explorar o ambiente. Cabe lembrar que é importante que existam essas funções diferentes e complementares, mas que não são necessariamente sempre desempenhadas pela mesma figura.

O posicionamento epistemológico sistêmico colaborou para a consecução deste trabalho, fornecendo uma compreensão mais ampla do fenômeno em estudo. Assim, ressalta-se que inúmeros fatores interferem tanto no envolvimento paterno como na abertura ao mundo e deve-se sempre contextualizar o fenômeno. Sendo assim, não se pode afirmar

que uma variável causa diretamente a outra, mas todos os aspectos se relacionam entre si. Pode-se falar em causalidade circular recursiva¹¹.

Além disso, é possível que a presença da pesquisadora tenha influenciado nas respostas dos participantes, os quais podem ter respondido o que acharam ser mais socialmente aceito. Todavia, com base na perspectiva sistêmica, existem múltiplas versões da realidade, e os pais compartilharam sobre sua experiência e percepção de seu envolvimento paterno. Essa é uma das contribuições dessa pesquisa. Constituiu-se num estudo que utilizou método quantitativo e qualitativo apenas com o pai, pois ainda existem poucos estudos que investigam o pai sobre sua própria percepção, no contexto de pesquisa brasileiro.

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano também auxiliou, pois apresenta um modelo que possibilita pensar no envolvimento paterno e na abertura ao mundo considerando as características do pai, do contexto em que está inserido e de que forma esses contextos se influenciam mutuamente, bem como o efeito do tempo no envolvimento paterno e na abertura ao mundo. Assim, o pai pôde ser considerado como um sujeito em desenvolvimento, o qual interage com as demais pessoas, com os objetos e símbolos do contexto, e cujas características irão interferir na forma como se relaciona com o meio. A descrição sociodemográfica dos participantes contribuiu também para melhor apresentar o contexto em que esses pais se encontram.

7.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A respeito dos aspectos metodológicos, os instrumentos utilizados nesta pesquisa mostraram-se adequados para atingir os objetivos. Todavia, existem limitações e sugestões para melhor abarcar o fenômeno. Uma delas é o fato de que os questionários QEP e QOM não são, ainda, validados no Brasil, foram traduzidos e adaptados e pré-validados para este país. Porém, para minimizar possíveis riscos dos pais não entenderem os enunciados, no momento da coleta a pesquisadora estava presente e colocava-se à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento que fosse necessário. Salienta-se a importância da utilização da entrevista para captar o que os instrumentos

¹¹ Recursividade se refere processos em que os efeitos e produtos são necessários ao próprio processo que os gera.” (Vasconcellos, 2010 p. 116)

não captaram, como os detalhes das interações dos pais com seus filhos, por exemplo.

Cabe ressaltar que o recrutamento dos pais aconteceu por meio do envio de cartas-convite para uma determinada Instituição de Educação Infantil, conseguiu-se um número considerável de participantes, dado que um dos critérios de inclusão era metade ser pai de menino e a outra, de menina. A maior dificuldade foi conciliar os horários para que as entrevistas pudessem ser agendadas.

Outro aspecto que merece ser destacado é o fato de que um pai era separado e outro namorado da mãe e não residiam na mesma casa, o que pode ter influenciado nos depoimentos destes. A maior parte da amostra refere-se a famílias nucleares, e todos os pais são biológicos, o que pode ter influenciado o aparecimento de um certo tipo de envolvimento que talvez não aparecesse em outros tipos de configurações familiares. Por outro lado, supõe-se que os pais que aceitaram participar da pesquisa sejam pais que, *a priori*, demonstram mais interesse no tema do envolvimento e, sobretudo, com relação aos filhos. Deve-se ainda destacar que algumas cartas-convite que retornaram foram assinadas pelas mães, ou seja, elas que incentivaram os pais a participarem da pesquisa e esses pais aceitaram porque concordaram com a importância deste trabalho. Enfatiza-se que, no final de cada entrevista, os pais agradeciam a oportunidade de participar da pesquisa e afirmavam ter gostado de responder aos questionários e às entrevistas, colocando-se à disposição para participar de pesquisas futuras.

7.3 DESDOBRAMENTOS PARA A PRÁTICA E ESTUDOS FUTUROS

Como já foi mencionado no trabalho, o envolvimento paterno tem influência sobre o desenvolvimento infantil, visto que o pai cumpre com funções específicas e diferentes da mãe. Portanto, é importante chamar a atenção para a importância e especificidades sobre a relação pai-filho(a) no contexto atual. Dessa forma, podem ser planejadas ações no âmbito dos setores da saúde, educação e assistência social, com vistas a desenvolverem programas de intervenção que atem para questões relacionadas à paternidade.

Uma sugestão seria fazer um levantamento sobre o interesse dos pais e suas famílias, nestes setores, sobre os tipos de atividades que gostariam de ver oferecidas para participarem e que temas gostariam de discutir nestes espaços. Programas de prevenção de práticas educativas

coercitivas também são fundamentais quando se lida com pais no Brasil, país em que a violência contra a criança é um problema grave.

No contexto da clínica psicológica, um desdobramento possível deste trabalho seria o de adotar uma postura de incluir o pai nas decisões a respeito da vida do filho ou também de motivá-lo e conscientizá-lo da importância de sua presença ao longo da vida da criança, trabalhando no sentido de fortalecer os vínculos e promover relacionamentos saudáveis. Sem contar que o trabalho clínico deveria sempre incluir o pai, mesmo que o foco do processo terapêutico seja a criança e mesmo que os pais sejam separados, pois é clássico que os psicólogos trabalhem apenas com as mães e não saibam como convocar o pai para os atendimentos, fazendo-o sempre por meio da mãe, o que provoca muitas vezes um viés na formulação deste tipo de convite.

Com base nos resultados encontrados, sugerem-se alguns temas que ainda podem ser explorados em estudos empíricos futuros:

- Envolvimento paterno e abertura ao mundo com filhos de outra faixa etária, por exemplo, entre 12 a 18 meses de idade, ou na fase escolar;

- Envolvimento paterno e abertura ao mundo utilizando método observacional, em estudos longitudinais;

- Investigação do envolvimento paterno e da abertura ao mundo em novas configurações familiares (famílias recasadas ou homoafetivas) e condições socioeconômicas;

- Acompanhamento longitudinal dos pais pesquisados: semelhanças e diferenças no envolvimento paterno e estrutura familiar ao longo do tempo; e

- A formulação e avaliação de programas de intervenção que valorizem a presença e as funções que o pai exerce.

Encerram-se aqui estas considerações e este trabalho, esperando ter cumprido a tarefa de acrescentar aos resultados empíricos da pesquisa brasileira sobre paternidade mais uma contribuição, tendo em vista que os estudos sobre ambas as variáveis principais deste estudo, envolvimento paterno e abertura ao mundo, ainda são escassos no país.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT Department of Psychiatry: University of Vermont.
- Ainsworth, M. D. S. (1972). Attachment and dependency: A comparison. In J. L. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 97-137). Washington, D.C.: V.H. Winston.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment. A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Andolfi, M. (1984). *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia da família*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Andrade, R. P. de, Costa, N. R. D. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Significações de paternidade adotiva: Um estudo de caso. *Paidéia*, 16(34), 241–252. doi:10.1590/S0103-863X2006000200012
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377–386.
- Balancho, L. S. (2012). *Ser pai, hoje* (9 ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Bandeira, M., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In F.A.R. Pontes, W.L.B. Magalhães, R.C.S. Brito & W.L.B. Martin (Orgs), *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. (pp. 191-230). Belém, Pará: UFPA.
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F., & Gomes, J. O. (2012). Intergeracionalidade familiar. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Eds.), *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção* (pp. 16–26). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (1993). *L'analyse de contenu*. Paris:PUF.

- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: the role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12(3), 268-289.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205-226
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental": une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: Aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Bolli, A. C. V. B. (2002). *O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos 12 meses de idade*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a personality development factor in men. *Spanish Journal of Psychology*, 10(1), 82-90.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92
- Bornstein, M. H., Tamis-LeMonda, C. S., Parcual, L., Haynes, O. M., Painter, K. M., Galperín, C. Z., & Pècheux, M. G. (1996). Ideas about parenting in Argentina, France and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 19(2), 347-367.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

- Bossardi, C. N.; Vieira, M. L. (2012). Entrevista. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e rompimento de laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In M. Gauvain & M. Cole (Eds.). *Readings on the development of children* (2 ed., pp. 37-43). New York: Freeman.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: a future perspective. In P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environments across the life span*:

Emerging methods and concepts. (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development.* Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.

Bronfenbrenner, U., & Ceci, J. S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychol Rev*, 101(4), 568-586.

Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical 138 models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

Bueno, R. K.; Vieira, M. L.; Crepaldi, M. A. (2012b). Entrevista semiestruturada de envolvimento paterno. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

Bueno, R. K. (2013). *Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar.* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32 (76), 151-159.

Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.

- Cabrera, N. J., & Bradley, R. H. (2012). Latino Fathers and Their Children. *Child Development Perspectives*, 1–7. doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00249.x
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). Measuring father involvement in the early head start evaluation: A multidimensional conceptualization. *Paper presented at the National Conference on Health Statistics*.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed., pp. 7–29). Porto Alegre: Artmed.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. H. Koller (Org.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai – filho. *Psico-USF*, 11(2), 257–264.
- Cia, F., Williams, L., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão de literatura. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225-233.
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276–1283. doi:10.1037/a0016911
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. de. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança,

segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.

- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para windows*. Porto Alegre: Artmed.
- D'Andrea, A. (2002). O casal adotante. In M. Andolfi (Ed.), *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional*. (2 ed., pp. 233–247). Porto Alegre: Artmed.
- Davies, P. T., Cummings, E. M., & Winter, M. A. (2004). Pathways between profiles of family functioning, child security in the interparental subsystem, and child psychological problems. *Development and Psychopathology*, 16, 525-550.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child Attachment, children's sócio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 1-17.
- Ely, R., Gleason, J. B., Narasimhan, B., & McCabe, A. (1995). Family talk about talk: Mothers lead the way. *Discourse Processes*, 19, 201-218.
- Fagan, J. (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum*, 26(2), 113–126.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12 ed.). São Paulo: Edicon.
- Falceto, O. G, Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista Saúde Pública*, 42(6), 1034–1040.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.),

Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares (pp. 25–46). Porto Alegre: Edipucs.

- Feldman, S. S., Nash, S. C., & Aschenbrenner, B. G. (1983). Antecedents of fathering. *Child Development*, 54(6), 1628-1636.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8 (num esp), 31-38.
- Fleith, D. S., & Costa, A. L., Junior. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-49). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freitas, W. de M. F. e, Silva, A. T. M. C. da, Coelho, E. de A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T. de, & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: Responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85–90.
- Gabriel, M. R. (2012). *Transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253–261. doi:10.1590/S1413-294X2011000300007
- Gleason, J. B. (1975). Fathers and other strangers: Men's speech to young children. In D. P. Dato (Éd.), *Language and linguistics* (pp. 289-297). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology*, 20(3), 504-514.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

- Gomes, A. A., & Melchiori, L. E. (2012). *A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea*. São Paulo: UNESP.
- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology* (49), 169-197.
- Gross, J. (2002). A study of young adult dating couples: gender, childhood parenting, adult attachment style, partner choice, and relationship satisfaction. *Journal of Youth and Adolescence*, 63(1), 588.
- Hewlett, B. S. (2000). Culture, history and sex: Anthropological contributions to conceptualizing father involvement. In E. Peters & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. (pp. 59-73). Binghamton: The Haworth Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2010). Obtido em www.ibge.gov.br/censo.
- Jablonski, B. (1998). Paternidade hoje: uma metanálise. In: Silveira, P. (Org.), *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 21-128.
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: Vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141–153.
- Kromelow, S., Harding, C., & Touris, M. (1990). The role of the father in the development of stranger sociability during the second year. *American Journal of Orthopsychiatry*, 60, 521-530.
- Labrell, F. (1996). Paternal play with toddlers: recreation and creation. *European Journal of Psychology of Education*, 11(1), 43-54.
- Lamb, M. E. (Org.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: an overview. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz & R.

- D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. The USA: Haworth Press, Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, (25), 883-894.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. S. Rossi & L. R. Sherroa (Eds.), *Parenting across the lifespan: biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter.
- Le Camus, J. (2000). *Le vrai rôle du père*. Paris: Editions Odile Jacob.
- Levy-Schiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: some further exploration. *Developmental Psychology*, 24, 434-440.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Magill-Evans, J., Harrison, M. J., Rempel, G., & Slater, L. (2006). Interventions with father of young children: systematic literature review. *Journal of Advanced Nursing*, 55(2), 248-264.
- Manfroí, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59-69.
- Marchetto, M. V. (2010). *Mudanças no ciclo de vida familiar a partir da adoção* (Trabalho de conclusão). Familiar Instituto Sistêmico, Florianópolis, Brasil.
- Marcos, H. (1995). Mother-child and father-child communication in the second year: a functional approach. *Early Development and Parenting*, 4(2), 49-61.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. de O., Silva, I. M., Lopes, R. de C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão

intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123–132.

Mazet, P., & Stoleru, S. (1993). *Psychopathologie du nourrisson et du jeune enfant* (2 éd.). Paris: Masson.

McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., & Vaughn, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54, 360-372.

McBride, B. A., & Rane, T. R. (1998). Parenting alliance as a predictor of father involvement: an exploratory study. *Family Relations*, 47, 229-236.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395–409.

Moraes, C. L.; Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar a violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, 163-175.

Mundstock, E. C., Fachel, J. M. G., Camey, S. A., Agranonik, M. (2006). Introdução à Análise Estatística utilizando o SPSS 13.0. Cadernos de Matemática e Estatística. Série B: Trabalho de Apoio Didático. Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 06 de setembro de 2011. Obtido em http://www.mat.ufrgs.br/~camey/SPSS/Introdu%20E7%E3o%20E0%20An%20lise%20Estat%20EDstica%20utilizando%20o%20SPSS%2013_0.pdf.

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. Koller (Orgs.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. (pp. 55-69). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Nunes, S. A. N., & Vieira, M. L. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos no estudo do comportamento paterno. *Psicologia Argumento*, 27(57), 103–115.
- Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47, 237–238.
- Paquette, D. (2004b). La relation père-enfant et l'ouverture au monde. *Enfance*, 2, 205–225.
- Paquette, D. (2004c). Le rôle du père dans la capacité du garçon à gérer son agressivité. *Revue de psychoéducation*, 33, 61–73.
- Paquette, D. (2004d). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193–219.
- Paquette, D. (2005). Plus l'environnement se complexifie, plus l'adaptation des enfants nécessite l'engagement direct du père. *Enfances, Familles, Générations.*, 3. Recuperado em 10 de outubro de 2013. Obtido em <http://www.erudit.org/revue/efg/2005/v/n3/012533ar.html>
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180, 33–50.
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associating variables. *Infant and Child Development*, 9, 213–230.
- Paquette, D., Coyl-Shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2012). Fathers and development: New areas for exploration. *Early Child Development and Care*, 183(6), 735–745.
doi:<http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2012.723438>
- Paquette, D., Eugène, M.M., & Claes, M. (2010). Construction et validation d'une mesure de l'engagement paternel: le questionnaire d'ouverture au monde pour adolescents (QOMa). *Revue québécoise de psychologie*, 31(2), 201–214.

- Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M. N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99-122). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: being and becoming a parent*. (Vol. 3, pp. 27-74). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clinica*, 19(2), 57-69.
- Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. de C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento Paterno aos Três Meses de Vida do Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Pilz, E. M. L., & Schermann, L. B. (2007). Determinantes biológicos e ambientais no desenvolvimento neuropsicomotor em uma amostra de crianças de Canoas/RS. *Ciênc Saúde Coletiva*, 12(1), 181-190.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In Lamb, M. E. *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H., & Pleck, E. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In Lamb, M. E. *The role of the father in child development*. (pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C, Garotti, M., Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia* (26), 67-79.
- Polônia, A. C., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner: Contribuições para o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior. *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*. (pp. 71-89). Porto Alegre: ARTMED

- Prado, L. C. (1996). O bebê inaugura a família: A terapia pais-bebês. In L. C. Prado (Ed.), *Famílias e Terapeutas: construindo caminhos* (pp. 97–130). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41-50.
- Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, 34, 313–334.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Revisando a Inserção Ecológica: uma Proposta de Sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160-169.
- Rowe, M. L., Coker, D., & Pan, B. A. (2004). A comparison of father's and mother's talk to toddlers in low-income families. *Social Development*, 13(2), 278-291.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Schultz, N. C. W., Duque, D. F., Silva, C. F. da, Souza, C. D. de, Assini, L. C., & Carneiro, M. da G. de M. (2012). A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 247–254.
- Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Schober, P. S. (2012). Paternal child care and relationship quality: A longitudinal analysis of reciprocal associations. *Journal of Marriage and Family*, 74(2), 281–296. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00955.x
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.

- Simões, R., Isabel, L., & Maroco, J. (2010). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(2), 339–356.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- Starrels, M. E. (1994). Gender differences in parent-child relations. *Journal of Family Issues*, 15(1), 148-165.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174–185.
- Tomasello, M., Conti-Ramsden, G., & Ewert, B. (1990). Young children's conversations with their mothers and fathers: differences in breakdown and repair. *Journal of Child Language*, 17(1), 115-130.
- Toneli, M. J., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2006). *Paternidade e cuidados: diferentes olhares teórico-metodológicos em Psicologia*. (Relatório de pesquisa não publicado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In L. V. C. Moreira & A. M. A. Carvalho (Eds.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (pp. 209–231). São Paulo: Paulinas.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle*. (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2010). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência* (9 ed.). Campinas: Papirus.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos Empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (2), 36-52.

- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea. In A. Wagner & Colaboradores (Eds.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 187-196). Porto Alegre: Artmed.
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering?: An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21, 508-527. doi:10.1177/0891243207304973
- Wendt, N. (2006). *Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63, 136-154.
- Zaouche-Gaudron, C. (2001). Contribution à l'analyse de l'implication paternelle. *Revue européenne de psychologie appliquée*, 51, 69-75.
- Zaouche-Gaudron, C., & Le Camus, J. (1996). Analyse des processus de subjectivation au travers de la relation père-nourrisson. *Psychiatrie de l'enfant*, 39, 251-296.
- Zaouche-Gaudron, C., Ricaud, H., & Beaumartin, A. (1998). Father-child play interaction and subjectivity. *European Journal of Psychology of Education*, 13, 447-460.

APÊNDICES

Apêndice A – Declaração Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Núcleo de Desenvolvimento Infantil

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo**, e cumprirei os termos da Resolução 466/2012 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis,/...../.....

Apêndice B – Carta Convite



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CARTA CONVITE

Prezado pai,

Gostaria de convidá-lo a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em Florianópolis sobre Envolvimento Paterno.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a entrevistas e questionários que abordam o tema da pesquisa. Sua identidade será mantida em sigilo. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais (somente o pai) de crianças entre 4 a 6 anos. O pai deve morar com a criança ou ter convivido por pelo menos um ano com a mesma. Sua opinião é de extrema importância para que possamos compreender como se dá a participação do pai no desenvolvimento dos filhos. Caso aceite participar, gostaria de agendar uma data e horário para a realização da pesquisa, a qual poderá acontecer na instituição.

_____(nome)_____, endereço _____

_____(local)_____.

Para qualquer dúvida, por favor entrar em contato com a pesquisadora Mariana Schubert Backes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 37214127 ou pelo e-mail mari_backes@hotmail.com.

Atenciosamente

Mariana Schubert Backes

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Eu, Mariana Schubert Backes, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o, a participar do processo de coleta de um projeto sobre envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo, coordenado pelos professores Mauro Luis Vieira e Maria Aparecida Crepaldi, pelo Departamento de Psicologia da UFSC. Esta pesquisa que se intitula “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, tem como objetivo investigar o envolvimento paterno e sua relação com variáveis sociodemográficas, interação familiar e desenvolvimento infantil. Esse estudo justifica-se por sua relevância social, pois, o maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno irá contribuir para que o pai possa desempenhar ainda melhor sua função. Além disso, como há poucos estudos sobre a temática proposta nessa pesquisa, em termos científicos esse estudo irá contribuir para o avanço do conhecimento, e consequentemente, no progresso da ciência. Sua participação acontecerá por meio do seu consentimento em responder a uma entrevista semiestruturada (gravada em áudio), um questionário sócio-demográfico, um questionário sobre envolvimento paterno (QEP) e um sobre abertura ao mundo (QOM). O seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-los, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. É provável que a pesquisa permita uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre o envolvimento paterno. Porém, visto que algumas questões irão abordar questões do seu cotidiano familiar que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC). A sua participação é absolutamente voluntária, não

remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento, antes e durante a pesquisa. Você é livre para recusar a dar resposta a qualquer questão enquanto estiver respondendo o questionário, parar ou desistir da participação a qualquer momento. Caso você opte por deixar de participar da pesquisa, você pode notificar os pesquisadores por meio dos telefones ou e-mails de contato que se encontram no final deste documento. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Esclareço que será feito a devolução dos resultados da pesquisa à instituição que possibilitou o acesso aos participantes, em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu,
abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar dessa pesquisa. RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Maria Aparecida Crepaldi

Fone: (48) 3721-8560

E-mail: maria.crepaldi@gmail.com

Pesquisadora

Mestranda: Mariana Schubert Backes.

Fone: (48) 84668260

E-mail: mari_backes@hotmail.com

Apêndice D – Informações adicionais sobre os pais e mães (Dados Sociodemográficos)

Tabela 13

Dados Sociodemográficos da mãe

Variáveis	Média (Desvio-padrão) ou frequência e porcentagem (%)	Mediana (mínimo e máximo)
Idade da Mãe	35,30 (DP= $\pm 6,89$)	34,50 (22, 47)
Escolaridade materna em anos	17,15 (DP= $\pm 3,731$)	16,50 (10, 24)
Escolaridade em faixas:		
Ensino Médio Completo	1 (5%)	
Ensino Superior Incompleto	3 (15%)	
Ensino Superior Completo	7 (35%)	
Pós-Graduação	9 (45%)	
Renda da mãe	2090,00 (DP= $\pm 1991,00$)	1750,00 (0, 7500)
Jornada de Trabalho da mãe		
15 horas semanais	1 (5%)	
20 horas semanais	6 (30%)	
30 horas semanais	3 (15%)	
40 horas semanais	10 (50%)	
Profissão da mãe		
Assistente Administrativa	1 (5%)	
Bióloga	1 (5%)	
Bioquímica	1 (5%)	
Consultora SENAC-SC	1 (5%)	
Corretora de Imóveis	1 (5%)	
Estagiária Bancária	1 (5%)	
Estudante	3 (15%)	
Fonoaudióloga	1 (5%)	
Gastrônoma	1 (5%)	
Médica Veterinária	1 (5%)	
Música	1 (5%)	
Professora Universitária (Instituição Pública)	4 (20%)	
Servidora Pública (Cargo Administrativo)	3 (15%)	

Tabela 14
Profissão do pai

Variável	Mediana e porcentagem (%)
Profissão do Pai	
Analista de Suporte	1(5%)
Autônomo	1(5%)
Contabilista e Pastor	1(5%)
Estudante	1(5%)
Militar	2(10%)
Músico	1(5%)
Professor Universitário (Instituição Pública)	5(25%)
Servidor Público (Cargo Administrativo)	8(40%)

ANEXOS

Anexo A – Questionário Sociodemográfico

CÓDIGO:_____ DATA:_____

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Instrumento adaptado de Vieira (2010) e demais colaboradores do NEPeDI, o qual foi produzido no projeto de pesquisa “Valores, crenças e práticas parentais em diferentes contextos: integração entre fatores bio-psicológicos e culturais”¹²

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

DADOS DA FAMÍLIA

1. Cidade de residência

(☐) Florianópolis(☐) Outro. Especifique: _____

2. Pessoas que moram na casa (parentesco e idade – incluir o respondente).

3. Em que período a “criança-focal” frequenta a escola?

Manhã (☐); Tarde (☐); Integral (☐)

¹² Vieira, M. L. (2010). Valores, crenças e práticas parentais em diferentes contextos: integração entre fatores bio-psicológicos e culturais (Projeto de Pesquisa). Questionário sociodemográfico. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil - Universidade Federal de Santa Catarina.

4. Escolaridade

Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de sua companheira?

	Respondente	Companheira
Não alfabetizado		
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto		
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto		
Ensino fundamental completo		
Ensino médio incompleto		
Ensino médio completo		
Ensino superior incompleto		
Ensino superior completo		
Pós-graduação		
Não sabe		
ANOS CONCLUÍDOS		

Renda Familiar

	Respondente	Companheira
5. Profissão		
6. Atividade atual		
7. Jornada de trabalho (que dias trabalha por semana e as horas que trabalha por dia)		

8. Você tem empregada/babá: () sim () não

9. Quem cuida da criança quando ela não está na escola:

10. Quem leva a criança para a escola? E quem busca?

11. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua?

() sim () não

Quem? _____ Qual? _____

12. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu/sua companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado... (Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
Respondente			
Companheiro(a)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			

13. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

() Sim

() Não

() Não sei

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme opções a seguir:

() Menos de R\$100,00 () R\$801,00 a R\$1.000,00

() R\$101,00 a R\$200,00 () R\$1.001,00 a R\$1.300,00

() R\$201,00 a R\$300,00 () R\$1.301,00 a R\$1.600,00

() R\$301,00 a R\$400,00 () R\$1.601,00 a R\$2.000,00

() R\$401,00 a R\$500,00 () R\$2.001,00 a R\$3.000,00

() R\$501,00 a R\$600,00 () R\$3.001,00 a R\$4.000,00

() R\$601,00 a R\$800,00 () Acima de R\$4.000,00

14. Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda): _____

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria () Casa de Madeira () Casa Mista ()

Observações:

Anexo B – Entrevista Semiestruturada de Envolvimento Paterno

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE ENVOLVIMENTO
PATERNO**

Instrumento elaborado por Bueno, Vieira e Crepaldi (2012b)¹³,
com perguntas adaptadas de Bossardi e Vieira (2012)¹⁴

Experiência de ser pai

1) Como é para você a experiência de ser pai?

2) Como você se descreve como pai?

(Se não mencionar, explorar:)

- Como você avalia sua participação na vida do seu filho? (motivação e habilidades)

3) O que sua esposa, amigos e familiares comentam sobre você como pai? (suporte)

Responsabilidade

4) Como você participa na organização das tarefas da casa e dos cuidados com o(s) filho(s)?

- Que tarefas você assume com relação ao seu filho? (ver o tempo que demora e a frequência com que é feita) E com relação à casa?

Disponibilidade

5) Me fale do seu dia-a-dia: em que momento você costuma estar com seu filho (ou filha) durante a semana e nos finais de semana? (Se não mencionar, explorar:)

- Quanto tempo fica junto durante os dias de semana? E nos finais de semana?

Interação

6) E o que você faz quando está junto com ele/ela (atividades ou tarefas que realiza)? (explorar durante a semana e nos finais de semana)

(Se não mencionar, explorar:)

¹³ Bueno, R. K.; Vieira, M. L.; Crepaldi, M. A. (2012b). Entrevista semiestruturada de envolvimento paterno. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

¹⁴ Bossardi, C. N.; Vieira, M. L. (2012). Entrevista. Instrumento não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil.

- Do que brinca, sobre o que conversa?
- Quais programas e atividades seu filho mais gosta de fazer? (perguntas indiretas para verificar o envolvimento)
- Nessas atividades está apenas você ou sua companheira está junto? Ela interfere? Como? (suporte)
- Na sua opinião, sua companheira ajuda ou atrapalha sua participação no cuidado com a criança? Existe alguma atividade que ela não deixa ou não gosta que você realize com seu filho(a)? Dê exemplo.
- Dentre essas atividades ou tarefas, qual ou quais as que você realiza com maior frequência? E qual você mais gosta?
- *Se o pai cuida do filho ou demonstra envolver-se nos cuidados:* Percebi que você cuida do seu filho, com quem aprendeu a cuidar dele? (habilidades)

Fatores que interferem no envolvimento paterno

- 7) O que você pensa que facilita no seu envolvimento com seu filho?
- 8) E o que você pensa que dificulta?
- 9) Você acha seu filho parecido com você? Em quê?
- 10) Como seu pai era como pai? (motivação)
(Se não mencionar, explorar:)
- É ele que você tem como modelo de pai ou outra pessoa exerceu essa função em sua vida?
- O que você considera que repete do seu pai/pessoa que exerceu essa função?
- Você considera que seu jeito de ser como pai é semelhante ao dele?
- O que você acredita que faz diferente?
- 11) Quando acontece algum conflito (briga ou discussão) com sua esposa, como é sua relação com seu filho(a)? (relacionamento conjugal)
- 12) Como você descreve o jeito do seu filho? Como é lidar com ele? (explorar como o pai percebe que educa o filho) (habilidades)
- 13) O que você faz quando _____ (criança focal) não te obedece?
- 14) Tem mais alguma coisa você deseja falar ou acrescentar sobre o que conversamos?